

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

**As redes sociais e os novos fluxos de
agendamento: uma análise da cobertura da Al
Jazeera durante a Primavera Árabe**

Gustavo Chaves Lopes

Brasília

– Março de 2014 –



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

As redes sociais e os novos fluxos de agendamento: uma análise da cobertura da Al Jazeera durante a Primavera Árabe

Gustavo Chaves Lopes

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, na linha de pesquisa Jornalismo e Sociedade.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Thaís de Mendonça Jorge (FAC-UnB - orientadora)

Prof. Dr. Salem Nasser (FGV-SP)

Prof. Dr. Tiago Quiroga (FAC-UnB)

Prof. Dr. Pedro Russi (FAC-UnB)

Brasília
Março de 2014

Resumo

A pesquisa tem como objetivo investigar o papel das redes sociais na construção da agenda midiática no contexto do movimento que ficou conhecido como Primavera Árabe. Para tanto, propomos a hipótese de que as redes sociais transferiram sua saliência para a agenda midiática, criando novos fluxos de agendamento e tensionando a concepção clássica da Teoria do Agendamento. O trabalho pretende se aprofundar no estudo desta teoria, sobretudo nas recentes atualizações que Maxwell McCombs, um de seus autores, fez acerca do *Agenda-Setting*. Além disso, abordará a temática das redes sociais desde uma perspectiva mais ampla, explorando o conceito de Sociedade em Rede, proposto por Castells, até uma leitura mais tecnológica, passando por referenciais teóricos que se aproximem da área da comunicação, de uma forma geral, e da temática da pesquisa, especificamente. Será também objeto de investigação o contexto geopolítico em que se deram os movimentos, os desdobramentos sociais, a repercussão das mobilizações em outras partes do mundo - gerando manifestações semelhantes - e as possíveis transformações que elas engendraram. Essa exploração será ancorada em análise de conteúdo, tendo como *corpus* o portal em inglês da rede catariana Al Jazeera, com foco específico na cobertura da Primavera Árabe no Egito.

Palavras-chave: Redes sociais, Agendamento, Primavera Árabe, Novos Fluxos, Egito, Mobilização Política.

ABSTRACT

The research aims to investigate the role of social networks in building the media agenda in the context of the movement that became known as the Arab Spring. To this end, we propose the hypothesis that social networks moved their themes highlighting to the media's agenda, creating new streams and tensing the classical conception of the Theory of Agenda. The work aims to deepen the study of this theory, especially in recent updates that Maxwell McCombs, one of the authors made about the agenda-setting. In addition, it will approach the theme of social networks from a broader perspective, exploring the concept of the Network Society, proposed by Castells, until a more technological theme, through theoretical frameworks that approximate the area of communication, in general, and research in the area, specifically. Will also be subject to investigation the geopolitical context in which it gave the movements, social developments, the impact of the demonstrations in other parts of the world - generating similar events - and the possible changes they engendered. This exploration will be anchored in content analysis, with the corpus of the portal in english Qatari network Al Jazeera, focusing specifically on the coverage of the Arab Spring in Egypt.

Keywords: Social networks, Agenda, Arab Spring, New Flows, Egypt, Political Mobilization.

- Aos povos árabes e sua inspiradora e histórica luta por liberdade!
- Aos homens e mulheres que compartilham desses ideais!

Agradecimentos

A realização deste trabalho não seria possível sem a contribuição de inúmeros parceiros, que agora agradeço.

- Ao Programa de Pós Graduação da FAC-UnB, por acreditar no meu projeto e pela oportunidade de desenvolvê-lo.
- À Capes, pelo incentivo via Bolsa de Estudos. Torço para que esse incentivo alcance cada vez mais pesquisadores.
- Aos professores do PPG, sobretudo aos da linha de Jornalismo e Sociedade. Em especial aos professores Pedro Russi e Tiago Quiroga, pela inspiração.
- À professora Thaís de Mendonça Jorge, minha orientadora, pela autonomia permitida e pelas correções precisas.
- À equipe do PPG, Regina e Luciano, pela inestimável ajuda ao longo do Mestrado.
- À Verinha, da Copa, que tantas vezes nos manteve acordados com seus cafés.
- Aos meus colegas pelo companheirismo, em especial ao Cláudio (xirú), à Gabriella e à Luciana, pela amizade construída ao longo desses anos.
- Ao meu filho João, parceiro de trabalho, que acompanhou desde o início a gestação desse texto. Ao meu filho Rodrigo, que nasceu durante o Mestrado e também deu sua contribuição. Filhotes, obrigado pela inspiração eterna!
- E agradeço especialmente à Daniela, minha mulher, amiga, companheira e cúmplice. Por segurar a barra de minha presença/ausência, por estar sempre ao meu lado e por ter me dado esses dois presentes. Além de ter plantado comigo as sementes deste projeto. Te amo, nega!

Sirvam nossas façanhas de modelo a toda Terra!

Hino da República Rio-Grandense

Sumário

Introdução -	9
Hipótese –	18
Objetivos –	19
Justificativas –	20
Capítulo 1 – Teórico Metodológico –	22
1.1 Referencial Teórico	22
1.2 Procedimentos Metodológicos	30
Capítulo 2 - Primavera Árabe -	34
2.1 Aspectos Geopolíticos do Mundo Árabe -	35
2.1.2 Nacionalismo Árabe -	40
2.2 Egito -	42
2.2.1 Aspectos socioeconômicos -	46
2.3 Primavera Árabe -	51
2.3.1 O começo -	52
2.3.2 Ventos da mudança -	53
2.3.3 Cronologia das manifestações no Egito -	56
Capítulo 3 - Al Jazeera -	61
3.1 Cobertura da Primavera Árabe -	63
3.1.1 Nem tudo são flores -	63
3.2 O modelo Al Jazeera -	65
Capítulo 4 - Redes sociais -	71
4.1 Sociedade em rede –	71
4.2 Elementos das redes sociais -	75
4.3 Facebook –	77
4.4 Twitter -	78
Capítulo 5 - Mobilizações sociais e democracia direta -	80
5.1 Origens do discurso democrático -	81
5.2 Redes de emancipação -.....	88
Capítulo 6 – Novos Fluxos - Análise do corpus -	93
Considerações finais –	99
Referencias bibliográficas –	103
Anexo I – Reprodução de matérias da Al Jazeera analisadas -	109
Anexo II – Lista de matérias e respectivos links -	173
Apêndice I – Tabelas de Análise -	176
Apêndice II – Entrevistas fontes -	186

Introdução

As redes sociais sempre existiram. O ser humano, ao longo de sua existência, sempre estabeleceu laços pessoais, vínculos relacionais e, portanto, redes sociais. Elas são formadas por estruturas sociais compostas por pessoas que partilham valores e objetivos comuns. Reconhecendo esse caráter anterior das redes sociais, nos deteremos aqui no conceito mais atual, que considera uma rede social aquela que conecta pessoas por meio de computadores¹ (RECUERO, 2009).

As redes sociais *on-line* surgiram como parte da Web 2.0, definida como uma nova forma de usar a Internet, baseada em ambientes interativos, participativos e de construção coletiva e colaborativa de conteúdo. As redes sociais são movidas por aplicativos que caracterizam a nova geração de serviços na Internet. Nós nos debruçaremos mais detidamente sobre esses conceitos em capítulo específico.

A temática das redes sociais como ferramentas de mobilização política da sociedade vem despertando o interesse e o debate na mídia², na academia e no público de forma geral. Manifestações organizadas a partir de mensagens trocadas na rede ganharam grande repercussão a partir do final do ano de 2010 e início do ano de 2011, em países do norte da África e Oriente Médio, multiplicando-se pela Europa, Estados Unidos e várias partes do mundo. Tornou-se assim cada vez mais frequente identificar a presença (ou a tentativa) de mobilização motivada por diferentes demandas, utilizando as redes sociais como ferramentas de organização.

Essas mobilizações, que Castells (2011) chama de *wikirevoluções* - por seu caráter de construção colaborativo e descentralizado, sem lideranças definidas e sem conotação partidária - modificaram o fluxo de informação tradicional, passando elas mesmas a produzir e consumir conteúdo informativo. O objetivo central deste trabalho é identificar se esses novos fluxos são capazes de alterar o agendamento tradicional da mídia, descrito nos estudos iniciais de

¹ Poderemos empregar ao longo desta dissertação os termos redes virtuais ou mídias sociais como sinônimos de redes sociais.

² Utilizaremos neste trabalho o significado de mídia referenciado na Enciclopédia Básica da Mídia Eletrônica: Mídia 1. *Meios de comunicação (rádio, televisão, jornal, etc.)*. (PIZZOTTI, 2003, p. 175).

McCombs e Shaw (1972) e se esses novos conteúdos propagados por pessoas ou grupos levam a mudanças na pauta da imprensa.

O uso massivo das redes sociais, notadamente Twitter e Facebook, acabou tornando-se fonte para a mídia do mundo inteiro, que de início não tinha acesso ao que estava acontecendo no Oriente Médio e norte da África. Em tempo real, textos, fotos e vídeos eram postados nos servidores do Twitter, Facebook³ e Youtube⁴, possibilitando ao mundo ter acesso aos acontecimentos e conhecer a real dimensão das manifestações. As redes sociais teriam assumido nesse momento o papel de garantidores da liberdade de expressão, liberdade de informação e, até mesmo, da liberdade de imprensa.

Segundo os autores da Teoria do Agendamento ou Agenda Setting, Maxwell McCombs e Donald Shaw, em sua concepção clássica ela seria “a habilidade de influenciar a saliência dos tópicos da agenda pública”, ou a relevância que os veículos noticiosos atribuem aos fatos. Nesse sentido, a agenda da mídia influencia a agenda do público (MCCOMBS, 2009). Em outras palavras, a mídia teria a capacidade de pautar os assuntos de interesse da sociedade.

Já Primavera Árabe é um movimento iniciado em dezembro de 2010, na Tunísia. O fator desencadeante foi a autoimolação do vendedor ambulante Mohamed Bouazizi, na cidade de Sidi Bouzidi, em protesto contra a corrupção policial. Milhares de manifestantes tunisianos saíram às ruas para protestar contra o governo do presidente Zine el-Abdine Ben Ali, que não resistiu à pressão popular e buscou exílio da Arábia Saudita. Trataremos da Primavera Árabe em capítulo específico, no qual buscaremos analisar as origens e características do movimento, bem como o contexto social no qual ele surgiu.

O exemplo da Tunísia encorajou outros países da região a seguir o mesmo caminho. Em poucos dias, o Mundo Árabe⁵ foi sacudido por ondas

³ Twitter, Facebook são as redes sociais mais usadas pelos manifestantes na Primavera Árabe e, nesse contexto, serão analisadas neste trabalho.

⁴ O Youtube é um site de hospedagem de vídeos. Também serviu como ferramenta de divulgação durante os protestos na Primavera Árabe.

⁵ O conceito de Mundo Árabe remonta ao início do movimento arabista no final do séc. XIX e início do século XX. Abrange geograficamente a região do Magreb, que indica o “poente” (da Líbia à Mauritânia); do Macherq, o “levantante” (que vai do Egito ao Iraque); e o Khalíf (Estados do Golfo e da Península Arábica). (FARAH, 2011). O termo é comumente atribuído à Michel ‘Aflaq, fundador do partido Baath. (FERABOLLI, 2009).

revolucionárias que repercutiram em todo o planeta. Logo, Egito, Líbia e Iêmen, veriam suas populações nas ruas exigindo reformas políticas. Não demorou para que governos fossem depostos nesses países. Omã, Jordânia, Marrocos, Argélia, Arábia Saudita, entre outros países da região, sentiram a força das revoltas populares, ainda que com menor intensidade.

Em comum nessas manifestações, resguardadas as demandas características de cada país, o fato dos manifestantes terem se utilizado das redes sociais para se mobilizar e driblar a censura imposta pelos governantes aos meios de comunicação locais, bem como ao trabalho da imprensa internacional (ANDERSON, BÉNILDES, PUDDEPHATT, RODRIGUEZ, 2011; CASTELLS, 2012), parecendo inverter o fluxo clássico da Teoria do Agendamento, isto é: não seria mais a mídia que pauta a sociedade, mas a sociedade é que iria pautar a mídia.

Em pouco tempo, as mobilizações se espalharam pelos países do norte da África e do Oriente Médio, criando o movimento que viria a ficar conhecido como Primavera Árabe, provocando mudanças profundas na região, com repercussão para além dos limites regionais (RODRIGUEZ, 2011; CASTELLS, 2012).

Este trabalho pretende investigar o uso das redes sociais como ferramenta de mobilização social e fonte de informação midiática durante a onda revolucionária que atingiu países do Oriente Médio e norte da África a partir de dezembro de 2010. Então, o problema que se coloca a esta investigação é: em que medida as redes sociais inverteram a teoria do agendamento (agenda setting) no contexto do movimento que ficou conhecido como Primavera Árabe? Ou seja, pode-se falar em uma inversão no fluxo do agendamento, com a sociedade pautando a mídia e não mais o contrário, como propunha a teoria do agendamento em sua concepção clássica?

O que propomos com este trabalho é, justamente, pensar em um novo fluxo deste agendamento. Assim, a agenda do público (em nossa hipótese), ou o que o público considera importante, num determinado momento, pode tornar-se a agenda da mídia e ocupar o espaço de veículos informativos, tanto tradicionais (meios impressos, rádio, televisão, agências de notícias) como

portais de internet. Dito de outra forma, as redes sociais teriam conseguido transmitir sua saliência – temas que aparecem com destaque e relevância nas trocas de mensagens via rede mundial de computadores - para a agenda midiática.

Essa problematização modificou-se pontualmente em relação ao projeto original, sobretudo em relação ao *corpus* a ser analisado. Inicialmente, pretendíamos estudar o papel das redes sociais nas mobilizações políticas da sociedade. Porém, pareceu-nos oportuno aprofundar essa análise, pesquisando o alcance das redes sociais na construção da notícia.

No entanto, a essência das indagações que motivaram esta pesquisa continua inalterada. A Teoria da Agenda (*agenda-setting*, que muitos autores ainda entendem como hipótese) é a principal referência teórica deste trabalho, ainda que com um enfoque diferente da proposta clássica da teoria, como veremos mais adiante.

Quanto ao *corpus* escolhido, a ideia inicial era fazer uma análise das notícias publicadas em dois jornais: *Le Presse* (Tunísia) e *Al Ahram* (Egito). No entanto, percebeu-se que, sendo esses jornais alinhados aos antigos regimes autocráticos vigentes nos respectivos países, seria difícil verificar a influência das redes sociais na agenda midiática. Portanto, o foco deslocou-se para a análise de um outro corpus: o portal em inglês da rede catariana Al Jazeera, que será analisado em capítulo específico.

Nossa justificativa para a escolha deu-se não apenas pelo distanciamento político dos eventos, já que o Catar, país localizado no nordeste da Península Árabe, não registrou manifestações da Primavera, mas também (e principalmente) pela forma com que a emissora lidou com o conteúdo produzido pelos manifestantes nas redes sociais. Marc Lynch (2011), especialista em Oriente Médio, afirmou em artigo no site *foreignpolicy.com* que “a Al Jazeera se adaptou ao novo ambiente midiático ao recorrer rápida e criativamente aos conteúdos gerados pelo público” Detalharemos mais tarde as características da emissora e de que forma ela fez uso das informações produzidas pelos manifestantes.

Explicamos o novo foco de análise e estabelecemos qual o referencial teórico central será usado. Falta justificar a escolha de um evento tão distante (cultural e geograficamente) da realidade brasileira para ser estudado. A decisão de nos debruçarmos sobre os eventos da Primavera Árabe e elegê-los como objeto empírico se deu por vários motivos. Entre eles podemos citar o fato de boa parte dos países do chamado Mundo Árabe viver sob regimes ditatoriais e, portanto, sob variados níveis de censura. Neste caso, a alternativa encontrada pelos manifestantes para expressar suas demandas, que poderia representar o estabelecimento de novas agendas, despertou interesse e propôs diversas indagações.

Outro motivo é o fato de que as manifestações ocorridas naquela região foram, de alguma maneira, exportadas para diversas partes do mundo: o Occupy Wall Street⁶ (EUA) e o Indignados⁷ (Espanha) são alguns dos exemplos de movimentos tributários da Primavera Árabe. As recentes manifestações ocorridas no Brasil (junho de 2013) também seguem uma lógica semelhante, já que também se utilizaram das redes sociais para mobilizar a participação de manifestantes. Some-se a isso a importância histórica e a surpresa causada pela intensidade das manifestações, como interpretou Puddephat:

Tais acontecimentos no Mundo Árabe surpreenderam, chocaram e impressionaram pessoas de todo o mundo. [...] Diplomatas e analistas de política externa ficaram surpresos e estupefatos. Ninguém antecipou a velocidade e a escala da mudança na região. Ninguém intuiu, previu ou imaginou tais acontecimentos (PUDDPHAT, 2011, p. 19).

Dentro deste cenário, para delimitar a área de pesquisa, nos ocuparemos em especial do Egito, por razões que exporemos adiante. A princípio, cabe dizer que esse é um dos principais países árabes, vivia sob o regime ditatorial do presidente Hosni Mubarak há mais de 30 anos, tem forte influência na região e guarda as características que entendemos ideais para a análise que propomos: meios de comunicação sob o controle do estado, mobilização da sociedade por meio das redes sociais, ressonância na mídia internacional, entre outras razões.

⁶ O Occupy Wall Street foi um movimento que surgiu em setembro de 2011 nos Estados Unidos tinha como objetivo, basicamente, protestar contra o sistema financeiro. Mais informações sobre essa e outras mobilizações sociais no capítulo 4.

⁷ Manifestações iniciadas na Espanha, em maio de 2011, que protestavam contra o sistema político, o desemprego e a corrupção no governo.

Além disso, conhecer um pouco mais a história recente do Egito nos ajuda a contextualizar as revoltas sociais que lá aconteceram. Mas, a principal razão para termos escolhido o país para apontarmos a lente de nossa análise é a importância e ressonância que o país tem no Mundo Árabe. Ou seja, o que acontece lá tem reflexo direto na região.

Como dissemos, na maioria dos países do Mundo Árabe a mídia é (ou era) dominada pelos governos que, por sua vez, estavam muito longe do que se costuma chamar democracia. Ou seja, não havia eleições livres, liberdade de expressão ou de imprensa. Basicamente, tais países eram comandados por governos despóticos, que não haviam sido legitimamente eleitos. Assim, as redes sociais “semearam a palavra democrática nos ventos da história” (BÉNILDES, 2011, p. 37), e podem ter estabelecido um canal alternativo de notícias que passou a pautar a mídia, sobretudo a internacional, que as utilizaram como fonte, tanto para realizar a apuração dos fatos em primeira mão, quanto na tentativa de furar os bloqueios e a contra informação da mídia oficial.

O fato de que os países árabes envolvidos nestas manifestações vivem (ou viviam) sob variados níveis de censura e totalitarismo é significativo. Ainda que haja um maior ou menor grau de garantias individuais, em nenhum deles se permite a plena liberdade de imprensa ou de expressão. Como lembra Andrew Puddephatt, “há muito tempo os meios de comunicação no Mundo Árabe estão sob controle estatal”. Dessa forma, para poder se organizar politicamente e coordenar as manifestações, os jovens lançaram mão das redes sociais como ferramentas de mobilização. Continua Puddephat:

Assim, as mídias digitais ofereciam uma saída para a livre expressão que as mídias tradicionais, monitoradas e controladas pelo governo, não podiam oferecer. O conteúdo compartilhado entre as nações árabes e o resto do mundo incluía vídeos e imagens de pessoas de todas as classes, capturadas por telefones celulares e câmeras digitais (PUDEPHAT, 2011, p. 20).

Enquanto as mídias locais ignoravam os protestos e os jornalistas estrangeiros eram expulsos, presos ou impossibilitados de realizar seu trabalho, as redes sociais (notadamente Twitter e Facebook) assumiram o papel de fontes de informação e notícia, abastecidas pelos próprios cidadãos, furando o bloqueio imposto pelos canais tradicionais de comunicação. Para a jornalista francesa Marie Bénilde, “se hoje a informação pode contornar a censura, escapar de

qualquer contingência e ser amplamente divulgada, é graças à internet e aos espaços de compartilhamento constituídos pelas redes sociais”.

Embora se refira a outro acontecimento (o 11 de setembro)⁸ a descrição de Gillmor (2004), para essa nova lógica de produção de notícias se encaixa com perfeição nesse caso:

[...] desta vez, estava a acontecer mais qualquer coisa, algo de profundo: as notícias estavam a ser produzidas por pessoas comuns, que tinham pormenores a relatar e imagens para mostrar, e não apenas pelas agências de notícias “oficiosas” que, tradicionalmente, costumavam produzir a primeira versão da história. Desta vez, o primeiro esboço estava a ser escrito, em parte, por aqueles a quem as notícias se destinavam. Uma situação tornada possível – era inevitável – pelas novas ferramentas de comunicação disponíveis na Internet. (GILLMOR, 2004, p. 12).

O problema proposto por este trabalho parte da hipótese de que novos fluxos de agendamento seriam estabelecidos pela influência das redes sociais na pauta midiática. Nesta reconfiguração, acredita-se ser possível identificar um novo modelo de agendamento, padrão neste tipo de mobilização social de caráter local - pois as motivações são específicas do contexto econômico e/ou geopolítico - obtendo projeção global.

Com a incorporação da Web 2.0, as rotinas produtivas do jornalismo poderiam sofrer uma inversão da hipótese do agendamento. À primeira vista, a hipótese de agendamento sofre essa eventual inversão à medida que os jornalistas são influenciados pelos assuntos que estão sendo debatidos pela sociedade, por meio das redes virtuais. A mídia estaria sendo pautada pelo que a sociedade veicula por meio das ferramentas disponibilizadas em rede.

Assim, identificam-se no evento denominado Primavera Árabe, elementos suficientes à análise crítica sobre o lugar de fala de “quem pauta quem”, uma vez que é possível discutir o aspecto híbrido adquirido pela díade emissor-receptor: a interferência da mídia oficial; a informação concorrente de jornalistas blogueiros e ligados a determinados grupos midiáticos; o preconizado anonimato da web frente à personificação dos perfis que compõem as comunidades virtuais; o sincronismo das informações divulgadas

⁸ Em 11 de setembro de 2001, terroristas sequestraram quatro aviões comerciais no Estados Unidos, lançando dois contra as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York e um contra o Pentágono, em Washington. O quarto avião, que teria como destino a Casa Branca, caiu (ou foi abatido) na Pensilvânia antes de atingir seu alvo.

nas redes sociais e a questão da verificação da fonte, passando pela concepção da web como ferramenta de emancipação democrática.

Desta forma, também é intenção deste trabalho investigar como se deu a determinação da agenda dos mídias sob a influência das redes sociais, em contraponto com a mídia oficial (tutelada pelo Estado) e a mídia internacional (notadamente o portal em inglês da rede catariense Al Jazeera), tendo como cenário uma wikirevolução, em que a transformação das tecnologias de comunicação cria novas possibilidades para a auto-organização e a automobilização da sociedade, superando as barreiras da censura e repressão impostas pelo Estado (Castells, 2011).

É possível dizer ainda que todos os elementos que devem compor o objeto deste trabalho guardam uma estreita relação com a discussão, nem tão atual quanto parece, sobre o futuro do profissional de jornalismo. Daí a importância de analisar um evento contemporâneo erigido sobre as novas tecnologias de comunicação, arautos da democratização da informação, tendo como base um questionamento sobre a produção da notícia, a relevância dos fatos, a ética profissional e o acesso às fontes do fazer jornalístico.

A crença de que tudo o que fosse publicado na internet poderia ser visto pelo mundo inteiro sustentou, por muito tempo, a hipótese de que a democratização da comunicação iria se consolidar, que todo indivíduo teria a possibilidade de ser ouvido. Embora essa crença tivesse, na realidade, muitas condicionantes, o surgimento da Web 2.0 contribuiu para a democracia, com o uso da internet, potencializando essa capacidade.

A criação de blogs, sites de compartilhamento e, sobretudo, das redes sociais criou um novo cenário, ampliando não apenas o acesso à informação, mas também possibilitando a produção de conteúdo (informativo ou não) pelos usuários, multiplicando exponencialmente as opções de fontes. Esta é a mudança fundamental que levaria à revisão das rotinas produtivas no jornalismo.

Salaverría e Negredo (2008) falam de uma nova relação com o público, de um novo perfil do jornalista nesse processo de convergência midiática. Segundo os autores, o profissional do jornalismo deveria abandonar a visão unidirecional do

processo de comunicação, olhá-lo e praticá-lo de forma multidirecional. Diante dessas mudanças estruturais dos processos de comunicação, nossa hipótese é que o uso das redes sociais como fonte noticiosa possa impactar o fazer jornalístico.

Daí a relevância de apropriar-se de um fato histórico na construção deste estudo, o que possibilita um novo enfoque a respeito de uma teoria já estabelecida, a partir de elementos empíricos.

Hipóteses:

A hipótese central de nossa pesquisa é a de que as redes sociais transferem aquilo que consideram relevante, ou seja, a sua *saliência* (MCCOMBS, 2009, p. 18) para a agenda midiática, criando novos fluxos de agendamento e tensionando a concepção clássica da Teoria do Agendamento, qual seja, de que a mídia determina quais assuntos merecem a atenção do público. Em nossa hipótese, foram as redes sociais que estabeleceram a agenda dos meios de comunicação, em especial do portal em inglês da rede Al Jazeera, dentro do contexto da Primavera Árabe, possibilitando a criação de um novo fluxo de agendamento. Além dessa hipótese central (A), podemos elencar outra, de forma a complementá-la:

B) as informações geradas pelos manifestantes da Primavera Árabe, publicados no Twitter e Facebook foram reproduzidas no portal da rede Al Jazeera, que utilizou conteúdos produzidos pelo público, estabelecendo assim uma eventual inversão de agendamento.

Objetivos

O objetivo principal deste trabalho é o de analisar de que forma (e se) as redes sociais engendraram um novo fluxo de agendamento do público em relação à mídia. Além deste objetivo central, outros servirão como diretrizes na condução desta pesquisa:

- entender se e como se dá o processo deste possível novo fluxo de agendamento, em especial no caso do portal em inglês da Al Jazeera;
- observar se e como o uso das redes sociais como fonte noticiosa impacta o fazer jornalístico;

Justificativa:

A escolha deste tema para a pesquisa se justifica pela atualidade da discussão sobre o impacto das novas tecnologias (em especial das redes sociais) na práxis jornalística. Observamos diferenças nas rotinas – especialmente no que se refere ao “monopólio da fala” que o jornalista estaria perdendo (TRIVINHO, 2012).

Hoje, com novos atores que atuando no campo da comunicação (como blogueiros, ativistas, jornalistas cidadãos), entende-se que a cadeira cativa do jornalista como informador da sociedade já não está garantida, ainda que nem todas as pessoas tenham acesso às tecnologias de informação e, portanto, nem todos tenham voz. Em paralelo a esse fenômeno, as redes sociais exercem um papel relevante no campo da comunicação. Com este trabalho, pretendemos contribuir para a compreensão desse tema.

Focamos nas manifestações da Primavera Árabe por tratar-se de um evento histórico. Autores como Ouro Preto (2011) e Visentini (2012) comparam o movimento a outros acontecimentos históricos, que tiveram repercussão para além de suas demandas iniciais, como a Primavera dos Povos, de 1848, a revolta estudantil de maio de 1968 e a queda do Muro de Berlim, em 1989. Sobre isso, o historiador Eric Hobsbawn disse em entrevista que as revoltas árabes “lembram 1848, uma outra revolução que foi tida como sendo auto impulsionada, que começou em um país (a França) e depois se espalhou pelo continente em um curto espaço de tempo” (WHITEHEAD, 2012).

A escolha do portal da Al Jazeera foi motivada pela importância que essa rede catariense tem no cenário do Mundo Árabe. Com quase 50 milhões de espectadores, a Al Jazeera tem uma crescente influência na região e já foi apontada (inclusive pela ex-Secretária de Estado norte-americana Hillary Clinton) como o melhor canal para se informar sobre o Oriente Médio. A opção pelo portal na internet (www.aljazeera.com) e não pelo canal televisivo (que poderia ser acessado via YouTube), encontra esteio também na Teoria do Agendamento. O italiano Mauro Wolf, um dos principais comentaristas do *Agenda-Setting* (que ele configura como uma hipótese), afirma, baseado em uma pesquisa de McClure e Patterson (1976), que as notícias impressas teriam

uma maior eficácia em determinar a agenda do público, ao passo que os noticiários televisivos teriam uma eficácia reduzida:

As características produtivas dos noticiários televisivos não permitem, portanto, uma eficácia cognitiva duradoira, ao passo que a informação escrita possui ainda a capacidade de assinalar a diferente importância dos problemas apresentados. (WOLF, 1995, p. 133).

O próprio McCombs perceberia esta característica pouco tempo depois de seus colegas McClure e Patterson:

Os jornais são os principais promotores da agenda do público. [...] A televisão tem um certo impacto, a curto prazo, na composição da agenda do público. O melhor modo de descrever e distinguir essa influência, será, talvez, chamar “*agenda-setting*” à função dos jornais e “*ênfatização*” (ou *spot-lighting*) à da televisão. (McCOMBS apud WOLF, 1995, p. 145).

Os tempos são outros, claro. E, o portal não é exatamente um jornal, mas se enquadra dentro do que podemos chamar de informação escrita. Portanto, vamos a ele.

Além disso, interessa especialmente a esse trabalho a forma como a rede teria se apropriado e republicado o conteúdo divulgado pelos manifestantes, durante a Primavera Árabe. A utilização do material produzido pelas pessoas que participavam dos protestos deu a Al Jazeera um diferencial competitivo em relação as demais agências, já que o acesso da imprensa estrangeira nos locais onde as manifestações aconteciam era dificultado pelos regimes no poder nesses países.

Nesse caso, a cadeia de produção jornalística pode ter se modificado, com a apuração e a checagem sendo feitas de novas maneiras, a fonte tendo um papel de produtora da notícia e os fluxos de agendamento sofrendo variações relevantes, como veremos no capítulo que trata da rede catariana e sua cobertura durante a Primavera Árabe.

Capítulo 1

Referencial teórico e Procedimentos Metodológicos

O principal referencial teórico de nossa pesquisa será a Teoria do Agendamento (Agenda-setting). Proposta em 1968 pelos teóricos americanos Maxwell McCombs e Donald Shaw na Universidade da Carolina do Norte, na cidade de Chapel Hill, o que começou como a hipótese do agendamento foi o resultado de uma pesquisa realizada durante a campanha presidencial daquele ano nos EUA. A ideia dos pesquisadores era:

“[...] aplicar um pequeno questionário em eleitores indecisos durante a campanha presidencial dos Estados Unidos seguido de uma sistemática análise de conteúdo de como os veículos noticiosos utilizados por estes eleitores apresentaram os principais temas da campanha” (McCOMBS, 2009, p.10).

Assim surgiu o “estudo de Chapel Hill”, que ficaria conhecido como a origem da Teoria da Agenda. Embora o estudo tenha sido realizado em 1968, a primeira publicação com as hipóteses iniciais da teoria apareceram apenas em 1972, no artigo *The agenda-setting function of mass media-*, publicado na revista *Public Opinion Quarterly*, da Universidade de Oxford.

Esta função de agendamento da mídia seria referendada em sua habilidade “de influenciar a saliência dos tópicos na agenda pública” (McCOMBS, 2009, p. 18). Os autores, em seu texto inaugural, remetem à famosa frase de Bernard Cohen ra ilustrá-lo: “A imprensa, na maior parte das vezes, pode não ser bem sucedida em dizer às pessoas como pensar, mas é espantosamente eficaz ao dizer aos seus leitores *sobre o que pensar*” (McCOMBS in TRAQUINA, 2000, p. 49).

Também por isso a escolha desta teoria nos pareceu muito pertinente à nossa pesquisa. Ainda que tenha havido uma evolução nos conceitos de agendamento, como o próprio McCombs refere tanto no artigo de 1993 *A evolução da pesquisa sobre agendamento: vinte e cinco anos no mercado das ideias*, quanto no livro *A Teoria da Agenda*, publicado no Brasil em 2009, principal fonte de nossa pesquisa, destacamos:

De uma hipótese parcimoniosa sobre os efeitos da comunicação massiva na atenção do público acerca de temas sociais e políticos, esta teoria expandiu-se para incluir proposições sobre as condições contingentes destes efeitos, as influências que estabelecem a agenda da mídia, o impacto dos elementos

específicos das mensagens da mídia, e uma variedade de consequências deste processo de agendamento. A Teoria da Agenda tornou-se um mapa altamente detalhado da agenda da mídia e de seus efeitos (McCOMBS, 2009, p.08).

E é, sobretudo, essa evolução da teoria do agendamento que nos interessou neste trabalho. Justamente porque partimos da hipótese de que há novos fluxos de agendamento, que se distanciam um pouco (ou muito) da concepção clássica da teoria. Recorremos também, para nos aprofundar no estudo da teoria do agendamento, a autores como Nelson Traquina e Mauro Wolf, além de outras pesquisas acadêmicas acerca deste tema.

Ao ressaltar que a teoria do agendamento constitui um mapa intelectual complexo ainda em processo, McCombs procura atualizar a teoria diante dos novos cenários midiáticos.

Mas voltemos à formulação tradicional da teoria, que não perdemos de vista nesta pesquisa, pelo contrário, quisemos tê-la sempre por perto. Originalmente, a investigação partiu de um questionário aplicado por McCombs e Shaw a 100 entrevistados. Perguntava qual era, na opinião dos eleitores (indecisos), o tema mais importante no cenário americano naquele momento (1968)⁹. De outro lado, os pesquisadores analisaram os veículos de imprensa que eram consumidos por aquele público. Entre jornais, revistas e redes de televisão foram estudados 10 diferentes representantes da mídia. A ideia era encontrar correlação entre os itens citados pelos eleitores entrevistados e os assuntos que tiveram saliência na mídia. Em uma escala que variava de +1,0 (correlação perfeita), 0,0 (não há correspondência nenhuma), até -1 (correlação perfeitamente inversa), os pesquisadores chegaram ao índice de 0,967 entre o tema considerado como o mais importante pelo eleitorado e seu respectivo destaque na mídia, o que indicava uma correlação positiva alta entre a agenda midiática e a agenda pública. Ou seja, havia um alto índice de “transferência da saliência” dos temas abordados na mídia para os temas citados pelo público entrevistado.

Os autores sugerem no artigo que mais estudos (psicológicos e sociológicos) deveriam ser feitos para que a hipótese então levantada se consolidasse.

⁹ Para mais detalhes sobre os resultados da pesquisa original consultar: TRAQUINA, Nelson (org.) - O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento. 1.^a ed. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 2000.

Passados 40 anos do artigo seminal do agendamento, mais de 400 investigações empíricas foram realizadas usando como base essa teoria (McCOMBS, 2009, p.09). Evidentemente, as abordagens foram as mais diversas possíveis, ainda que abrigadas sob o guarda-chuva do agendamento.

Esse aspecto agregador da teoria foi muito bem definido por outro teórico norte-americano, John Pavlik, que em uma conversa com o próprio autor¹⁰, comparou a Teoria da Agenda à *Anatomia de Gray*¹¹ (*Gray's Anatomy*), livro clássico norte-americano que foi sendo atualizado ao longo dos anos.

A própria ideia original da teoria parte de uma formulação bem anterior. Foi Walter Lippmann, com seu *Opinião Pública*, de 1922, quem lançou as bases nas quais McCombs e Shaw estabeleceriam sua hipótese. Para Lippmann, “os veículos noticiosos, nossas janelas ao vasto mundo além de nossa experiência direta, determinam nossos mapas cognitivos daquele mundo” (McCOMBS, 2009, p. 19). Para o “pai intelectual do agendamento”, como o chama McCombs, os veículos noticiosos constroem um *pseudoambiente* a partir do qual nos é permitido conhecer o mundo.

Avançando no desenvolvimento da teoria e vislumbrando um cenário com as novas tecnologias da informação tensionando a concepção tradicional da teoria – pela variedade de agendas competindo pela atenção midiática - McCombs enxerga o fim da forma clássica do *agenda-setting*: “Esta é uma visão de futuro baseada numa multiplicidade de agendas da mídia e agendas pessoais com pouca coesão social, uma visão que formula o fim do agendamento como o conhecemos” (McCOMBS, 2009, p. 224).

No entanto, o autor ainda acredita que a mídia manterá sua hegemonia no agendamento do público “pelo menos até que alguém invente um novo tipo de notícias que modifique as audiências das notícias tradicionais”. E prevê que “isso passará a influência do agendamento da mídia noticiosa para as fontes da notícia” (McCOMBS, 2009, p. 226), algo que já tinha sido percebido por Nelson Traquina:

¹⁰ Esta situação foi relatada por McCombs em *A Teoria da Agenda* (2009, p. 13).

¹¹ *A Anatomia de Henry Gray do Corpo Humano* é um clássico livro-texto da área da anatomia. Foi publicado pela primeira vez em 1858, pelo inglês Henry Gray. Com a morte do autor, aos 34 anos, as atualizações continuaram sendo feita por outros autores, mantendo o nome original como homenagem ao pioneiro. Em 2008 foi publicada a 40ª edição britânica da obra

Enquanto as fases iniciais da pesquisa sobre o agendamento se concentravam na questão “Quem determina a agenda pública – e em que condições?”, a mais recente fase de trabalho centrou sua atenção na pergunta “Quem determina a agenda dos media?”. Esta questão tem estabelecido pontes entre a pesquisa sobre o agendamento e várias subáreas das ciências sociais, da comunicação e do jornalismo (TRAQUINA, 2000, p. 128).

Leituras mais atuais da Teoria do Agendamento propõem que os meios de publicação pessoais – blogs, redes sociais, etc. – adquiriram o potencial de criar um agendamento intermediário sobre a mídia hegemônica. O agendamento intermediário seguiria o processo descrito pelo Agenda Setting, porém com o próprio indivíduo produzindo e disseminando discursos para uma audiência potencialmente global, com consequências já perceptíveis no campo midiático tradicional (CAMILO e SILVA, 2013).

Serra (2009), em um estudo sobre a blogosfera¹² portuguesa, aponta cinco elementos pelos quais os blogs influenciam – e impõem – o seu agendamento midiático à mídia hegemônica: furo, publicação, verificação crítica (*watchdog*), amplificação e reenquadramento.

Em nosso referencial teórico, para além do foco na Teoria do Agendamento, usamos como base para o estudo dos fenômenos no mundo árabe o livro *A Primavera Árabe – entre a democracia e a geopolítica do petróleo* (2012), do professor Paulo Fagundes Visentini, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A obra traz aspectos importantes para o entendimento dos movimentos sociais que ocorreram (e ainda ocorrem) no Oriente Médio. O autor traça um panorama histórico da região, revisa os conflitos que estabeleceram a realidade geopolítica contemporânea naqueles países, as guerras ao terrorismo e as consequentes intervenções ocidentais naquela parte do mundo, estabelece as diferenças e semelhanças entre as manifestações nos diferentes países e, por fim, analisa as possíveis reformas sociais conquistadas pela Primavera Árabe.

Além dessa obra, foram referências para este estudo algumas publicações que trataram especificamente do tema, como o dossiê *O Despertar do Mundo*

¹² Termo que compreende o conjunto de todos os blogs existentes na internet. Tem correlação com as redes sociais uma vez que elas também estão inseridas e conectadas nesse universo virtual.

Árabe, produzido por Le Monde Diplomatique, em meados de 2011. Também deste mesmo período veremos o material *Repercussões da Primavera Árabe*, elaborado pela revista Política Externa.

Para estabelecer um contexto histórico-social da região uma de nossas bússolas foi o clássico livro *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, de Edward Said. Essa obra, publicada originalmente em 1978, portanto bem antes dos eventos que analisamos, ainda hoje é referência obrigatória nos estudos sobre o Oriente Médio. Nesse livro, Said problematiza a visão que o mundo ocidental (sobretudo a Europa) criou sobre o Mundo Árabe ao longo de séculos. O autor faz referências às construções simbólicas que se estabeleceram historicamente e que viam aquela região do planeta como “infértil para a democracia e o autogoverno”.

Com o objetivo de compreender o Egito, suas atuais configurações e porque o solo egípcio estava tão fértil para as sementes da revolução, uma de nossas fontes foi Tarek Osman e seu *Egypt on the brink* (2010). Nele o autor faz uma análise profunda da sociedade egípcia, do regime político e das perspectivas de transformação nesse contexto social, pouco antes das manifestações que começaram naquele país em janeiro de 2011.

Para todos esses temas, também buscamos auxílio no jornalista Robert Fisk e sua obra *A grande guerra pela civilização* (2005), que ao longo de quase 1500 páginas resgata as mais de três décadas de experiência do autor na cobertura do Oriente Médio. O livro auxilia na compreensão de contextos específicos da região.

As referências ao capítulo “mobilizações sociais e democracia direta” foram auxiliadas pelos autores Norberto Bobbio, que estabelece conceitos de teoria política, democracia e Estado; Henry Thoreau e sua obra clássica para os elementos de desobediência civil e Immanuel Kant para a ideia de “saída da minoridade”, também entendida como tutela do Estado.

No que tange às redes sociais, um de nossos principais guias foi o catalão Manuel Castells e sua contribuição para o entendimento de nossa sociedade contemporânea em *A sociedade em rede*, na sua versão atualizada de 2010. Essa leitura se fundamenta no fato das redes sociais serem algo anterior à

internet e sua popularização já que o homem, como ser gregário, sempre estabeleceu laços sociais. Em *A galáxia da Internet* (2001) e mais tarde em *Comunicação e Poder* (2009), Castells desenvolve o conceito de *mass self communication* que se apresenta útil a este trabalho, retratando as novas possibilidades de manifestações a partir das transformações das tecnologias de comunicação. Além do conceito de *wikirevolução*, também de sua autoria. Embora o próprio autor reconheça que “a comunicação mediada pela internet é um fenômeno social recente demais para que a pesquisa acadêmica tenha tido a oportunidade de chegar a conclusões sólidas sobre seu significado social” (CASTELLS, 2010, p. 442), e possível encontrar nos seus estudos algumas tendências sobre esse fenômeno.

Mais recentemente, em *Redes de Indignación y esperanza* (2012) o autor trata exatamente da temática da mobilização política por meio das redes sociais, dizendo que os atores sociais (aqui entendidos como os manifestantes que se utilizam das redes sociais para se mobilizar) exercem influência decisiva por meio da produção de uma rede horizontal de comunicação.

Si el poder se ejerce mediante la programación y la conexión de redes, entonces el contrapoder, el intento deliberado de cambiar las relaciones de poder, se activa mediante la reprogramación de redes en torno a intereses y valores alternativos o mediante la interrupción de las conexiones dominantes y la conexión de redes de resistencia y cambio social (CASTELLS, 2012, p. 26).

Buscando os aspectos mais tecnológicos das redes sociais, sem abrir mão de um aprofundamento do tema, usamos Raquel Recuero, principalmente o seu livro *As redes sociais na internet*, de 2009, com o qual poderemos compreender “como as redes servem de metáfora para novos agrupamentos sociais, como as dinâmicas temporais das conexões na Internet evoluem em processos de cooperação, competição e conflito” (RECUERO, 2009) entre outras contribuições à nossa pesquisa. De forma sintética, podemos dizer que Recuero conceitua redes sociais como uma rede de computadores que conecta pessoas, por meio de laços sociais, valores e interesses comuns.

Além de Recuero, buscamos orientação em Ana Maria Brambilla e seu *Para entender as mídias sociais* (2011), que trata, entre outros assuntos, da Comunicação Digital com ênfase em processos colaborativos e mídias sociais aplicadas ao jornalismo.

Para o estudo e contextualização da Al Jazeera – como é um tema recente, com bibliográfica escassa - usamos, além de alguns dos autores já referidos, artigos jornalísticos e acadêmicos que têm a rede catariana como objeto, ainda que indireto, de análise. Um deles é o artigo *Al-Jazeera English: A conciliatory medium in a conflict-driven environment?* (2010), de Mohammed el-Nawawy e Shawn Powers, que busca compreender o papel da rede catariana em meio aos conflitos geopolíticos da região. O livro *Al-Jazeera: The Inside Story Of The Arab News Channel That Is Challenging the West* (2005), no qual o autor Hugh Miles investiga os bastidores da Al Jazeera.

Sobre este tema, duas pesquisadoras escandinavas mereceram nossa atenção. A sueca Alexa Robertson, da Universidade de Estocolmo e seu artigo *Narratives of Resistance: Comparing Global News Coverage of the Arab Spring*, no qual compara a cobertura sobre a Primavera Árabe da Al Jazeera com redes que ela considera hegemônicas como a CNN e a BBC. No artigo, que resultou em um livro a ser lançado em 2014, a autora argumenta que, nesse contexto, a AJ se configura como uma nova mídia, com uma cobertura dinâmica, utilizando-se de fontes locais e mais inserida na notícia, enquanto CNN e BBC ainda fazem uma cobertura mais tradicional, perdendo competitividade frente a essa forma de cobrir os eventos.

Outra autora que merece destaque é a norueguesa Tine Ustad Figenschou, da Universidade de Oslo. Tine lançou recentemente o livro *Al Jazeera and the global media landscape: the South is talking back* no qual ela afirma, entre outras coisas, que a Al Jazeera ampliou o alcance e a relevância dos protestos da Primavera Árabe ao desenvolver rotinas jornalísticas que se apropriassem e validassem o conteúdo produzido pelos manifestantes. Como o referido livro ainda não estava pronto durante a produção desta parte do trabalho, a autora cedeu para esta pesquisa uma versão preliminar da obra.

Além disso, entrevistamos a coordenadora de mídias sociais do portal em inglês da Al Jazeera, Yasmine Ryan, que nos deu detalhes de como era feita essa cobertura.

No que concerne aos procedimentos metodológicos utilizamos como referência principal a autora Laurence Bardin e seu livro *Análise de Conteúdo* (1977) e

também recorreremos à Maria Immacolata V. de Lopes e seu *Pesquisa em Comunicação* (2001).

Procedimentos Metodológicos

Admite-se que a cautela em apresentar a metodologia a ser utilizada neste trabalho sofre da incerteza, típica em trabalhos da Comunicação, que reclama uma multidisciplinaridade herdada das Ciências Sociais e Humanas. Por um lado, justifica-se pelo forte viés sociológico do fato que constitui parte do objeto de pesquisa, a chamada Primavera Árabe. Por outro, pelo esforço de harmonizar o referencial teórico à instância técnica da construção do objeto empírico. Porém, paralelo à cautela, há a convicção de que é possível explorar o objeto para além das inferências mais evidentes que pautam as discussões sobre mudança de paradigmas comunicacionais frente às inovações tecnológicas.

A combinação inteligente da teoria com a metodologia permite realizar a mágica da metamorfose de um assunto em um tema propriamente científico e, em consequência, a realização da pesquisa e a formulação de uma explicação nova, ou o aperfeiçoamento de alguma explicação conhecida. (IANNI apud LOPES, 2001, p.11)

Cientes do necessário amadurecimento para realizar esta “mágica” no trabalho proposto, alinhamos em seguida elementos que compõem as fases metodológicas e suas respectivas operações, no presente trabalho.

Primeiramente, delimitamos do *corpus* a ser analisado. Já referimos anteriormente que nos concentraremos no portal na internet da rede catariana de notícias Al Jazeera, cuja sede fica em Doha. Resta informar qual o período a ser abrangido. Entendemos que, para fazer um recorte importante e preciso, não podemos abrir mão de uma certa margem temporal que nos permita uma análise dos eventos a serem estudados e a constatação do eventual fluxo alternativo no agendamento.

Elegemos o espaço temporal de 25 de janeiro a 11 de fevereiro de 2011. O motivo dessa escolha foi por entender que neste período aconteceram os principais eventos da Primavera Árabe no Egito. Evidentemente, muitos outros acontecimentos ocorreram (e continuam ocorrendo) depois desta data, mas foi nesse período que começaram as mobilizações, as manifestações tornaram a praça Tahrir, no Cairo, um símbolo de resistência conhecido em todo o mundo

e aconteceram os grandes confrontos com as forças de segurança. Sobretudo, foi dentro deste período que aconteceu a renúncia do presidente egípcio Hosni Mubarak, principal alvo dos manifestantes e que estava no poder há mais de 30 anos.

Definido o *onde* e o *quando* passemos agora ao *como*. Utilizamos a análise de conteúdo para os procedimentos investigatórios do *corpus*. Entendemos que essa metodologia é a que melhor atende aos objetivos dessa exploração, uma vez que possibilita a identificação de elementos que nos ajudarão a chegar à nossa hipótese.

Pode-se dizer que a análise de conteúdo sempre foi uma ferramenta usada pelo homem em sua busca por entender e interpretar signos e, posteriormente, textos. Porém, foi só na década de 1920 que a análise de conteúdo ganhou uma sistematização metodológica, a partir dos estudos de Leavell (TRIVINOS, 1987).

Bardin (1977) afirma que uma definição mais clara do que seria a análise de conteúdo veio em meados da década de 1940, por meio dos estudos de Berelson, com o auxílio de Lazarsfeld. Segundo esses autores, a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade “a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”.

A própria Laurence Bardin aprofunda e detalha os métodos e técnicas da análise de conteúdo. Para a autora, a análise de conteúdo tem duas funções principais: a primeira seria a função heurística, ou seja, a análise de conteúdo potencializa a tentativa exploratória e a propensão à descoberta. A segunda se refere à administração da prova, em que hipóteses, sob a forma de questões ou de afirmações ainda provisórias, servem de diretrizes, recorrendo ao método de análise de uma confirmação ou de uma infirmação.

É com essa orientação de Bardin que nos guiamos na pesquisa. Utilizamos o critério de “presença/ausência” para delimitar, no *corpus* analisado, pontos que nos permitiriam comprovar (ou não) nossa hipótese de que as redes sociais transferem sua saliência para a mídia, no caso, o portal de notícias em inglês da rede catariana Al Jazeera, durante a Primavera Árabe.

A autora diz que a análise de conteúdo é um método aplicável tanto na pesquisa quantitativa, como na investigação qualitativa, ainda que com usos diferentes. Na primeira, o que serve como referência é a frequência com que aparecem determinadas características do conteúdo; já na segunda é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num certo fragmento de mensagem que é levado em conta (BARDIN, 1977).

Portanto, nossa exploração se deu pela investigação qualitativa. Buscamos determinadas características nas notícias¹³ vinculadas no portal da Al Jazeera, no período de 25 de janeiro a 12 de fevereiro de 2011. As características que buscamos, ou seja, nossas categorias de análise, foram as seguintes:

- a) Matérias pautadas¹⁴ pelas redes sociais. Ou seja, conteúdo jornalístico influenciado pelas redes sociais.
- b) Utilização de material proveniente das redes sociais: textos, fotos, áudio, vídeos.
- c) Utilização de usuários de redes sociais como fontes

Para identificarmos as matérias que foram pautadas pelas redes sociais, elaboramos os seguintes critérios:

- matérias em que fosse possível identificar o uso das redes sociais em sua construção.
- matérias que contivessem, em seu corpo elementos, que remetesse às redes sociais, tais como: menção direta ao Twitter e/ou Facebook,
- matérias que contivessem em seu título elementos que remetesse às redes sociais.

¹³ Utilizaremos o conceito de Nilson Lage para notícia, segundo o qual a notícia é o “relato de uma série de fatos, seguindo uma organização relativamente estável (o componente lógico), a partir de elementos escolhidos segundo critérios de valor essencialmente cambiáveis, que se organizam na notícia (o componente ideológico). LAGE, Nilton. *Ideologia e Técnica da Notícia*. Petrópolis, RJ, 1978

¹⁴ De acordo com a *Enciclopédia Básica de Mídia Eletrônica* (já referida) pauta é: a matéria a ser desenvolvida, com as respectivas orientações para o repórter, tais como fontes, temas, abordagem.

- confirmação, sempre que possível, com o próprio autor da matéria para verificar se houve influência das redes sociais nas construções da mesma.

Da mesma forma, para a categoria “B”, buscamos identificar na matéria a presença de textos, fotos, áudios e vídeos que houvessem sido produzidas pelos manifestantes.

Na categoria “C”, identificamos a utilização de usuários de redes sociais como fontes tanto pela citação direta a eles como pela transcrição do material por eles publicado.

Seguindo ainda os ensinamentos de Bardin (1977), dividimos nossa análise em três partes: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Durante os 19 dias que compreendem o período analisado o portal em inglês da Al Jazeera publicou 366 matérias. Utilizando os critérios descritos acima - ou seja, notícias relacionadas à Primavera Árabe e que, de preferência, tivessem o Egito como cenário - nosso recorte nos rendeu um total de 30 matérias para análise, que serão melhor trabalhadas no capítulo Novos Fluxos.

Neste ponto, buscamos no *corpus* (as 30 matérias selecionadas) estavam dentro de um de escopo mais específico. A segunda etapa determinou, basicamente, o cumprimento das decisões tomadas anteriormente. Dito de outra forma, a exploração do material guiou-se pelos critérios que foram estabelecidos previamente. Feito o exame das matérias selecionadas, fichamos os critérios elegidos para essa pesquisa. Para cada dia, produzimos uma tabela, com o número de matérias, a presença dos elementos buscados, bem como a ausência, que tipo de critérios foram encontrados e com que frequência.

Por fim, com a terceira fase esperamos a alquimia de transformar os resultados brutos em dados significativos, válidos e que permitam uma interpretação apropriada. Nessa etapa procuramos as respostas para nosso problema de pesquisa, levando a que se confirme a hipótese de que as redes sociais, de fato, estabelecem novos fluxos de agendamento.

Capítulo 2

Primavera Árabe - Mundo Árabe

Neste capítulo pretendemos traçar um panorama dos movimentos que sacudiram o Mundo Árabe, começando pela Tunísia, tendo desdobramentos importantes na Líbia, Iêmen, Egito e na Síria, onde uma guerra civil já causou a morte de mais de 100 mil pessoas, segundo informações do Escritório do Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos (ACNUDH).

A ideia deste capítulo é contextualizar as manifestações, analisando as motivações da sociedade, o uso das redes sociais, traçando um mapa cronológico dos eventos.

Para contextualizar a Primavera Árabe é necessário também debruçar-se sobre o chamado Mundo Árabe, tentando nos afastar ao máximo do que o professor Edward Said chamou de Orientalismo, ou seja, o “Oriente como invenção do Ocidente” (SAID, 1978). Um dos objetivos é tentar entender como uma sociedade tida pelos ocidentais “como atrasada e sem perfil para a democracia” (BALFOUR apud SAID, 2003, p. 64), pôde ir às ruas, arriscar suas vidas e servir de modelo para o resto do mundo na busca por ideais democráticos.

Nesta parte do trabalho, pretendemos analisar o Egito, sua conjuntura social contemporânea, as mobilizações na Praça Tahrir (que se tornou um dos principais símbolos da Primavera Árabe), a queda do regime e a mobilização social que se mantém até o momento.

Aspectos Geopolíticos

Antes de tratar dos eventos do que se convencionou englobar sob a expressão Primavera Árabe, nos parece importante contextualizar a região onde tais acontecimentos se deram e tentar, ainda que de forma breve, entender as características geopolíticas do Oriente Médio. Evidentemente, não temos a pretensão de apresentar conceitos definitivos sobre uma área do planeta tão complexa e dinâmica. Apenas queremos estabelecer um reconhecimento de terreno para melhor situar nossa observação.

De saída, isso nos remete ao que Edward Said (1978) chamou de “Orientalismo”. Ou seja, a ideia que se tem no Ocidente sobre aquela região foi forjada pelos próprios ocidentais e guarda pouca (e às vezes nenhuma) relação com a realidade. Ou, como o próprio subtítulo de seu livro indica, o Orientalismo é o “Oriente como invenção do Ocidente”.

Tentamos não reproduzir conceituações do senso comum acerca do Oriente Médio. Ao invés disso, a ideia com esse prelúdio é desmistificar algumas visões cristalizadas que se tem sobre a região e mostrar os aspectos individuais e as diferenças culturais do que se convencionou chamar Mundo Árabe, conceito atribuído a Michel Aflaq, um dos fundadores do arabismo¹⁵ e do partido Baath (FERABOLLI, 2009).

Para começar, deve-se ressaltar que o chamado Mundo Árabe é formado por três grandes regiões, a saber: *Magreb*, *Machreq* e *Khalif*. O *Magreb* indica o “poente”, vai da Líbia à Mauritânia, no norte da África, e é, portanto, a região onde começaram as manifestações sociais da Primavera Árabe. O *Machreq* (o “levante”) vai do Egito ao Iraque, passando por Síria, Líbano, Palestina e Jordânia. Por fim, o *Khalif* compreende os Estados do Golfo e a Península Arábica (FARAH, 2011). A Liga Árabe (organização que reúne os países do Mundo Árabe) inclui ainda o Chifre da África e as ilhas Comores neste espectro.

¹⁵ O chamado movimento arabista foi uma tentativa de estabelecer uma identidade e uma união dos povos árabes. Dele falaremos mais adiante.

Levando esse acréscimo em conta, o Mundo Árabe concentra uma população de cerca de 370 milhões de pessoas. A religião predominante é o Islã, embora haja na região drusos, cristãos maronitas e ortodoxos (Líbano e Síria), coptas (Egito), entre outras minorias religiosas. Dentro do Islamismo, a principal divisão é entre sunitas e xiitas, com uma representação em torno de 80% e 20%, respectivamente. Os dados são de um relatório publicado anualmente pela Liga Árabe¹⁶ (lasportal.org).

Analisando esse vasto xadrez geopolítico vemos que as sociedades que o compõem, embora compartilhem referenciais de cultura, tradição e crenças (AL-FAQIH apud FARAH, 2011), têm uma diversidade relevante. Há desde Estados historicamente consolidados - como o Egito, por exemplo - a sociedades tribais arcaicas, composta por clãs nômades - como as da região da Cirenaica, no sul da Líbia - que obedecem a um ordenamento baseado em regras ancestrais.

O Egito, a propósito, ressurgiu como força regional a partir do século XIX, apresentando-se como um Estado coeso e organizado. Ainda que sujeito à ocupação estrangeira até meados do século XX - sobretudo por conta da importância estratégica do Canal de Suez -, o país é uma referência quando se trata de Estados nacionais árabes (OURO PRETO, 2011). Além disso, o passado egípcio é motivo de orgulho para sua população e ajudou na consolidação de uma ideia de nação, que muitas vezes independe da adesão ao conceito de Mundo Árabe.

A Tunísia, onde começaram as revoltas populares, assim como os demais países do Magreb, apresenta uma organização estatal, do ponto de vista administrativo, herdada do tempo da colonização francesa na região. A influência da França se nota, por exemplo, no fato de até hoje o idioma francês manter-se ativo na região, sobretudo entre a elite e os círculos acadêmicos.

Além dessas referências de Estados há no Oriente Médio sociedades com características tribais, ligadas por relações pessoais ou de parentesco, ainda que com uma diversidade de clãs muitas vezes antagônicos. O Iêmen, que

¹⁶ A Liga Árabe publica anualmente um relatório detalhado com dados socioeconômicos dos países que a compõe. Disponível em: www.lasportal.org

sentiu fortemente os efeitos da Primavera Árabe, se constitui em um bom exemplo desse modelo social, onde tribos tradicionais existiam muito antes do surgimento de qualquer Estado na região. As porções norte e sul do país, unidos sob a mesma bandeira apenas em 1990, mantêm ativas as antigas rivalidades (VISENTINI, 2012).

Outro exemplo de sociedade com características tribais é a Líbia, onde os ventos da revolução também tiraram do poder um regime que estava há décadas no comando. Muammar Kadafi, que governou o país por mais de quarenta anos, caiu acreditando que seu modelo de nação sem Estado não poderia ser derrubado. Sem uma constituição e sem o papel mediador do Estado, eram os clãs que deviam sustentação ao regime:

Na ausência de uma burocracia do setor público, inclusive de uma força policial confiável, eram as redes de parentesco as responsáveis pela segurança e defesa, bem como por fornecer acesso a bens e serviços. Foi ao longo dessas redes que a sociedade líbia se fraturou quando a capacidade do regime de dividir e dominar começou a se desfazer no começo dos protestos (ANDERSON, 2011, p. 43).

Já a Arábia Saudita, embora seja o país mais rico da região, com um Produto Interno Bruto (PIB) na casa do US\$ 400 bilhões (Liga Árabe, 2013), é uma sociedade atrasada em termos de liberdades civis e individuais (VISENTINI, 2012). Formada somente em 1932, depois da conquista da península arábica pelo clã Saud, também é um dos Estados mais recentes do Oriente Médio. Ainda assim, sua influência na região é muito forte. Detém as maiores reservas de petróleo do mundo, além do controle de duas das mais importantes cidades para o Islã (Meca e Medina). Baseada em uma tradição tribal, é governada por uma monarquia que possui milhares de membros, que detêm boa parte da riqueza gerada pelos petrodólares. O forte aparato policial não deixou que as revoltas se avolumassem na península.

Além das sociedades com características tribais, há na região sociedades setoriais, ou seja, divididas em seitas ou comunidades religiosas. O Líbano é um exemplo ilustrativo desse modelo setorial. Lá convivem dezoito confissões – muçulmanos sunitas, xiitas, drusos, católicos maronitas, cristãos ortodoxos, entre outros. Tenta-se distribuir o poder entre essas várias confissões com variável êxito (OURO PRETO, 2011).

Histórica e geograficamente próxima ao Líbano, a Síria é o país onde hoje (final de 2013) os efeitos da onda de revoltas na região ainda se fazem sentir com força. Também pode ser considerada uma sociedade setorial (OURO PRETO, 2011), embora com uma divisão diferente. Os sunitas são maioria (70%), mas são as minorias (cristãos ortodoxos, drusos e, principalmente, alauítas) que detêm o poder. Há ainda uma parcela da população formada por curdos.

Mergulhada em uma guerra civil com contornos sectários e ingerência externa, a Síria ainda não tem o seu futuro definido. Até o momento o presidente Bashar al-Assad (que herdou o poder de seu pai, Hafez) tem conseguido se manter no comando do país. Apoiado por Rússia e Irã, o regime de Assad luta contra dissidentes e oposição, reforçados pelo apoio logístico de países do Ocidente - sobretudo os EUA - além de milícias integradas por grupos terroristas, como a Al Qaeda (VISENTINI, 2012). Muitos atores regionais mantêm uma atitude ambígua em relação ao regime sírio por causa de sua importância histórica e estratégica.

Ouro Preto (2011, p. 32) acredita que, se Assad perdesse o controle do país, a Síria enfrentaria uma situação de caos da qual nenhum dos seus vizinhos (Iraque, Israel, Líbano e Turquia) se beneficiaria. Ainda que controversa, a manutenção do regime seria um “mal menor”.

Além dos Estados convencionais e dos formados por sociedades tribais ou setoriais, existem também pequenas monarquias, sobretudo no Golfo. Esses mini-Estados são, em sua maioria, produtores de petróleo e têm elevados PIB e alta renda per capita (Liga Árabe, 2013). Bahrein, Catar, Kuwait e Emirados Árabes Unidos (formado pelos sete emirados: Abu Dhabi, Dubai, Sharjah, Ajman, Umm al-Quwain, Ras al-Khaimah e Fujairah) fazem parte desse grupo específico.

A outra monarquia da região é o Reino Hachemita da Jordânia. Surgido no pós-guerra, o país mantém uma postura ambígua na vizinhança, mantendo diálogos com Israel e abrigando no território centenas de milhares de refugiados palestinos.

Por fim, os territórios palestinos completam o quadro geopolítico da região. São formados pela Cisjordânia, a leste de Israel, e a Faixa de Gaza – pequena

extensão de terra (360 km²), espremida entre o sul de Israel e o Mediterrâneo. Ambos os territórios têm autonomia limitada e podem vir a formar um futuro Estado Palestino. Esse tema é um dos maiores desafios da região e diversos grupos, com interesses distintos, levantam a bandeira da causa palestina para justificar suas ações.

Vale ainda destacar países muçulmanos, mas não árabes, que têm grande influência na região. A Turquia, ao norte, professa a fé islâmica, tendo o turco como idioma e etnia. É um país que joga um papel importante na região, muitas vezes aliando-se aos interesses ocidentais (é candidata a integrar a União Europeia), e outras defendendo causas caras aos árabes. Recentemente, num episódio com grande repercussão midiática, teve uma embarcação atacada por Israel quando tentava levar ajuda humanitária à Faixa de Gaza. Por ter um estado democrático governado por um partido islâmico, a Turquia tem sido apontada como modelo para as nascentes democracias árabes.

Há finalmente o Irã, a leste, de etnia e língua persa, mas com uma população majoritariamente muçulmana. O regime iraniano exerce forte influência nas parcelas xiitas da sociedade. Tem um peso econômico e militar considerável, apoiando tanto o Hezbollah, no Líbano, como o regime de Assad, na Síria. Sua suposta tentativa de desenvolver armamento atômico também o coloca como um elo desestabilizador na região, embora o governo iraniano alegue que seu programa atômico tem fins pacíficos.

A Liga Árabe, ainda que seja considerada como representante legítima das nações árabes, tenta constantemente costurar uma colcha de retalhos resultante da partilha entre França e Reino Unido, no período pós-Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Tal partilha, assim como acontecera na África, não levou em consideração aspectos étnicos, religiosos e culturais. Os Estados que hoje compõe o Oriente Médio não existiam até então. Nem mesmo os seus nomes atuais eram usados, mas representavam algumas províncias no antigo Império Otomano, cujos limites não eram bem definidos. Foi o poder colonial que estabeleceu as fronteiras modernas e escolheu suas capitais (OURO PRETO, 2011).

Dessa forma, colocaram-se dentro das mesmas fronteiras, muitas vezes, povos com interesses irreconciliáveis, gerando problemas que repercutem ainda hoje na forma de conflitos étnico-religiosos. A considerável porção desértica da região, cenário marcado no inconsciente coletivo quando se pensa em povos árabes, abriga nômades, beduínos e tuaregues¹⁷. Também por conta disso, o Oriente Médio é herdeiro de uma tradição tribal, com diversos países que acolhem sob a mesma bandeira, clãs antagônicos. Além disso, a fragmentação proposital dos nascentes Estados árabes dificultou uma integração regional que até hoje se mostra complexa. Ou seja, os Estados surgidos após a descolonização tiveram suas fronteiras estabelecidas a partir de interesses e rivalidades de antigas potências coloniais. Essa questão tornou-se mais complexa quando se começou a pensar em uma “nação árabe” (THOBIE, 1990).

Nesse ponto, entra-se em outro aspecto relevante, tanto para compreender o Mundo Árabe, como para entender as revoltas sociais na região: o arabismo.

Nacionalismo Árabe

O movimento arabista, surgido em meados do século XX, depois da Segunda Guerra Mundial e do redesenho geopolítico que se criava, fundou-se na crença básica de que todos os árabes deveriam unir-se em um único Estado-Nação, compartilhando língua, cultura e história para formar a imaginada “Grande Nação Árabe” (SAID, 1978; FERABOLLI, 2005; FARAH, 2011).

Com a chegada de Gamal Abdel Nasser¹⁸ ao poder no Egito, em 1954, o pan-arabismo ganhou força. Nasser conseguiu cristalizar os anseios das sociedades árabes pós-coloniais sob uma liderança carismática e conciliadora. Sua liderança se consolidou em 1956, ao nacionalizar o Canal de Suez com um discurso de resgate da soberania e do orgulho árabe (FERABOLLI, 2005). Esse desafio ao poder ocidental fez de Nasser e do Egito o modelo pelo qual o desempenho de outros Estados e líderes árabes deveriam ser julgados (ALNASRAWI, 1991).

¹⁷ Povo berbere constituído por pastores nômades que habitam a região desértica do Saara.

¹⁸ Militar que liderou o Movimento dos Oficiais Livres e contribuiu para a derrubada da monarquia no Egito. Governou o país de 1954 até 1970.

O nasserismo (como também é chamado o arabismo sob a influência de Nasser) aglutinou o clamor das sociedades árabes que ansiavam por uma identidade própria após décadas de colonização. Embora o nasserismo tenha perdido espaço com o crescimento do Partido Baath (que quer dizer “renascimento”), de ideologia socialista - e esse tenha se enfraquecido após a queda de Sadam Hussein no Iraque¹⁹ - o sentimento de um nacionalismo árabe comum parece ter ressurgido em alguns países com as manifestações sociais da Primavera Árabe. Ainda que com demandas específicas para cada local, as multidões nas ruas tinham um discurso comum, que pediam mudanças estruturais na política (VISENTINI, 2012).

Alguns autores defendem que as revoltas trouxeram de volta o desejo de unificação das sociedades árabes. “As revoluções demonstram que o conceito de identidade nacional harmoniza-se com a identidade árabe como um todo” diz Chanqiti (apud FARAH, 2011, p. 51). Esse ressurgimento do nacionalismo árabe e consequente fortalecimento do pan-arabismo no esteio das manifestações em massa é assim descrito por Sadiq al-Faqih:

Acima de tudo, trata-se de um momento histórico, político e culturalmente, que revigorou no Mundo Árabe a ideia de unidade árabe, sob a liderança dos próprios povos árabes desta vez. A revolução levou às ruas uma multidão de grupos de pessoas, em todos os países árabes, e conferiu-lhe um discurso comum, que deriva sua relevância de uma cultura, tradições e crenças comuns (AL-FAQIH apud FARAH, 2011, P. 51).

Ainda que a utopia arabista tenha desempenhado papel de destaque na adesão às manifestações, as diferenças, sobretudo socioeconômicas, ainda são uma barreira à unificação da região.

Aspectos econômicos

Embora tenha uma economia diferenciada, a grande commodity do Mundo Árabe é, sem dúvida, o petróleo. “O Oriente Médio e o Norte da África

¹⁹ O Partido Baath foi banido do Iraque quando da invasão norte-americana ao país, em 2003. Ainda tem grande representatividade na Síria, onde é o partido do regime Assad.

controlam 68% das reservas mundiais de petróleo, commodity que possui relevância ímpar na economia regional. No Golfo, por exemplo, 75% da renda nacional advêm do petróleo”. (FARAH, 2011).

Não obstante a fartura dos petrodólares, abundante nos países do Golfo (com exceção do Iêmen), o restante da região enfrenta sérios problemas socioeconômicos. E esse é um dos pontos levantados por analistas (OURO PRETO, FARAH, 2011; VISENTINI, 2012) como um dos fatores das revoltas: o abismo social que se formou nas sociedades árabes, com uma nova classe de ricos e uma crescente população na faixa da pobreza. Alie-se a isso altas taxas de natalidade, elevados índices de desemprego, sobretudo entre os jovens, e a consequente falta de perspectivas para essa população.

A questão do desemprego é especialmente perversa para os jovens. Mesmo entre aqueles com ensino superior, os índices chegam a 30% (FARAH, JOFFÉ, 2011). O que explica, em parte, a grande adesão da juventude aos movimentos de protesto. O desemprego e a impossibilidade de trabalhar, aliás, foram os motivos que levaram o tunisiano Muhammad Bouazizi à autoimolação, o que detonou o estopim das revoltas no Mundo Árabe.

Feita essa breve introdução histórica, abordaremos aqui aspectos mais específicos do panorama egípcio, foco de nossa análise por razões já adiantadas nas justificativas e por outras, que elencamos a seguir.

EGITO

Ao encerrar seu livro *“Egypt on the brink”* com a frase “a esperança é que o futuro do Egito seja diferente do seu passado recente e do seu presente”, Tarek Osman, intelectual egípcio, profetizava uma situação que se concretizaria em breve. Lançado em 2010, portanto poucos meses antes das manifestações que sacudiram o Egito e encerraram (ainda que momentaneamente) quase 60 anos de ditadura militar no país, o livro é um excelente guia para entender a sociedade egípcia moderna e perceber que o descontentamento era latente e que o Delta do Nilo estava pronto para receber as sementes da revolução.

Depois de milênios de história faraônica, o país viveu sob domínio estrangeiro até meados do século XX. Passaram por lá, entre outros, gregos, romanos, otomanos e, por fim, os ingleses. Até então, na história moderna, a única vez que o Egito experimentara o autogoverno foi no curto período que se seguiu à invasão francesa, no final do século XVII. Os ingleses, últimos senhores do Egito na fase pré-republicana, acreditavam que faziam um bem aos egípcios decidindo por eles o seu futuro. Os britânicos, e por consequência à época, grande parte do Ocidente, afirmavam que os egípcios não tinham vocação para a soberania e a democracia, devendo ser governados por potências estrangeiras (SAID, 1978).

Em um discurso proferido pelo político britânico Arthur James Balfour na Câmara dos Comuns, em junho de 1910, encontra-se tudo aquilo que Edward Said chamou de Orientalismo. Ou seja, a visão preconceituosa e arrogante que o Ocidente tinha (tem) daquela parte do mundo. Por ser ilustrativo desse conceito, transcrevemos aqui trechos desse discurso, ainda que longos.

[...] Pode-se examinar toda a história dos orientais no que se chama, falando amplamente, o Leste, e jamais se encontrarão vestígios de autogoverno. Todos os seus grandes séculos – e eles têm sido grandes – foram passados sob despotismos, sob um governo absoluto. Todas as suas grandes contribuições para a civilização – e elas têm sido grandes – foram feitas sob essa forma de governo. Conquistador sucedeu a conquistador, uma dominação seguiu-se à outra, mas jamais, em todas as reviravoltas do destino e da fortuna, se viu uma daquelas nações estabelecer de moto próprio o que nós, de um ponto de vista ocidental, chamamos de autogoverno. Não é uma questão de superioridade ou inferioridade. É um fato. [...] É bom para estas grandes nações – admito sua grandeza – que esse governo absoluto seja exercido por nós? Acho que é bom. Acho que a experiência mostra que sob nosso domínio eles conseguiram um governo muito melhor do que jamais tiveram em toda a história do mundo, um governo que não é um benefício só para eles, mas indubitavelmente um benefício para todo o Ocidente civilizado. Estamos no Egito não somente por causa dos egípcios, embora estejamos ali por sua causa; estamos ali também por causa da Europa em geral. (BALFOUR apud SAID, 1978, p. 63-64).

Em meados do século XX, o Egito era governado, com autonomia limitada, por uma monarquia alinhada aos interesses britânicos. A influência de Londres no país ainda era determinante e o Rei Faruk não tinha a menor intenção de alterar esse *status quo*. Depois da Segunda Guerra Mundial, as Forças Armadas egípcias gozavam de prestígio na sociedade e muitos oficiais queriam um Egito independente e soberano. Assim, não demorou muito para que a

monarquia fosse derrubada. Primeiro, um junta militar, liderada pelo general Muhammad Nagib, assumiu o poder. Mas, embora o rei tivesse abdicado, seu filho, Fuad II, assumiu o trono e o Egito continuou formalmente uma monarquia. Não por muito tempo. Um ano e meio depois foi proclamada a república (junho de 1953) e o general Nagib tornou-se o primeiro presidente da história do Egito.

Seu governo, no entanto, também não durou muito. Já no ano seguinte uma disputa interna entre os militares o derrubou do poder. Assumia em seu lugar novamente uma junta militar, tendo a frente o coronel Gamal Abdel Nasser. Com um discurso nacionalista, carisma contagiante e pinta de galã, Nasser logo conquistou a simpatia e a lealdade da sociedade e dos militares. Depois de um período de transição Nasser assumiu o posto de presidente, do qual só sairia com sua morte, em 1970. (FARABOLLI, 2005).

Também fez mudanças estruturais no Egito, como a reforma agrária e um vigoroso processo de industrialização. Por conta de sua ideologia anti-imperialista, aproximou-se da União Soviética e dos países comunistas, apesar de manter certa autonomia em relação a Moscou, liderando o bloco de países não-alinhados. Perseguiu implacavelmente adversários políticos e estabeleceu uma rigorosa censura no país. Apesar disso, era muito popular dentro e fora do Egito (OURO PRETO, 2011).

Chegou a firmar aliança com a Síria, formando, por um curto período, a República Árabe Unida (1958-1961). Contudo, depois da derrota para Israel na Guerra dos Seis Dias (1967), o nasserismo perdeu fôlego e em 1970 Nasser morreria de um ataque cardíaco.

Em seu lugar assumiu outro militar, o general Anwar Al-Sadat. Logo no início de seu governo, Sadat já demonstrava uma inclinação para mudar completamente a política externa egípcia. Não demorou em dispensar a missão soviética no país e aproximar-se das potências ocidentais. No entanto, ainda comprometido com o nacionalismo árabe, entrou em novo conflito armado com Israel. A derrota na Guerra do Yon Kippur (1973) foi um duro golpe nas pretensões do Egito de unificar as nações árabes (FARABOLLI, 2005). Dessa forma, pressionado pelo Ocidente, reconheceu a existência de Israel e foi o primeiro governante árabe a visitar o Estado judeu.

Isso lhe renderia um Prêmio Nobel (1978), dividido com o então primeiro-ministro israelense, Menachem Begin, e também selaria seu destino. Em 1981, durante uma parada militar, oficiais contrários à política externa egípcia, sobretudo em relação a Israel, avançaram sobre a tribuna e assassinaram Sadat (e diversas autoridades estrangeiras) diante das câmeras de televisão.

O homem que seria o próximo presidente do Egito também foi ferido no atentado. Hosni Mubarak assumiu o poder e manteve a política externa de Sadat, embora buscando novos aliados. Foi um mediador nos conflitos regionais, geralmente adotando uma posição pró-ocidental. Durante a Primeira Guerra do Golfo (1990) ficou ao lado dos EUA e contra o Iraque, antigo aliado.

Sob seu governo as oposições continuaram sufocadas e a população via crescer uma elite que gravitava ao redor do regime, enquanto as condições sociais se deterioravam progressivamente. Ainda assim, manteve-se no poder por quase 30 anos, até renunciar durante os mega protestos da Primavera Árabe no Egito, no início de 2011.

Novamente os militares assumiram o poder, até que eleições fossem realizadas pela primeira vez no país. Em junho de 2012, Mohamed Morsi, da Irmandade Muçulmana²⁰ venceu nas urnas, prometendo um governo mais secular e progressista. No entanto, parcela da sociedade egípcia foi às ruas protestar, acusando o governo de retrógrado e dominado pelo islamismo, ou seja, com uma tendência mais religiosa e menos secular. O exército, que perdera espaço durante a gestão de Morsi, promoveu um Golpe Militar em julho de 2013, prendeu o presidente, dissolveu o congresso e prometeu novas eleições. Em janeiro de 2014, ainda sob o controle do Exército, o país aprovou uma nova constituição, o que, em tese, abriria caminho para novas eleições, embora partidos de oposição estejam proibidos de concorrer.

A sociedade egípcia está fragmentada. Há os que apoiam os militares – que são os mesmos que sustentavam o regime de Mubarak – e, portanto, estão satisfeitos com a manutenção do *status quo* atual. Há outras pessoas que

²⁰ A Irmandade Muçulmana é uma organização política de caráter islâmico. Venceu as primeiras eleições livres no Egito, em 2012, mas o presidente Mohamed Morsi, membro da Irmandade, foi deposto em um golpe militar apenas um ano após ter assumido o mandato e a organização foi novamente proibida no país.

apoiam Morsi e a Irmandade Muçulmana. Esses, apesar de perseguidos pelo regime, estão nas ruas reivindicando a volta do presidente eleito democraticamente. Existem ainda interesses diversos e difusos, com a atuação cada vez maior de grupos externos. O cenário é preocupante e pode levar a uma situação parecida com a da Síria, o que seria catastrófico, por tudo o que o Egito representa no Mundo Árabe.

Os problemas internos do Egito são comuns em quase toda a região: centralização do poder, autoritarismo, corrupção, pobreza, desigualdade social, desemprego e déficit democrático. O risco maior é que grupos radicais que já atuam no Iraque e na Síria, por exemplo, façam do Egito o próximo campo de batalha e, talvez, de guerra civil (NASSER, 2013).

Conhecer um pouco mais a história recente do Egito nos ajuda a contextualizar as revoltas sociais que lá aconteceram. A principal razão por termos escolhido o país para apontarmos a lente de nossa análise é a importância e ressonância que o país tem no Mundo Árabe. Ou seja, o que acontece lá tem reflexo direto na região.

Aspectos socioeconômicos

O Egito é o país árabe mais populoso do mundo, com cerca de 82 milhões de habitantes. E, embora o senso comum seja de um Egito de desertos e pirâmides, o país é essencialmente urbano: a maioria da população vive em grandes cidades como Cairo, Alexandria e Gizé. A população caiota, por exemplo, tem cerca de 9 milhões de habitantes. Ainda assim, a ideia de um Egito arcaico e pastoril está arraigada no inconsciente coletivo ocidental (SAID, 1978).

Mais de metade da população egípcia tem menos de 24 anos e apenas 15% têm mais de 50. Os dados são do Relatório Anual da Liga Árabe -2013. Desse contingente de jovens, muitos estão desempregados ou subempregados. Mesmo entre aqueles com ensino superior, os índices chegam a 30% (FARAH, JOFFÉ, 2011). Apesar de uma inflação razoável (7% em 2012) e uma economia que dava sinais de recuperação (sobretudo pelos fortes investimentos chineses na região), a desigualdade entre ricos e pobres

acentuava-se de maneira progressiva, com a elite concentrando grande parte da riqueza (LIGA ÀRABE, 2013; VISENTINI, 2012).

A capacidade cada vez menor do governo de fornecer serviços básicos e sua aparente indiferença ao desemprego e à pobreza generalizados alienou dezenas de milhões de egípcios, sensação exacerbada pelo crescimento do consumo conspícuo entre uma elite comercial associada ao filho de Mubarak, Gamal. (ANDERSON, 2011, p. 39).

Além disso, a indústria do turismo, uma das principais fontes de receita do país, vinha sofrendo perdas significativas por conta de atentados terroristas contra pontos turísticos nos últimos anos. A crise mundial de 2008 também teve efeitos diretos no Egito, que mostrou, à época, uma elevação acentuada no preço dos alimentos e combustíveis. Para completar, os Estados Unidos²¹ diminuíram seus investimentos na região.

O país é considerado estratégico pelo Ocidente por diversos motivos: mantém relações diplomáticas com Israel e serve como um ponto de equilíbrio nos conflitos da região. Sua posição geográfica lhe confere importância, pois abriga o Canal de Suez, fundamental para o escoamento da produção de petróleo do golfo; é um corredor natural entre o norte da África e o Oriente Médio, além de ter uma considerável parcela da costa mediterrânea; atua como mediador nos constantes conflitos do Chifre da África, na região nordeste do continente africano, que abrange a Somália, a Etiópia, o Djibouti e a Eritreia.

Ainda durante as manifestações e após a saída de Mubarak, o Egito precisou lidar com uma delicada questão regional. O Sudão, depois de um referendo, dividiu-se em dois países, mantendo-se ao norte com o nome original e ao sul como Sudão do Sul, ou Novo Sudão. Ocorre que, em um acordo firmado em 1959, Egito e Sudão dividiram entre si o controle sobre o Rio Nilo, fonte vital de recursos hídricos na região. Como os recursos do rio estão em disputa²², teme-

²¹ Os Estados Unidos repassam anualmente cerca de US\$ 1 bilhão aos egípcios para investimento, sobretudo, na infraestrutura militar. Isso porque o Egito é um dos poucos países da região a reconhecer e manter relações diplomáticas com Israel e servir como um fator de equilíbrio nos conflitos do Oriente Médio (VISENTINI, 2012).

²² A Iniciativa Bacia do Nilo (<http://www.nilebasin.org/newsite/>), organização que reúne os países banhados pelo rio, pretende efetivar uma divisão mais equânime dos recursos do Nilo, com a construção de barragens e hidrelétricas. O Egito é contra, pois seria diretamente prejudicado.

se que possa haver um represamento à montante, impactando diretamente na economia, agricultura e pecuária de toda a região à jusante.

No plano externo o Egito mantinha, pelo menos até o fim da era Mubarak, excelentes relações comerciais com a União Europeia e com os Estados Unidos. Porém, o governo vinha analisando formas de se desvincular da excessiva dependência de Washington, buscando novos parceiros comerciais. O principal deles é a China, que tem investido bilhões no continente africano. Mas outras economias emergentes, incluindo o Brasil, também faziam parte da estratégia egípcia de diversificação comercial (VISENTINI, 2011).

Internamente, além de lidar com a estagnação econômica, o Egito enfrentava outros dilemas, que iam desde o plano religioso, com um acentuado sectarismo, ao crescimento da corrupção em todos os níveis da máquina do governo (OSMAN, 2010).

No que se refere à religião, o Egito, majoritariamente muçulmano, sofre com movimentos ocasionais de sectarismo. Com quase 90% da população pertencendo ao ramo sunita da religião islâmica, os cristãos coptas, que representam quase 10% dos egípcios, vêm enfrentando hostilidades de segmentos sunitas radicais.

Mas é no campo político que se pode encontrar as grandes motivações para a adesão tão rápida quanto maciça aos movimentos contestatórios. Depois de 60 anos de poder, exercidos por regimes autoritários, a sociedade egípcia percebeu que não podia esperar do governo a manutenção do delicado equilíbrio no *status quo*. Havia uma espécie de acordo subentendido, explicado pelo sociólogo egípcio Hazem Kandil. Segundo ele, o regime oferecia à população uma política de bem estar social, desde que o governo não fosse questionado.

O contrato implicava um acordo tácito: o regime oferecia ensino gratuito, emprego num setor público em expansão, assistência médica a preços acessíveis, habitação barata e outras formas de proteção social em troca de obediência. Podia-se ter acesso — ou ao menos aspirar — a esses benefícios desde que as diretrizes internas e externas não fossem questionadas e o poder político não fosse contestado (KANDIL, 2011).

Ainda de acordo com Kandil, o contrato começou a se enfraquecer nos anos 1980 e chegou ao século XXI já completamente desfeito. Para ele, o regime acreditava ter dominado completamente a sociedade e neutralizado definitivamente a oposição. Vale lembrar que a Irmandade Muçulmana, um dos principais grupos de oposição ao regime, atuava na clandestinidade desde os anos 50, quando fora proibida por Nasser, acusada de tramar um atentado contra ele. As vozes contrárias ao *establishment*, portanto, eram escassas, o acesso aos serviços do Estado tornava-se cada vez mais difícil e os impostos aumentavam gradativamente.

Castells (2012) traz elementos que corroboram essa visão. Para ele, o Estado egípcio precisava se legitimar no poder e o fazia por meio de mecanismos de repressão. Além disso, os atores que orbitavam ao redor do regime se beneficiavam do sistema. Já os que o contestavam eram reprimidos. Segundo Castells, o monopólio da violência é uma condição necessária para manter o poder, mas não é suficiente a longo prazo, pois é preciso que se construa a legitimidade, por meio da aceitação ou da resignação. Para ele, no caso do Egito, o poder do Estado era exercido por meio de uma legitimidade seletiva e também de uma repressão seletiva (CASTELLS, 2012).

Assim, a corrupção ganhava terreno em todos os escalões. O partido governista dominava o sistema político no Egito, apoiado pelos militares. Não havia, portanto, espaço de ascensão para os que eram preteridos pelo sistema. E essa concentração de poder era evidenciada na figura de Gamal Mubarak, filho do presidente Hosni, em torno de quem girava uma elite empresarial que era beneficiada pelo regime.

[Esse grupo] cada vez mais tomou as rédeas por meio de um novo órgão denominado Comitê de Diretrizes. Integravam-no dois segmentos. Um deles era composto de capitalistas corruptos, nutridos pelo Estado, que detinham controle monopólico sobre setores lucrativos da economia. O outro era constituído por intelectuais neoliberais, particularmente economistas que tinham vínculos com instituições financeiras internacionais. (KANDIL, 2011).

O aprofundamento dessas questões, aliado a uma repressão cada vez mais indiscriminada por parte do regime a qualquer atitude contestatória acabou criando uma insatisfação crescente na sociedade egípcia, sobretudo entre os jovens que, como vimos anteriormente, estavam sem perspectivas e não

vislumbravam um horizonte de melhora. Esse descontentamento se traduziu, entre outras coisas, na criação de grupos como o Movimento Egípcio por Mudanças.

Mais conhecido pelo seu *slogan* - Kifaya (Basta!) –, o movimento começou em 2004, organizado por intelectuais e estudantes universitários, e estaria na raiz da mobilização política que viria a se estabelecer no Egito alguns anos depois. Havia até então no país um limite para as manifestações: elas eram aceitas desde que não se mencionasse o nome de Mubarak (BAHGAT apud ROVAI). O Kifaya ultrapassou esses limites e colocou-se como uma força ativa de contestação ao regime.

Using simple but potent slogans, Kifaya called for political reforms and criticized the extension of Mubarak's presidential term, the possible succession of Gamal Mubarak, government corruption, and Egypt's emergency law in place since 1981. The movement organized unauthorized demonstrations, directly criticizing Mubarak and other members of the ruling elite (CARNEGIE ENDOWMENT, 2012).

Foi um sentimento de desrespeito e humilhação que levou esses e outros grupos a arriscar-se à prisão para protestar contra o regime de Hosni Mubarak (OSMAN, 2011). Embora a insatisfação fosse crescente, faltava um fato, um acontecimento, alguma coisa que pudesse catalisar esse sentimento e mobilizar toda a sociedade. E esse catalisador estava prestes a se apresentar.

PRIMAVERA ÁRABE

Difícil definir a origem do nome que identifica as revoltas populares surgidas na Tunísia²³ no final de 2010, quando as manifestações derrubaram o ditador Ben Ali e se espalharam por todo o Mundo Árabe, com maior ou menor intensidade. O nome pode ser uma referência à Primavera dos Povos que, em 1848, sacudiu a Europa com demandas semelhantes as que se observaram nos países árabes (HOBSBAWM, 2012).

Outra leitura possível é que seja uma referência à Primavera de Praga, quando os tchecoslovacos se rebelaram contra o domínio soviético, em 1968. Dois fatores em comum chamam a atenção. Na Primavera de Praga, os radioamadores tiveram o papel de divulgar a revolução e informar a população sobre os acontecimentos, assim como as redes sociais na Primavera Árabe. Além disso, se no caso árabe o fator desencadeante das revoltas foi a autoimolação de Mohamed Bouazizi, Praga também teve o seu mártir, o checo Jan Palach, que se auto imolou aos 20 anos contra a invasão soviética.

O nome também pode ter surgido em função da Revolução de Jasmim, ocorrida na Tunísia em dezembro de 2010 e que contagiou países vizinhos, dando início às revoltas do Mundo Árabe. Essa é a versão mais provável, mas nesse caso a origem do nome também não é definitiva e pode remeter à Revolução dos Cravos, ocorrida em Portugal nos anos 1970. Visentini (2012) defende a tese de que a Primavera Árabe se enquadra dentro de um espectro de movimentos revolucionários chamados *Revoluções Coloridas* que tinham como moto principal a mudança de regime político.

Elas tiveram início como forma de derrubar regimes comunistas do leste europeu (não mais apoiados por Gorbachov), especialmente na Alemanha Oriental e na Tchecoslováquia (*Revolução de Veludo*, 1989). Gradativamente, elas ganharam nova dimensão com a difusão da internet, da telefonia celular e das redes sociais. Posteriormente, a estratégia foi empregada com sucesso na Sérvia (*Revolução Bulldozer*, 2000), na Geórgia (*Revolução Rosa*, 2003), na Ucrânia (*Revolução Laranja*, 2004), no Líbano (*Revolução Cedro*, 2004), no Quirguistão (*Revolução Tulipa*, 2005), no Irã (*Revolução Verde*, 2009) (VISENTINI, 2012, p.158).

²³ A Tunísia é um país localizado no norte da África, com cerca de 11 milhões de habitantes, que vivia sob um regime ditatorial desde 1987.

Seja como for, o nome parece ter caído como uma luva para a esfera midiática, tão afeita a simbolismos e frases feitas para estampar suas manchetes. No campo das representações simbólicas, a denominação parece expressar o desejo de transformação nas sociedades árabes, a vontade de provocar mudanças, de assistir ao florescer de novos tempos. E os ventos da mudança chegaram com força no Magreb no final de 2010.

O começo

As perspectivas para os jovens tunisianos não eram das mais animadoras ao fim da primeira década do século XXI. Altos índices de desemprego, concentração de renda nas mãos de uma elite corrupta e poucas chances de mobilidade social pintavam um quadro pessimista para a juventude.

O jovem Tariq Tayyib Mohamed Bouazizi fazia parte dessa geração. Apesar do diploma universitário (era formado em Ciências da Computação²⁴), Bouazizi era mais um entre os quase 30% de desempregados do país. Para ajudar no sustento da família, ele vendia frutas e vegetais em um carrinho pelas ruas de Sidi Bouzidi, uma cidade na região central da Tunísia.

Em dezembro de 2010 Bouazizi teve seu carrinho confiscado por autoridades policiais. Sem dinheiro para pagar a propina que lhe pediam para devolver o veículo de trabalho e sem meios de sustentar a mãe e as irmãs, ele recorreu ao governo local. Insistiu durante dias para ser atendido e, em uma dessas tentativas, foi esbofeteado por uma funcionária do município, Feyda Hamdi²⁵. Aquilo foi o extremo da humilhação e no dia 17 de dezembro Bouazizi ateou fogo ao próprio corpo em frente à repartição pública na qual havia sido humilhado.

O fato chocou a população local e em pouco tempo havia uma multidão nas ruas protestando contra a polícia. Conforme a notícia se espalhava e mais informações eram agregadas à história, mais pessoas saíam às ruas e mais violentos ficavam os protestos. Bouazizi, em estado grave com 90% do corpo

²⁴ Há certa controvérsia quanto à escolaridade de Bouazizi. A maioria das referências afirma que ele tinha mesmo curso superior.

²⁵ Essa é outra controvérsia sobre o caso, embora haja testemunhas de que isso teria de fato ocorrido (<http://www.independent.co.uk/news/world/africa/tunisia-i-have-lost-my-son-but-i-am-proud-of-what-he-did-2190331.html> - Acesso em 02/11/13).

queimado, foi transferido para um hospital em Ben Arous, cidade próxima à capital, Túnis. Morreu no dia 4 de janeiro. Antes chegou a receber a visita do presidente Zini El Abdini Ben Ali, numa estratégia para acalmar os ânimos nas ruas. Não adiantou. Os protestos tomaram conta do país e menos de um mês depois do ato desesperado de Bouazizi, Ben Ali era obrigado a fugir escondido do país e buscar asilo na Arábia Saudita. Era o fim de 23 anos de ditadura. E era apenas o começo.

Ventos da mudança

O que parecia ser um caso isolado e sem grandes repercussões regionais mostrou-se um incrível catalisador dos anseios das populações árabes. Em algumas semanas quase todo o Mundo Árabe levantava-se contra regimes autoritários, pegando o resto do mundo de surpresa (PUDDEPHATT; OURO PRETO; FARAH; RODRIGUEZ, 2011).

A velocidade com que as multidões tomaram as ruas sugere que já havia um descontentamento latente nessas sociedades, à espera de um fator desencadeante.

As redes sociais, como já referido, contribuíram para que a chama revolucionária se propagasse rapidamente e, com a ajuda delas, as revoltas saíram do espaço virtual para ocupar o espaço real. Castells observou que tal como aconteceu na Tunísia e no Egito, a maioria das revoltas árabes começou com debates, convocatórias e protestos na internet, e tomou forma no espaço urbano. (CASTELLS, 2012, p. 108).

Assim, os argelinos, mesmo traumatizados com uma recente e feroz guerra civil, gritaram por mudanças. Milhares saíram às ruas da capital Argel para protestar.

O Barein²⁶ precisou da ajuda da Arábia Saudita para conter as manifestações que ameaçavam o regime. A própria monarquia saudita abafou prematuramente os protestos em Riad.

No Iêmen, o presidente Ali Abdullah Saleh deixou o poder depois de 32 anos no comando do país. Houve um princípio de guerra civil e Saleh ficou

²⁶ Nesse caso em especial a Al Jazeera teve um papel controverso como veremos no capítulo específico.

gravemente ferido em um ataque ao palácio presidencial. Por fim, os Estados Unidos o receberam como asilado político.

O Iraque, mesmo mergulhado no caos desde a invasão americana de 2003, viu a sociedade se engajar em manifestações que, misturadas a uma onda de atentados, engrossou o coro dos protestos. Até mesmo os curdos, que se consideram uma sociedade à parte, participaram.

Na Jordânia e no Marrocos, a monarquia reformou os governos e fez algumas concessões democráticas antes que as mobilizações sociais se avolumassem. Reformas constitucionais, maior abertura política e novas eleições parlamentares contiveram, ao menos inicialmente, o clamor popular.

No Líbano, o governo de Saad Hariri, já cambaleante, foi desfeito. O país tem um sistema *sui generis* de governo, que é dividido entre os cristãos maronitas, os sunitas e os xiitas. Saad, filho de Rafik Hariri, ex-primeiro ministro assassinado em 2005, teve que deixar o governo (e o país) por pressão de grupos como o Hezbolah, muito influente na política libanesa e na região.

Na Líbia, uma guerra civil com grande intervenção externa²⁷ pôs fim à ditadura de Muammar Kadafi, justo no momento em que o Ocidente o considerava um amigo (VISENTINI, 2012). A Líbia não tinha uma constituição, nem mesmo um governo formal e, talvez por isso, Kadafi acreditasse que não poderia ser deposto. Acabou assassinado por grupos rebeldes quando tentava deixar o país.

Omã, no extremo sul da península arábica, também teve manifestações, embora sem grande repercussão. A maioria da população do país é do ramo muçulmano ibadita, e não sofre grande influência de sunitas ou xiitas.

No Sudão, a população aproveitou a eclosão revolucionária e votou em massa (98%) pela separação do país em dois Estados independentes. O território do Sudão do Sul, formado com a divisão, ficou com grandes reservas hídricas e é provável que a região de Darfur, palco de sangrentos conflitos sectários, acabe por desmembrar-se do Sudão também. O que está acontecendo nesta parte da

²⁷ Em março de 2011 a ONU votou uma resolução impondo uma Zona de Exclusão Aérea sobre a Líbia. Mas alguns dias depois os Estados Unidos, seguidos pelo Reino Unido, França e Canadá, bombardearam o país minando as forças leais ao regime e abrindo caminho para os rebeldes.

África ainda é reflexo direto das marcações territoriais do período colonial, que não levaram em conta as diferenças étnicas e culturais da região, como anteriormente referido.

A Síria é o país onde as manifestações tiveram as consequências mais sérias, com uma Guerra Civil de desfecho incerto, que já matou mais de 100 mil pessoas, entre tropas do governo, rebeldes e população civil, segundo dados da ONU. O cenário ali, porém, é diferente. Embora não haja um governo democrático, o equilíbrio de forças é delicadamente mantido e mesmo o Ocidente mantém-se reticente quanto a uma intervenção armada (OURO PRETO, 2011). Ainda assim, a ingerência externa se dá por meio de apoio logístico (planejamento estratégico, serviços de inteligência) e militar indireto (envio de armamentos). A resistência, inicialmente feita por sírios contrários ao regime, está agora diluída entre vários grupos estrangeiros, inclusive com participação de ramos da Al Qaeda e grupos mercenários (RODRIGUEZ, 2012). Além disso, assim como na Líbia, o empenho ocidental na Síria não passa, necessariamente, pelas aspirações da sociedade e sim por interesses geopolíticos estratégicos (HALIMI, 2011).

No Egito, embora o ciclo revolucionário parecesse ter terminado com a queda de Mubarak, a situação não está definida e, ao final de 2013, parece ter voltado à estaca zero. Depois de duas semanas de intensas manifestações no início de 2011, exigindo a saída de Mubarak, os egípcios tiveram que voltar muitas vezes à Praça Tahrir, epicentro das manifestações, para lutar por suas reivindicações.

Como sugere a análise das matérias que pesquisamos para este trabalho - selecionadas no portal da Al Jazeera em inglês, no período de 25 de janeiro a 11 de fevereiro de 2011 - os egípcios imprimiram uma intensidade crescente à sua mobilização social. Primeiramente concentrada no Cairo, ela se espalhou rapidamente pelo país em cidades como Port Said, Alexandria e Suez. Até mesmo Assuã e Luxor, cidades bem mais ao sul e afastadas dos grandes centros urbanos, aderiram aos levantes que tomaram conta do país.

Ao que tudo indica, as redes sociais tiveram papel de destaque para que essa mobilização se capilarizasse e se organizasse de forma sincronizada (BAHGAT apud ROVAI, 2011).

Cronologia das manifestações no Egito

As manifestações no Egito começaram no dia 25 de janeiro. E essa data não era aleatória. É o Dia da Polícia, um feriado nacional dedicado à memória dos policiais que, em 1952, se juntaram à população civil e ajudaram a derrotar tropas britânicas (que acabaria deflagrando a Revolução de 1952 e a derrubada da monarquia). A ideia era justamente mostrar a diferença entre aqueles policiais do passado e as forças de segurança do momento. Isso porque em junho de 2010 um jovem havia sido espancado até a morte por policiais em Alexandria, precisamente por postar na internet vídeos denunciando a violência policial.

Fotos do corpo desfigurado de Khaled Said, o jovem de 29 anos morto pela polícia, vazaram na internet e causaram indignação no país e no mundo. Uma comunidade chamada *We are all Khaled Said* foi criada no Facebook e agregou milhares de seguidores. Muito antes, então, da Tunísia ter o seu mártir, o Egito já tinha o seu. Manifestações se seguiram ao seu funeral, mas foram reprimidas pelas forças de segurança. A comunidade virtual, no entanto, ganhou força e organização. Assim, quando os eventos da Tunísia derrubaram o ditador Ben Ali, os egípcios perceberam que podiam fazer o mesmo. Os protestos marcados para o dia 25 de janeiro, que tinham como principal bandeira a denúncia contra a violência policial, ganharam outros objetivos.

Depois de 15 de janeiro, quando os tunisianos tiveram sucesso na derrubada de Ben Ali, os objetivos dos eventos mudaram. Em vez de ser algo apenas contra a violência policial, passou a ser contra o regime como um todo. O que aconteceu na Tunísia, para nós, foi um exemplo. Foi lindo, porque nunca pensamos nisso. (BAHGAT apud ROVAI, 2011, p. 14).

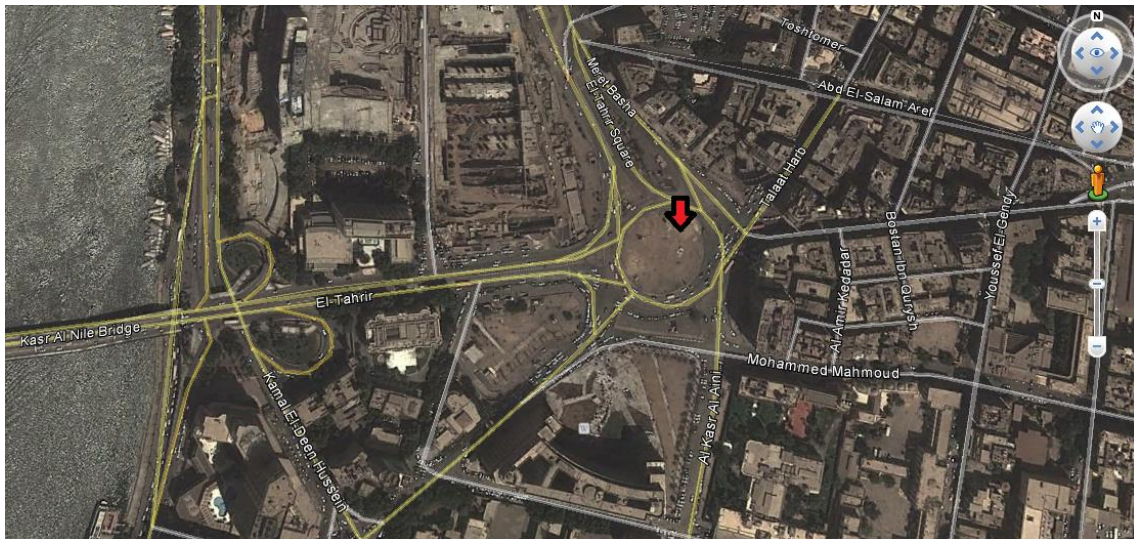
Essa comunidade, moderada por Wael Ghonim²⁸, somou forças com outra, chamada *April 6 Youth Movement*, criada depois de uma greve de trabalhadores

²⁸ Wael Ghonim é egípcio e executivo do Google no Oriente Médio. Chegou a ser detido durante os protestos e foi considerado pela revista TIME uma das 100 pessoas mais influentes do mundo, em 2011.- Fonte: http://content.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2066367_2066369_2066437,00.html
Acesso em 05/11/13

da indústria têxtil em 2008. Juntas, elas convocaram as manifestações de 25 de janeiro. A partir daí, centenas de outros grupos foram criados e os protestos ganharam um caráter espontâneo, quase anárquico, apesar das redes sociais se manterem como as principais ferramentas de mobilização (BENILDE, RODRIGUEZ, 2011; CASTELLS, 2012).

No dia 25 de janeiro, portanto, milhares de pessoas saíram às ruas para protestar, a princípio, contra a violência policial. Mas, conforme se dirigiam aos pontos de encontro, percebiam que aquele protesto seria diferente dos anteriores. No Cairo, por exemplo, os protestos se concentraram na *Medan Al-Tahrir* (Praça Libertação). Essa praça se tornaria um dos grandes símbolos dos protestos e espécie de QG dos ativistas. Se analisarmos uma imagem de satélite (no Google Earth, por exemplo – imagem abaixo), veremos que a sua localização facilitou a chegada dos manifestantes. Situada na região central da cidade, próxima à margem do Nilo, é acessada por 23 ruas que desembocam diretamente na praça. Além disso, duas pontes sobre o Nilo também levam direto à Tahrir. Naquele dia todas essas ruas e acessos estavam repletos de pessoas que se dirigiam ao centro da cidade. (BAHGAT apud CRISPI, 2012).

Depois dos protestos daquela noite, que repercutiram por cidades como Alexandria, Suez, Port Said, entre outras, os manifestantes decidiram manter os protestos nos dias seguintes. Conforme aumentava a adesão aos protestos, aumentava também a repressão a eles. Já no dia 26 de janeiro há registros de pessoas mortas em confrontos com as forças de segurança. O governo bloqueou o acesso ao Twitter, uma das principais ferramentas de mobilização dos manifestantes (RODRIGUEZ, 2011).



Praça Tahrir, Cairo, Egito.

Fonte: Google Earth

No dia 27 de janeiro a Praça Tahrir já estava transformada em um gigantesco acampamento, tomado por barracas de manifestantes. O governo, ainda tentando entender os acontecimentos, reforçou a segurança e a repressão se torna ainda mais violenta.

A sexta-feira, dia santo para os muçulmanos, foi escolhido pelos manifestantes como o Dia da Ira. Aquele 28 de janeiro ficaria marcado como um dos mais violentos da Primavera Árabe. Setenta pessoas morreram e centenas ficaram feridas. Em mais uma tentativa de enfraquecer os protestos o governo cortou totalmente o acesso à internet, decretou o toque de recolher e Mubarak avisou que iria permanecer no cargo.

No sábado, 29, Mubarak fez uma tentativa de acalmar os ânimos, promovendo uma reforma ministerial completa. A presença de militares se intensificou nas ruas, mas os protestos continuaram. Começou então uma onda de saques, inclusive em alguns museus. Os pontos turísticos foram fechados. A China aderiu aos ditames ditatoriais, implantando censura a qualquer busca de informações sobre os acontecimentos no Egito.

No dia 30, tanques do exército conseguiram ocupar parte da Praça Tahrir e aviões militares fizeram voos rasantes sobre os manifestantes. O escritório da Al Jazeera no Cairo, que transmitia os acontecimentos ao vivo, foi fechado e alguns de seus jornalistas foram presos, assim como de diversos outros veículos estrangeiros (TESÓN; RODRIGUEZ; RAGEH, 2011). O egípcio

Mohamed El-Baradei, ex-diretor da Agência Internacional de Energia Atômica e ganhador do Prêmio Nobel da Paz, retornou ao país e juntou-se aos manifestantes. Os Estados Unidos, que até então apoiavam o regime, mudaram o tom do discurso e pediram uma transição pacífica no país (VISENTINI, 2012).

Na segunda-feira, último dia do mês, os trabalhadores convocaram uma greve geral no país. Milhares de estrangeiros tentavam deixar o Egito. O exército afirmou que não ia atirar nos manifestantes, que se mantinham nas ruas.

No dia 1º de fevereiro, mais de um milhão de pessoas se concentravam na Praça Tahrir e arredores para exigir a renúncia de Mubarak. Em rede nacional, o presidente prometeu convocar eleições para setembro e afirmou que não participaria delas. Porém, assegurou que ia manter-se à frente do governo até lá. Começavam, no Cairo, enfrentamentos entre os manifestantes e forças pró-Mubarak. Com dezenas de mortos e centenas de feridos, os conflitos se espalharam pela cidade nos dias seguintes. Jornalistas estrangeiros sofriam perseguição e muitos foram presos. Montados em camelos e armados com chicotes, porretes e facas, grupos pró-Mubarak avançaram sobre a multidão concentrada na Praça Tahrir. Chefes de Estado europeus, antigos aliados de Mubarak, pediam uma transição imediata.

A sexta-feira, 4 de fevereiro, foi chamada de “O Dia da Saída”. Os protestos se intensificavam. Omar Suleiman, chefe do serviço de inteligência egípcio e nomeado dias antes como vice-presidente, fez um apelo para o diálogo e prometeu reformas constitucionais. Mubarak continuava no poder.

Os dias seguintes foram marcados por relativa tranquilidade, apesar dos manifestantes se manterem nas ruas. Algumas concessões foram feitas, como a redução do toque de recolher e garantias à liberdade de imprensa. Os bancos foram reabertos e serviços públicos voltaram a funcionar. Wael Ghonim, executivo do Google e criador da página “*We are all Khaled Said*”, no Facebook foi libertado após 12 dias preso. Tornou-se um dos rostos dos protestos.

Na quinta-feira, 10 de fevereiro, Mubarak transferiu poderes a Suleiman, sob rumores de um golpe militar, reafirmando, entretanto, sua intenção de continuar

no cargo. Manifestantes se revoltaram com as declarações e prepararam a “Sexta-feira dos Mártires”.

No dia 11 de fevereiro de 2011, sem aliados externos ou internos, o ditador Hosni Mubarak não resistiu à pressão e renunciou, depois de quase 30 anos à frente do governo egípcios. O Conselho Superior das Forças Armadas (CSFA) assumiu prometendo eleições, que demorariam mais de um ano para acontecer.

Capítulo 3

Al Jazeera

Embora os meios de comunicação por si só não tenham feito brotar a Primavera Árabe, eles foram fundamentais para a divulgação dos eventos revolucionários. Para além das redes sociais, a emissora de TV catariana Al Jazeera - parte de um conglomerado de mídia que reúne canais a cabo e via satélite, como o Al Jazeera Arabic, Al Jazeera English, Al Jazeera Balkans, Al Jazeera Mubasher, uma produtora de documentários, o Centro de Treinamento e Desenvolvimento Midiático Al Jazeera Jazeera, e o Centro de Estudos Al Jazeera, além de seus portais na internet (árabe e inglês) - teve papel de destaque na cobertura das manifestações, como veremos a seguir.

Portanto, como uma das partes do “tripé” de nosso objeto (redes sociais, Primavera Árabe, Al Jazeera), a rede de notícias do Catar será explorada neste capítulo. Fundada pelo emir do Catar, Hamad bin Khalifa Al Thani, com o objetivo de ser uma fonte independente e alternativa de notícias a rede está no ar desde novembro de 1996 e, em pouco tempo se tornou um importante canal do universo de países de língua árabe, atingindo cerca de 40 milhões de pessoas nessa região. De acordo com o exposto em seu perfil corporativo²⁹, a Al Jazeera é o primeiro veículo de comunicação independente do mundo árabe, dedicado a cobrir e descobrir histórias na região.

Sua extensa cobertura da Revolução Árabe, e sua disposição de transmitir o jornalismo original produzido por cidadãos, bem como os mais diversos pontos de vista, permitiram aos cidadãos árabes sem acesso a computadores ver o conteúdo digital que estava sendo compartilhado por seus vizinhos e conterrâneos (PUDDEPHATT, 2011, p. 21).

A emissora, que transmite 24 horas por dia via satélite, tem uma equipe formada por profissionais de diversos países, muitos deles egressos da rede britânica BBC. Considerada uma CNN³⁰ do Mundo Árabe (HIRST, 2011), a Al Jazeera lançou em 2003 seu portal de notícias em inglês – o Al Jazeera English (AJE) -, objeto deste trabalho. Em 2006 a rede inaugurou o canal por satélite, também na língua inglesa, conquistando mais telespectadores ao redor

²⁹ Ver íntegra do Perfil Corporativo da AJ em: www.aljazeera.com/aboutus

³⁰ A CNN (Cable News Network) é uma emissora norte-americana, cuja cobertura está presente em 212 países. Mais informações em: <http://edition.cnn.com/about/>

do mundo. Segundo informações da própria emissora, a Al Jazeera está disponível em 130 países e transmite para mais de 250 milhões de domicílios.

Acusada de ser a “TV do Bin Laden” ou “porta-voz da Al Qaeda”, por transmitir vídeos do terrorista ou de sua organização – o que a emissora repudia -, a Al Jazeera alcançou prestígio fora das fronteiras iniciais com a cobertura da Primavera Árabe. Em 2011, a então Secretária de Estado dos EUA, Hilary Clinton, declarou que a Al Jazeera estava dando uma aula de jornalismo para a imprensa americana na cobertura dos eventos no Oriente Médio.

Os programas de debates, que reúnem intelectuais, escritores e acadêmicos da região para debater temas candentes são a marca da emissora. “*Inside story*”, “*Witness*” e “*The Frost Interview*”, apresentado pelo lendário David Frost (morto em 2013), são alguns exemplos da grade da emissora na sua versão em inglês.

A *Qatar Foundation*, organização de fomento a iniciativas de pesquisa na área de educação, também de propriedade do xeque Al Thani (como quase tudo no Catar), conseguiu algo inédito ao estampar sua marca na camisa do time de futebol Barcelona, que em mais de 110 anos jamais aceitara patrocínio em seu uniforme. Atualmente é a Qatar Airlines que marca presença na camisa do time catalão.

Lançado em 2003, o portal (www.aljazeera.com) em pouco tempo tornou-se uma opção para quem queria acompanhar as notícias do Oriente Médio, mas não tinha meios para acessar o canal via satélite. No espaço eletrônico os internautas podiam assistir à programação do canal, além de ter acesso a matérias exclusivas. Em 2011 o site em inglês atingiu a marca de 125 milhões de *pageviews*. A maioria teve origem nos Estados Unidos. Seu modelo colaborativo de produção jornalística, que detalharemos a seguir, também ajudou a agregar audiência³¹ ao redor do mundo.

O canal reinava também na internet, superando o “New York Times” em acessos diários graças aos blogs ao vivo e arrebanhando multidões de seguidores no Twitter e no Facebook. Internautas eram estimulados a postar vídeos e informações, criando uma fonte constante de notícias. (ADGHIRNI, 2013, online).

³¹ Os dados são de uma pesquisa da Allied Media Corp. Disponível em: <http://www.allied-media.com/aljazeera/AL-JAZEERA-NET-Site-Usage-visitors-Map-Overview.htm>

Durante a cobertura da Primavera Árabe o portal viu crescer sua audiência, com internautas do mundo inteiro acessando o endereço aljazeera.com. Como a ex-secretária Clinton já havia notado, o portal oferecia uma cobertura diversificada e, aparentemente, neutra dos acontecimentos no mundo árabe. E foi essa divulgação maciça das revoltas que agregou ainda mais credibilidade à emissora catariana.

Cobertura da Primavera Árabe

Durante a cobertura da Primavera Árabe, no entanto, a Al Jazeera foi além da interação entre emissor e receptor. Seu grande trunfo foi ter sabido se apropriar do conteúdo produzido pelas pessoas que estavam nas ruas, no meio das manifestações, que tinham os mais diferentes enfoques e pontos de vista para apresentar. Além disso, havia lugares em que nem a Al Jazeera (ou qualquer outro veículo de imprensa) podia estar. Portanto, restava confiar no material recebido pelos usuários e produzir um conteúdo jornalístico de forma colaborativa.

Nem tudo são flores

O Catar, um país minúsculo e sem forças militares relevantes, tem buscado expandir sua influência no Mundo Árabe usando a Al Jazeera como ferramenta de *soft power* na região. A emissora tornou-se, assim, uma força poderosa, que muitos governos quiseram limitar (ou aliar-se a ela). O regime do Catar está consciente desse ativo e o tem usado para aumentar sua visibilidade internacional e se tornar um *player* importante na região e no mundo (SOUAIAIA, 2011).

Mas, apesar do papel de destaque desempenhado durante a Primavera Árabe, quando ajudou os manifestantes a derrubar regimes despóticos em alguns países da região, a Al Jazeera também tem o seu lado obscuro. Ainda que tenha trabalhado de forma legítima e corajosa ao contribuir para a implantação da democracia em países como Tunísia e Egito, a emissora catariana foi parcial e omissa quando os levantes tiveram lugar em países aliados, sobretudo no Golfo. Souaiaia (2011) lembra que a queda das ditaduras na Tunísia e no Egito deu grande popularidade à Al Jazeera, e reconhece também o papel de destaque nos protestos na Líbia e no Iêmen. Mas, “quando os

protestos chegaram aos países do Golfo (Bahrein, Omã e Arábia Saudita), a cobertura da emissora tornou-se inexplicavelmente mansa. Não demorou muito para os expectadores perceberem que havia dois pesos e duas medidas”.

O seu trabalho na Síria, por exemplo, é visto como claramente tendencioso, ouvindo apenas o lado dos rebeldes no conflito. A AJE alega que não tem conseguido acesso a fontes oficiais do regime de Al Assad. Essa parcialidade, ainda que negada, tem sido motivo de crítica na comunidade internacional. E fere o próprio código de ética da empresa, que no seu artigo 5º diz o seguinte: *“Present the diverse points of view and opinions without bias and partiality³²”*.

Ainda que funcionários atestem que não há ingerência do emir na linha editorial da emissora, ficou claro para as populações árabes que a Al Jazeera teria, em alguns casos, dois pesos e duas medidas. E isso fez com que os índices de audiência (tanto nos canais em árabe e inglês, como nos portais) caíssem de forma acentuada (ADGHIRNI, 2013).

E não foi apenas a audiência que caiu. Wadah Khanfar, que dirigiu a Al Jazeera por oito anos e ajudou a moldar o perfil dinâmico da emissora e a alavancar sua audiência, foi forçado a pedir demissão depois que documentos vazados pelo Wikileaks sugeriam que ele ordenou uma cobertura pró Estados Unidos no Iraque, pressionado pela embaixada americana em Doha (KIRKPATRICK, 2011).

Assim, em setembro de 2011, Khanfar despedia-se via Twitter, dizendo-se satisfeito com seu trabalho e orgulhoso de ter tornado a Al Jazeera uma líder global. Tentando demonstrar que saía por livre e espontânea vontade, ele concedeu uma entrevista³³ à própria Al Jazeera alegando cansaço para a sua saída. Interessante notar que as acusações de parcialidade são discutidas abertamente no ar. Algo impensável na mídia ocidental.

De qualquer modo, o homem que transformou a Al Jazeera em um império midiático saía de cena e em seu lugar entrava Ahmed Bin Jassim Al Thani, membro da família real.

³² Código de Ética da Al Jazeera disponível em:

<http://www.aljazeera.com/aboutus/2006/11/2008525185733692771.html>

³³ Íntegra da entrevista de despedida de Wadah Khanfar:

http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=4jJTIHAU7A

Outra leitura possível para a perda de entusiastas da emissora catariana seria o fato de que agora, com regimes menos despóticos, os meios de comunicação estejam experimentando uma fase de liberdade de imprensa e o número de jornais e TVs independentes esteja crescendo na região. (ADGHIRNI, 2013)

Seja como for, a Al Jazeera, não obstante seu *dark side*, continua influente na região e, durante a cobertura da Primavera Árabe, soube usar como nenhuma outra rede o seu telespectador/leitor como um colaborador.

O modelo Al Jazeera

A forma criativa a que Puddephatt (2011) se referia foi detalhada por Riyaad Minty, gerente de mídias sociais da Al Jazeera, em palestra realizada em Madrid³⁴. Minty contou que os pilares desse modelo eram a relevância, a confiança e o empoderamento estabelecido a partir da participação direta dos cidadãos na construção da pauta jornalística.

Desde o início das manifestações, na Tunísia, a ideia da emissora era exatamente contar com essa participação para realizar a cobertura mais dinâmica e isenta possível. A Al Jazeera se apropriava do material publicado nas redes sociais e o retransmitia para seu público, tanto da TV quanto da internet.

Once the revolutions started, the network featured more than just traditional newsgathering. In addition to providing its own reporting, throughout the Arab Spring Al Jazeera made a point of aggregating social media content, repurposing YouTube video, reproducing Facebook material, and delivering Twitter messages to its TV viewers. Because many countries across the Arab world still have limited Internet access - but boast very high percentages of satellite TV viewers - Al Jazeera bridged a vital communications gap. (SEIB, 2011).

Isso gerava, de imediato, duas conquistas: por um lado permitia uma cobertura ampla, agregando informações desde lugares onde a imprensa não podia chegar. Por outro, dava à Al Jazeera credibilidade junto ao seu público, que a via como parceira, alguém com quem contar. O resultado era óbvio: aumento

³⁴ A palestra, realizada em 2011, pode ser acessada na íntegra em: http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=D0fZXaRjz2M

significativo e crescente na audiência³⁵ dos canais da emissora e tráfego intenso nos seus sites. (MINTY, 2011).

O conteúdo compartilhado entre as nações árabes e o resto do mundo incluía vídeos e imagens de pessoas de todas as classes sociais, capturadas por telefones celulares e câmeras automáticas. Os canais de notícias 24 horas coletavam e organizavam o conteúdo bruto e imediato que os cidadãos vinham compartilhando em todos os países, e disponibilizavam esse conteúdo para os telespectadores da maneira mais rápida possível. (PUDDEPHAT, 2011, p. 20).

Estabelecida essa relação de fidelidade com os manifestantes, em pouco tempo a Al Jazeera passou a receber diretamente milhares de vídeos, fotos e textos acerca dos acontecimentos nos mais diversos locais da região. Minty afirma que o volume era tão grande que não havia como conferir todo o material. “Não há como calcular o material que nos chegou. Era enviado por todas as redes. Só na nossa plataforma subiam 1.200 vídeos por dia durante a revolta no Egito” (MINTY apud ALFAGEME, 2011).

AJE developed routines to (re)broadcast online eyewitness reports, integrate social media content such as YouTube clips and Twitter updates into their coverage, accord authority to activists and, by this, to offer a platform for the social media protest that both validated and magnified the uprisings' reach and influence. (FIGENSCHOU, 2013)³⁶.

A questão que se colocava, então, era a autenticidade das imagens que, em última análise, poderia comprometer a credibilidade da própria Al Jazeera. Era possível, como refere o próprio Minty, que os vídeos (ou fotos, textos, etc.) fossem enviados como sendo registros de acontecimentos da Primavera Árabe, mas na verdade correspondessem a eventos muito anteriores, ocorridos em locais e contextos diferentes. Com um elevado volume de conteúdo gerado a partir das redes sociais, cabia à AJ apurar a veracidade das informações. O que é, afinal, um dos pressupostos do jornalismo. Entretanto, diante dessa enxurrada de informações, como checá-las? Esse foi mais um diferencial da AJ na cobertura da Primavera Árabe, como explicou o gerente de mídias sociais.

³⁵ Em 2011 a audiência da emissora girava em torno de 40 milhões de expectadores, com potencial para atingir 53 milhões. Os dados são de uma pesquisa da Allied Media Corp. Disponível em: http://www.allied-media.com/aljazeera/al_jazeera_viewers_demographics.html. No entanto, o portal da AJE informa que eles estão presentes em 250 milhões de residências em mais de 130 países. <http://www.aljazeera.com/aboutus/2006/11/2008525185555444449.html>

³⁶ Trecho de versão preliminar de *Al Jazeera and the Global Media Landscape*, lançado recentemente na Noruega e gentilmente cedido para este trabalho pela autora.

Lo mejor es conseguir un contacto personal, llegar a esa persona por correo electrónico y pedirle su teléfono. Cuando ya tienes el número con su código de área, sabes en qué zona está. También es interesante revisar la lista de sus tuits publicados. Es interesante examinar los enlaces que cuelga, la gente a la que sigue y que le sigue. Luego hay que comparar su versión con otras, incluidas la de los corresponsales en la zona. También les pedimos que se fotografíen con el periódico del día y así sabemos que están en el sitio en el que dicen que están. Es un gran desafío, pero si sigues estos pasos, puedes estar seguro que tienes un 70% o un 80% de posibilidades de éxito en la verificación (MINTY apud ALFAGEME, 2011).

Amplitude, cumplicidade e legitimidade foram elementos presentes na cobertura da AJ. Os jornalistas que cobriam os eventos na Praça Tahrir estavam imersos naquele ambiente revolucionário. Sabiam que a história estava acontecendo diante dos seus olhos, mas que apenas eles não seriam suficientes para dar conta da grandiosidade do que se passava. Recorreram então, sem purismos ou afetações, ao material disponibilizado nas redes sociais para produzir suas matérias. A repórter da sucursal caiota da AJ, Rawya Rageh (2013), em entrevista para este trabalho, afirmou que as redes sociais pautaram algumas de suas matérias. Além disso, através do Twitter e Facebook encontrou fontes e informações para seu trabalho jornalístico.

Fazendo uma comparação entre as coberturas da BBC Mundo e da Al Jazeera durante os levantes no Egito, Alexa Robertson conclui que, enquanto a AJ estava completamente inserida em um contexto de convergência midiática (*new media*) - ou de um *periodismo integrado*, como diria Salaverría (2008) - a mídia tradicional (*old media*) ainda procurava adequar-se a um cenário no qual os conteúdos sobre os acontecimentos na Praça Tahrir abundavam nas redes sociais.

Faced with such attempts to control, or quell, the flow of information, protesters and journalists alike availed themselves of social media. While only three of the items in the BBCW sample explicitly referred to the role of such media, AJE made use of it in several ways, and it is repeatedly a narrative focus. AJE used - and acknowledged - footage taken from YouTube and other amateur sources, it incorporated tweets and citations from blogs in its narratives, and it highlighted the importance of Facebook and Twitter in several reports (ROBERTSON, 2012, p. 14).

Seguindo nessa linha de análise, Figenschou (2013), afirma que enquanto as concorrentes da Al Jazeera (BBC e CNN) relutavam em fazer uso das informações publicadas pelos manifestantes nas redes sociais, a AJ utilizou

fartamente esse material como fonte para matérias. Numa análise semelhante, Peron (2013) chega a conclusões parecidas:

As mídias noticiosas tradicionais funcionaram para colocar o fluxo dos acontecimentos trazido pelas mídias sociais num contexto e numa perspectiva mais amplos, fornecendo informações adicionais que não seriam conseguidas da maneira tradicional de captação de notícias. A Al-Jazeera, por exemplo, integrou as mídias sociais *online* em suas práticas de coleta de fontes e cultivou jornalistas-cidadãos através da região, o que garantiu a cobertura da sucessão de eventos através de vídeos captados basicamente por *smartphones*. (PERON, 2013, p. 28).

Yasmine Ryan (2013), neozelandesa que coordenava a equipe online da Al Jazeera, também falando para este trabalho³⁷, afirmou que sem as redes sociais não haveria cobertura, sobretudo no início dos protestos, quando o trabalho da imprensa era dificultado por agentes do regime.

There wouldn't have been any coverage without social media, because traditional media wasn't covering the protests at all. I only know what was happening because I was already following activists on Twitter and Facebook and so was seeing the information being shared. (RYAN, 2013).

A responsável pela cobertura online da Al Jazeera também afirma que os jornalistas precisaram se adaptar rapidamente a esse novo cenário. Ela revela que no Egito, durante os protestos do início de 2011, os repórteres passaram a usar extensivamente o Twitter (que ela considera essencial para o jornalismo atual) na construção de suas matérias. Além disso, Yasmine garante que foram as redes sociais que permitiram as pessoas saber tudo o que estava acontecendo.

Na palestra do gerente de mídias sociais da Al Jazeera em Madrid, lhe perguntaram qual a lição que a AJE aprendeu [e ensinou à mídia no mundo inteiro] durante a cobertura da Primavera Árabe.

Los medios de comunicación no debemos ser reactivos. Se trata de construir relaciones. Consiste en crear una relación temprana de fidelidad con los blogueros. Seguimos haciéndolo. Cuando pasa algo, tenemos gente en todo el mundo. Si les respetan, te respetan. (MINTY apud ALFAGEME, 2011).

Um estudo recente, de Campbell e Hawk (2012), realizado a partir do monitoramento da cobertura da AJ com o uso de um software específico

³⁷ A íntegra desta entrevista está transcrita nos anexos.

(MMS)³⁸ traz outras características desse modelo. Interessante notar que o uso de redes sociais aparece, novamente, como fundamental no processo revolucionário.

First, social media in general is presented in a positive light. Though this is never explicitly stated, we see that the Internet and Facebook and the role they play in the protests is never critiqued or framed as problematic. Second, social media are represented as tools, spaces and agents facilitating social and political change within Egypt and the Arab world, especially within the hands of young people. Third, discussions of events related to Tahrir Square are connected with the idea that the demonstrations were not only made possible by the use of social media, but represented the advent of an Internet revolution (CAMPBELL; HAWK, 2012).

Como veremos a seguir, as redes sociais podem ter estabelecido, no caso estudado, um novo caminho para os fluxos informativos no processo comunicacional. Se esses novos fluxos são uma tendência para o jornalismo ainda é cedo para dizer. O fato é que em um evento histórico tão importante, como foi a Primavera Árabe, as redes sociais podem ter se colocado como um canal mais democrático na construção da agenda midiática.

De qualquer modo, esse modelo já fez escola. Os novos veículos de comunicação, surgidos no período pós-revolucionário³⁹, adaptaram as lições da Al Jazeera para as suas realidades locais. Com a vantagem de poder falar para um público mais segmentado e, portanto, com maior potencial de fidelização de audiência, esses novos canais já começam a roubar algumas fatias do bolo da Al Jazeera.

Some new television channels are going a step further, with remarkable social media savvy. After the fall of Mubarak, 16 low-budget television stations quickly went on air. One of them, the Cairo-based January 25 TV, offers shows such as "Hashtag," which collects news from Facebook, Twitter, and YouTube to broadcast to the large audience that has television but not Internet at home. (SEIB, 2011).

Essa repercussão na esfera midiática da região pode vir a contribuir, assim como as redes sociais durante a Primavera Árabe, para o aprimoramento da liberdade de expressão naquelas sociedades. Além disso, esses atributos

³⁸ Para mais informações sobre o programa de monitoramento midiático desenvolvido pela BMS consultar <http://mms.tamu.edu/html/summary.html>

³⁹ Atualmente existem mais de 500 canais transmitidos via satélite com noticiário em árabe. Mais informações sobre o crescimento e a expansão midiática no Mundo Árabe em: <http://globalpublicsquare.blogs.cnn.com/2011/09/27/why-the-arab-spring-was-the-best-and-worst-thing-to-happen-to-al-jazeera/>

colaborativos também podem dar sua contribuição na construção e aperfeiçoamento de regimes democráticos no Mundo Árabe.

No capítulo Novos Fluxos, essas características serão melhor compreendidas, quando analisarmos as matérias publicadas na AJ durante o período recortado para essa pesquisa. Ao final desta etapa espera-se ter elementos suficientes para relacionar um novo modelo de agendamento ao já existente, a partir do papel que as redes sociais desempenharam na mobilização da sociedade durante a Primavera Árabe.

Antes, porém, vamos nos aprofundar na contextualização das redes sociais, tanto no aspecto tecnológico e seus impactos na comunicação, como no aspecto social e sua influência nos movimentos de mobilização política da sociedade.

Capítulo 4

Redes sociais

Neste capítulo fazemos um breve histórico das redes sociais. Como surgiram, a evolução das mídias sociais e o atual estágio tecnológico, além de trazer os principais conceitos ligados à área, elementos como interação, relação, laços sociais e de que forma eles se conectam aos nossos objetivos neste estudo.

Para além do aspecto tecnológico, é nossa intenção explorar também o que Manuel Castells chama de “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999). Ou seja, uma análise de como essas novas tecnologias, notadamente a internet e as redes sociais modificaram as interações entre as pessoas e seu ambiente.

Sociedade em Rede

As redes sociais sempre existiram. O ser humano, ao longo de sua existência, sempre estabeleceu laços pessoais, vínculos relacionais e, portanto, redes sociais. Quando o homem abandonou o nomadismo, por conta da descoberta da agricultura (ainda no período neolítico), e passou a fixar-se em áreas específicas, a ideia de comunidade tornou-se presente e os laços sociais se fortaleceram ainda mais. Neste contexto, as redes sociais se consolidavam como elemento unificador e identitário (MAZOYER e ROUDART, 2009).

Reconhecendo esse caráter anterior das redes sociais, nos debruçaremos aqui sobre o conceito mais atual, que considera uma rede social aquela que conecta pessoas através de computadores (RECUERO, 2009).

Para entender o surgimento das redes sociais é preciso, ainda que brevemente, falar sobre o surgimento da internet. A rede mundial de computadores é fruto de um projeto do Departamento de Defesa norte-americano que, nos anos 1960, auge da Guerra Fria (que opunha em blocos antagônicos os Estados Unidos e a União Soviética e respectivas áreas de influência), temendo um eventual ataque soviético ao país, resolveu descentralizar suas bases de dados. Assim, mesmo que uma central fosse atingida, as outras poderiam continuar operando normalmente. (CASTELLS, 2003). Foi criada então pela ARPA (Advanced Research Projects Agency), uma rede de comunicação com esse objetivo. A ARPANET interligava os

computadores de diversos órgãos do governo americano e permitia que eles trocassem informações. Com a diminuição das tensões no contexto geopolítico e o fim da ameaça soviética, o programa foi aberto às universidades e em meados da década de 1990, sobretudo depois do advento da WWW (World Wide Web), que permitia a conexão de computadores ao redor do mundo, foi disponibilizado para o público em geral. (CASTELLS, 2003).

Para Castells, ainda que a internet tenha começado “na mente dos cientistas da computação no início da década de 1960”, seguida pela rede de comunicações por computador, formada a partir de 1969, e pelas comunidades de cientistas e hackers, surgidas no final da década de 1970, “para a maioria das pessoas, para os empresários e para a sociedade em geral, foi em 1995 que ela nasceu”. (CASTELLS, 2003, p. 19).

A evolução do número de usuários foi ainda mais rápida. De acordo com um relatório⁴⁰ da União Internacional de Telecomunicações, uma agência das Nações Unidas, até o final de 2013 o mundo tinha 2,7 bilhões de usuários de internet.

As redes sociais surgiram já nesse contexto comercial e aberto da internet. Sobretudo a partir do advento da Web 2.0⁴¹, que define a internet como uma plataforma onde os conteúdos são criados de forma colaborativa, em um ambiente de inteligência coletiva (ROMANÍ e KUKLINSKY, 2007).

Para além dos impactos tecnológicos a internet, de forma ampla, e as redes sociais, de maneira mais específica, estabeleceram novas e variadas formas de comunicação, transmissão de informações e relacionamentos pessoais (CASTELLS, 2010).

O pensador catalão, aliás, entende esse contexto como uma nova estrutura social - que se forma a partir do surgimento das tecnologias, notadamente a internet e a chama de *Sociedade em Rede*, pois é “constituída por redes em

⁴⁰ O relatório na íntegra pode ser acessado em: <http://www.onu.org.br/onu-no-brasil/uit/>

⁴¹ O termo Web 2.0 foi cunhado em 2004 por Tim O’Reilly e marcou a etapa colaborativa da rede mundial de computadores com o surgimento não só das redes sociais como também do conceito wiki, que significa, em havaiano, “muito rápido”. Segundo a Wikipédia (website criado nessa época e com esse conceito) “uma Web Wiki permite que os documentos sejam editados coletivamente com uma linguagem de marcação muito simples e eficaz, através da utilização de um navegador (...)”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/wiki>. Acesso em 04/02/2014.

todas as dimensões fundamentais da organização e da prática social” (CASTELLS, 2010).

Essa revolução tecnológica teria afetado, de acordo com Castells (2010), todas as esferas da atividade humana, embora ele refute um determinismo tecnológico diante desse contexto.

É claro que a tecnologia não determina a sociedade. (...) Na verdade, o dilema do determinismo tecnológico é, provavelmente, um problema infundado, dado que a tecnologia é a sociedade e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas. (CASTELLS, 2010, p. 43).

Esse entendimento dialético permite, por exemplo, que se enxergue a internet como uma etapa no progresso tecnológico da sociedade. E mesmo ela, internet, tem evoluído desde então e gerado, entre outras coisas, as redes sociais.

Outros aspectos da Sociedade em Rede são: o encurtamento das distâncias por meio de mecanismos tecnológicos (aldeia global); a interligação dos mercados, o que pressupõe uma volatilidade financeira significativa; as comunicações globalizadas e fluxos informacionais multidirecionais; flexibilidade e adaptabilidade das redes em diferentes cenários sociais e em níveis de desenvolvimento diversos; a convergência tecnológica; e, sobretudo, relações pessoais mediadas por suportes tecnológicos. (CASTELLS, 2010).

No entanto, nos interessa em especial nesse trabalho entender os impactos significativos que os meios de comunicação sofreram nessa transição tecnológica. Para Castells, a passagem do modelo tradicional de comunicação para um modelo horizontal, organizado em torno da internet, introduziu uma multiplicidade de padrões na comunicação e contribuiu para uma transformação cultural, na medida em que “a virtualidade se torna uma dimensão essencial da nossa realidade” (CASTELLS, 2010, p. II).

Nesse período histórico, que Castells chama de Era da Informação, ela, a informação, é um ativo poderoso e a matéria-prima fundamental no contexto social. Seus fluxos multidirecionais estabelecem um processamento contínuo e uma distribuição permanente de informações. Castells (2010) afirma que há uma interpenetração dos meios de comunicação de massa tradicionais com as redes de comunicação baseadas na internet. Segundo ele, as mídias

tradicionais tiveram que lidar com a horizontalização do processo comunicacional, que criou novas formas de produzir e distribuir conteúdo informativo, além de estabelecer novos parâmetros de relacionamento com o público, como a interatividade, por exemplo.

Essa característica horizontal do processo comunicacional, em detrimento do tradicional modelo vertical, proporcionou, de acordo com o autor, o surgimento da *Mass Self Communication*. Ou seja, a comunicação passa a ser produzida, recebida e experienciada individualmente. (CASTELLS, 2006).

A *Mass Self Communication* constitui certamente uma nova forma de comunicação em massa. Ela foi recuperada pelos movimentos sociais de todo o mundo, mas eles não são os únicos a utilizar essa nova ferramenta de mobilização e organização. A mídia tradicional tenta acompanhar esse movimento e, fazendo uso de seu poder comercial e midiático passou a se envolver com o maior número possível de blogs. (CASTELLS, 2006).

Nesse artigo⁴², de 2006, Castells já antevia o uso potencial da auto comunicação em movimentos contestatórios. No trecho a seguir ele, de certa forma, profetiza a importância que as redes sociais teriam nesses movimentos e se aproxima bastante das ideias que propomos neste trabalho. “Falta pouco para que os movimentos sociais e os indivíduos em rebelião crítica comecem a agir sobre a grande mídia, a controlar as informações, a desmenti-las e até mesmo a produzi-las”. (CASTELLS, 2006).

O autor retomaria alguns anos depois essa linha de raciocínio em seu livro *Redes de Indignación y Esperanza* (2012), no qual propõe que as redes sociais são uma ferramenta preciosa na coordenação e organização de movimentos sociais, além de serem fontes decisivas de construção de contra poder.

Se o poder se exerce mediante a programação e a conexão de redes, então, o contrapoder, o intento deliberado de mudar as relação de poder, se ativa mediante a reprogramação de redes em torno de interesses e valores alternativos, ou mediante a interrupção das conexões dominantes e a conexão de redes de resistência e mudança social. (CASTELLS, 2012, p. 26).

Muitos estudos (HOWARD e HUSSAIN, MOROZOV, RODRIGUEZ, 2011; BROWN, KASSIM, MOUSSA, ROBERTSON, 2012; FIGENSCHOU, LINDSEY, MAZAID, 2013) já demonstraram a importância das redes sociais na Primavera Árabe, bem como em outros movimentos sociais como Indignados, Occupy, e

⁴² A Era da Intercomunicação. Disponível em: <http://diplo.org.br/2006-08,a1379#nb1>

em diversas manifestações e revoltas populares surgidas recentemente no mundo. Em *Redes de Indignación y Esperanza* (2012), Castells preocupa-se não apenas com o aspecto tecnológico das redes sociais como ferramentas de mobilização, mas, sobretudo, com o caráter social, sobre o qual elas tiveram impacto significativo. O autor acredita que por meio da produção de mensagens autônomas para os meios de comunicação de massa e o desenvolvimento de redes independentes de comunicação, o cidadão pode inventar novas agendas para as suas vidas, usando para isso o material de seus medos, sonhos e esperanças (CASTELLS, 2012).

Recuero (2011) diz que as redes são os meios e as mensagens da Era da Hiperconexão na qual, além de permanentemente conectadas, as pessoas geram novas formas de circulação, filtragem e difusão das informações.

Redes sociais tornaram-se a nova mídia, em cima da qual informação circula, é filtrada e repassada; conectada à conversação, onde é debatida, discutida e, assim, gera a possibilidade de novas formas de organização social baseadas em interesses das coletividades. (RECUERO in BRAMBILLA, 2011, p.15).

Recuero (2009) confirma também que as redes sociais alteraram o processo comunicacional ao transformar o clássico modelo vertical (poucos emissores – muitos receptores) em um modelo horizontal (muitos emissores – muitos receptores). Para a autora, essa transformação representa uma democratização na produção e no acesso à informação.

Elementos das Redes Sociais

Raquel Recuero (2009) apresenta alguns elementos fundamentais das redes sociais. O principal elemento são os atores, constituídos pelas pessoas conectadas a uma rede social e que representam os nós dessa rede. Da relação entre esses atores se forma a conexão, outro dos elementos principais de uma rede. De modo geral, as conexões são constituídas pelos laços sociais, que, por sua vez, são formados por meio da interação social entre os atores.

Há ainda as interações, que são a matéria prima das redes sociais. Significa dizer que, assim como na esfera *offline*, cada indivíduo precisa do outro para existir. Essas interações se dão por meio das relações estabelecidas na rede,

que por sua vez reforçam os laços sociais. O quadro abaixo ilustra, de forma resumida, essas interações e seus respectivos laços.

Tipo de laço	Tipo de interação	Exemplo
Laço associativo	Interação reativa	Decidir ser amigo de alguém no Facebook, enviar um link, etc.
Laço dialógico	Interação mútua	Conversar com alguém no Facebook, Twitter, etc.

Tabela 1

Adaptado⁴³ de RECUERO, 2009.

Esses laços podem ser definidos, ainda, como fortes ou fracos. Recuero (2009), recorrendo a Granovetter (1973 e 1983), diz que a força de um laço depende da intensidade emocional, intimidade, confiança e quantidade de tempo dedicado àquela relação. Um laço forte, portanto, seria característica de relações mais pessoais, geralmente estabelecidas com atores com os quais também se mantêm interações fora da ambiência virtual. Ou ainda, de relações de reciprocidade, afinidade e interesses compartilhados.

Um laço fraco, por outro lado, seria característico de relações mais difusas, sem um envolvimento substancial entre os atores, como o simples compartilhar de um link ou post (retuitar⁴⁴ ou curtir⁴⁵, por exemplo). A autora, contudo, ressalta a importância dos laços fracos, pois eles são responsáveis pela conexão entre grupos distintos e têm papel importante na formação da rede (RECUERO, 2009).

Esses conceitos, ainda que não apreendidos em sua forma teórica, são aplicados diariamente na prática por bilhões de usuários ao redor do mundo. A seguir, detalharemos brevemente duas das principais redes sociais em uso atualmente e que interessam em especial a este trabalho: Facebook e Twitter.

⁴³ Para um estudo mais substancial do conceito de redes e laços sociais, consultar *Redes Sociais na Internet*, de Raquel Recuero (2009).

⁴⁴ Adaptação da expressão em inglês *retweet*. Quando um usuário do Twitter replica o *tweet* (postagem) de outro.

⁴⁵ Do inglês *like*. Ação na qual um usuário aprova a postagem de outro, no Facebook.

Facebook

O Facebook é atualmente a rede social mais popular do planeta. Uma pesquisa⁴⁶ realizada no final de 2013 pela The Next Web - empresa norte-americana que faz medições e estatísticas na internet – contabilizou aproximadamente 1,2 bilhões de usuários nessa rede social.

Criada em 2004 por estudantes da Universidade de Harvard (EUA), a ideia inicial era estabelecer uma rede de contato entre estudantes recém-saídos do ensino médio (High School) e iniciando a faculdade (College). Em pouco tempo, porém, o serviço se expandiu e o Facebook tornou-se muito popular não só entre universitários. A expansão começou nos Estados Unidos e, em seguida, no mundo todo, sendo hoje a rede social com o maior número de usuários (RECUERO, 2009).

O Facebook funciona por meio de perfis e comunidades. Os perfis representam os próprios usuários, que estabelecem sua identidade virtual para interagir com os demais integrantes da rede. Nos perfis é possível publicar textos, fotos, vídeos, compartilhar links e interagir com todos os usuários com os quais se mantém conexão de forma aberta (coletiva) ou privada (com um usuário selecionado).

Uma comunidade é um grupo dedicado a um tema específico, existindo comunidades sobre os mais variados temas, como esportes, política, cultura, entretenimento, etc., que agregam usuários em torno de interesses comuns. Durante as manifestações, tanto da Primavera Árabe, como em outras mobilizações sociais, muitas comunidades foram criadas para organizar, mobilizar e divulgar os protestos. A comunidade *We are all Khaled Said*⁴⁷, aglutinou milhares de usuários no Egito, por exemplo. Além disso, comunidades como essa, eram uma forma de driblar a censura imposta pelo Estado e os meios de comunicação pró-regime.

As revoluções no Mundo Árabe ilustram como é importante que a internet e suas plataformas e serviços associados continuem a ser um espaço aberto, servindo interesses públicos. Há alguns anos os governos vêm procurando formas de regular a internet, ou pelo

⁴⁶ Mais informações em <http://thenextweb.com/facebook/2013/10/30/facebook-passes-1-19-billion-monthly-active-users-874-million-mobile-users-728-million-daily-users/>

⁴⁷ Mais detalhes sobre essa comunidade no capítulo sobre a Primavera Árabe.

menos, estabelecer a hegemonia dos governos na definição das suas políticas. (PUDDPHATT, 2011, p. 24).

Com uma atualização constante e a criação de aplicativos (ferramentas de uso digital, com variadas funcionalidades), o Facebook agrega diariamente mais usuários. Após a abertura de suas ações na Bolsa de Valores (maio de 2012) a companhia atingiu um substancial valor de mercado⁴⁸, que atualmente gira em torno dos US\$ 150 bilhões.

Twitter

O Twitter é a outra rede social que merece especial atenção neste trabalho. Criado em 2006 nos Estados Unidos, a rede é um tipo de *microblogging*, ou seja, usa textos curtos em cada postagem, nesse caso chamada de *tweet*. A ideia inicial era responder, em 140 caracteres, à pergunta “o que está acontecendo?”. Aos poucos novas funcionalidades foram sendo agregadas ao serviço, que se expandiu, permitindo o uso de fotos e vídeos. Como em outras redes sociais, criam-se vínculos com outros usuários, aqui chamados de seguidores, que recebem os *tweets* publicados, podendo replicá-los para os seus próprios seguidores. Os conceitos de laços também se aplicam nesse caso.

Os 140 caracteres não são aleatórios⁴⁹ e remetem a tecnologias de comunicação anteriores, como o Telex e o SMS. O Telex era uma espécie de máquina de escrever que enviava e recebia mensagens de até 160 caracteres por vez. O SMS (Short Message Service) é um serviço de mensagens de texto enviadas via celular. O sistema foi criado nos anos 1990 e baseou-se no padrão do Telex. Embora se possa enviar uma mensagem de milhares de caracteres, a cada 160 a operadora considera como uma mensagem, para fins de cobrança. Quando o Twitter surgiu seus criadores imaginavam que ele seria usado, preferencialmente, nos celulares, por isso seguiram o mesmo padrão de 160 caracteres: até 20 para o nome do usuário e 140 para o *tweet* propriamente dito.

⁴⁸ Segundo dados da Nasdaq (Bolsa de Valores eletrônica dos Estados Unidos). Mais informações sobre as ações do Facebook em: <http://www.nasdaq.com/symbol/fb>

⁴⁹ Mais informações sobre o padrão do Twitter em: <http://super.abril.com.br/tecnologia/so-cabem-140-caracteres-twitter-598884.shtml>

O Twitter trabalha também com a utilização de *hashtags* (palavras-chave), identificadas pelo prefixo “#”. O uso dessa ferramenta ajuda a divulgar um assunto na rede. A *hashtag* “#25jan”, por exemplo, ficou entre os principais assuntos publicados no Twitter no início da revolução egípcia, em janeiro de 2011. O Twitter divulga e atualiza automaticamente a lista dos dez assuntos (ou *hashtags*) mais comentados na rede por meio de uma ferramenta chamada *Trending Topics*, na qual o usuário pode selecionar os dez assuntos mais comentados mundialmente. Pode também fazer o recorte por país, por região e até por algumas cidades especificamente.

Segundo Saleem Kassim (2012), durante a Primavera Árabe, Facebook e Twitter tiveram papel de destaque, mas com diferentes aplicações. Enquanto o Facebook era utilizado para agendar as manifestações, o Twitter foi usado, sobretudo, para coordenar os protestos. Kassim diz ainda que as redes sociais ajudaram a quebrar uma barreira psicológica de medo, ao permitir que as pessoas se conectassem umas com as outras e compartilhassem informações.

Autores anteriormente citados (HOWARD e HUSSAIN, MOROZOV, RODRIGUEZ, 2011; BROWN, KASSIM, MOUSSA, ROBERTSON, 2012; FIGENSCHOU, LINDSEY, MAZAID, 2013) são unânimes em afirmar que não foram as redes sociais a causa da Primavera Árabe. Também concordam ao afirmar que, sem elas, os manifestantes não teriam tanta força, já que elas ajudaram a catalisar um sentimento comum de insatisfação e indignação entre os jovens árabes. Por meio delas, acreditam, as narrativas comuns entre a juventude árabe ganharam força e visibilidade não só na região mas no mundo todo.

No capítulo seguinte vamos explorar mais detidamente o papel das redes sociais nos movimentos de mobilização política da sociedade.

Capítulo 5

Mobilizações sociais e democracia direta

Neste capítulo pretendemos nos debruçar sobre as novas formas de mobilização social que começam a ganhar espaço com o advento das novas tecnologias digitais como a internet e, mais especificamente, as redes sociais. Por óbvio, não é nossa pretensão esgotar a discussão sobre essa temática, mas apenas trazer alguns elementos para colaborar na compreensão de nosso estudo.

Os levantes populares no Mundo Árabe serviram de exemplo e incentivo para movimentos emancipatórios em todo o mundo. A proposta deste capítulo, então, é abordar os modelos de mobilização social que se dão por meio da internet, tributários da Primavera Árabe; analisar de que forma essa mobilização se converte em participação popular.

A propósito, Touraine (2006) questiona se é possível usar o termo “movimentos sociais” para esse tipo de mobilização. Para ele, os movimentos sociais propriamente ditos são aqueles que objetivam uma transformação profunda na sociedade e teriam ficado no passado, como a luta de classes, por exemplo. Embora deixe a questão em aberto, Touraine sugere que não se descarte o uso clássico do termo *movimentos sociais* para as mobilizações que têm lugar na atualidade, no que ele chama de sociedade pós-industrial (TOURAINÉ, 2006).

Outra terminologia que merece atenção aqui é a palavra *revolução*, que perpassa, ainda que indiretamente, todos esses movimentos de mobilização popular a que se têm assistido. Florestan Fernandes (1984) traz uma valiosa contribuição ao conceituar “revolução”:

A palavra "revolução" encontra empregos correntes para designar alterações contínuas ou súbitas que ocorrem na natureza ou na cultura (coisas que devemos deixar de lado e que os dicionários registram satisfatoriamente). No essencial, porém, há pouca confusão quanto ao seu significado central: mesmo na linguagem de senso comum, sabe-se que a palavra se aplica para designar mudanças drásticas e violentas da estrutura da sociedade. Daí o contraste frequente de "mudança gradual" e "mudança revolucionária" que sublinha o teor da revolução como uma mudança que "mexe nas estruturas", que subverte a ordem social imperante na sociedade. (FERNANDES, 1984, p. 8).

Portanto, seguindo essas orientações, cabe fazer uma diferenciação conceitual entre os levantes árabes (estes sim de caráter nitidamente revolucionários), das manifestações que têm acontecido em diferentes partes do mundo (inclusive no Brasil). Ainda que guardem certas semelhanças com a Primavera Árabe, sobretudo na forma de mobilização (uso das redes sociais, principalmente), tais movimentos não buscam a derrubada do governo, por exemplo, mas mudanças políticas e sociais. Para reforçar essa teoria, Goldstone (2013) argumenta que:

If their goal is to overthrow the state, then, ipso facto, we are dealing with an attempt at 'revolution'. If their goal is to change a policy of the state or to influence the attitudes of some social group or society in general, we are dealing with a 'social movement'. (GOLDSTONE apud RANE & SALEM, 2013, p. 3)

Seja como for, buscando a derrubada de governos (via levantes revolucionários), ou transformações na política e na sociedade (via mobilização social), poderia se dizer que esses movimentos têm uma gênese comum, que pode ser encontrada em autores e conceitos que remontam séculos atrás.

Origens do discurso democrático⁵⁰

É possível identificar nessas manifestações, sobretudo nos discursos, ecos do que autores como o alemão Immanuel Kant ou o americano Henry David Thoreau diziam alguns séculos atrás. Tentamos expor a seguir como estes autores influenciaram, ainda que indiretamente, uma práxis discursiva no âmbito das redes sociais.

À primeira vista pode parecer um tanto ousado colocar na mesma frase (ou ideia) estes autores e as modernas tecnologias digitais. Ainda mais quando se reconhece que a obediência às leis e a negação, a priori, do direito de resistência, aparecem como imperativos categóricos no idealismo kantiano (SAUERESSIG, 2008). Mesmo assim, parece-nos que uma leitura mais atenta permite encontrar algumas observações positivas do autor em relação a este tema.

Por exemplo, a ideia de “saída da minoridade” que Kant propunha, inaugurou um conceito de emancipação do indivíduo que permanece extremamente atual.

⁵⁰ Esta parte foi apresentada, sob a forma de artigo, ao 10º SPJor (2012) e publicada na Revista Cadernos de Comunicação (Vol. 17, N° 18, 2013).

Ou seja, sair da minoridade é livrar-se da tutela do Estado. E, no caso de nações que viviam sob regimes ditatoriais, como o Egito e a Tunísia, para citar apenas dois exemplos, a renúncia a essa tutela é ainda mais significativa.

A instabilidade das conquistas egípcias não parece ter impedido que a mobilização política feita pelas redes sociais se espalhasse. E isso se deu, em grande medida, graças ao que Milton Santos (2005) chamou de “cognoscibilidade do planeta”. Ou seja, a capacidade que as novas tecnologias deram de se conhecer o planeta “extensiva e profundamente”, em uma simultaneidade até então inédita.

O que esses movimentos parecem buscar é justamente uma maior autonomia política, uma democracia mais participativa, onde o cidadão tenha mais espaço no processo político. Significa dizer: a cidadania pode ser exercida de forma mais direta, e não apenas através da representação política do eleito, pelo qual, afinal, esse cidadão não se sente representado. Isso quando há eleições. Esses movimentos tentam, portanto, resgatar um ideal de democracia direta, que Bobbio afirma nunca ter sumido por completo:

O ideal da democracia direta como a única verdadeira democracia jamais desapareceu, tendo sido mantida em vida por grupos políticos radicais, que sempre tenderam a considerar a democracia participativa não como uma inevitável adaptação do princípio da soberania popular às necessidades dos grandes Estados, mas como um condenável ou errôneo desvio da ideia originária do governo do povo, pelo povo e através do povo. (BOBBIO, 2007, p. 154).

Assim, esses movimentos ao redor do mundo parecem carregar insatisfações semelhantes as que fizeram os jovens árabes sair às ruas. Ainda que os europeus, americanos ou brasileiros não estivessem lutando por democracia e sim por melhores condições econômicas e sociais, os seus gritos de guerra não eram tão diferentes dos ouvidos no Mundo Árabe. E ambos tinham (têm) – além da ideia de emancipação, proposta por Kant - a essência da desobediência civil em seus discursos, já que enxergavam os respectivos governos como culpados por suas mazelas.

Além disso, o filósofo alemão também sublinhava certa rebeldia, própria do ser humano, que estabelecia um limite para a imposição da vontade do Estado,

pois, apesar das leis que o regem, o ser humano é, por natureza, ingovernável (SAUERESSIG, 2008).

Em Kant, o direito de resistência (um dos pilares da desobediência civil), se estabelece quando o governante não age de acordo com o que foi tacitamente contratado com o governado. Rousseau já previa essa possibilidade no seu Contrato Social, mas Kant, parece-nos, vai um pouco além do aspecto formal da questão. Assim, pode-se dizer que a teoria kantiana permite o direito de resistência, como uma questão de consciência (SAUERESSIG, 2008).

Enquanto Kant (1985, p.106) dizia que um indivíduo “não age contrariamente ao dever de um cidadão se, como homem instruído, expõe publicamente suas ideias contra as inconveniências e injustiças dessas imposições”, por sua vez, Thoreau (1997, p. 32) receitava: “Sai mais barato, em todos os sentidos, sofrer a penalidade pela desobediência do que obedecer – obedecer faria com que eu me sentisse diminuído”.

De formas distintas, ambos propõem uma emancipação do cidadão em relação ao Estado. Nas palavras de Thoreau, em seu manifesto “Desobediência Civil”, podemos ver mais claramente essa relação: “O próprio governo, que é simplesmente uma forma que o povo escolheu para executar a sua vontade, está igualmente sujeito a abusos e perversões antes mesmo que o povo possa agir através dele” (Thoreau, 1997, p.35).

Thoreau vai mais além, sugerindo que um governo pode, por vezes, não representar a vontade do povo que o elegeu, tornando-se uma inconveniência, já que para ele “o governo, no melhor dos casos, nada mais é do que um artifício conveniente; mas a maioria dos governos é por vezes uma inconveniência, e todo governo algum dia acaba por ser inconveniente” (Thoreau, 1997, p.37). Ele diz ainda que se a legislação que o governo estabelece para os governados “for de natureza tal que exija que nos tornemos agentes de injustiça para com os outros, então proponho que violemos a lei” (1997, p.26).

Neste ponto, é inegável a tentação de interpretar as propostas do autor como anarquistas e vincular a esse conceito as manifestações surgidas no âmbito das redes sociais. De fato, diversos autores anarquistas são reconhecidamente

tributários das ideias de Thoreau. Além deles, Bobbio chega a perguntar: “E se o Estado fosse um mal e além do mais não fosse necessário?” (Bobbio, 2007, p.131). Porém, reconhece que isso levaria a uma sociedade anárquica.

Thoreau, contudo, não pretendia o “fim do governo e sim um governo melhor”. Para isso, não abria mão da revolução, já que via nela uma forma de protesto legitimada pelo “direito de negar lealdade e de oferecer resistência ao governo sempre que se tornem grandes e insuportáveis a sua tirania e ineficiência” (Thoreau, 1997, p.39). O autor se referia, no entanto, a uma revolução pacífica e espontânea, que tinha a desobediência ao governo como elemento principal.

Desobedecer é o verbo que se define como central na teoria de Thoreau. A desobediência é fundada na tentativa de fazer com que a instituição visada por determinado movimento, geralmente os governos ou os atos vinculados a estes governos, percebam que existem cidadãos que estão insatisfeitos com o contrato firmado. Sendo assim, se trata de um fenômeno imprevisível, pois sua eclosão não depende de uma previsão legislativa concreta e sim de violação ao que de mais concreto representa a lei para o indivíduo (SAUERESSIG, 2008, p. 87).

Antes de chegar aos manifestantes das redes sociais esse “modelo revolucionário” de resistência, baseado na desobediência civil, encontrou seguidores em figuras emblemáticas do século XX, como Martin Luther King, Nelson Mandela e Mahatma Gandhi.

King, nos Estados Unidos, e Mandela, na África do Sul, lançaram mão da desobediência civil e da mobilização cidadã para combater a segregação racial em seus países. Gandhi utilizou o texto de Thoreau como receituário em sua campanha de independência da Índia. Sua Marcha do Sal, em 1930, simbolizou o início da resistência ao domínio britânico e suas ações continuadas de desobediência civil, seguidas por milhões de indianos, trariam a independência em 1948.

Esse mesmo conceito viria a inspirar, algumas décadas depois, o francês Stéphane Hessel. Um dos grandes ícones do movimento dos “Indignados”, Hessel foi membro da resistência francesa na 2ª Guerra Mundial e continuou na ativa até fevereiro de 2013, quando morreu aos 95 anos. Confessadamente inspirado em Thoreau, ele publicou no final de 2010 o manifesto “Indignai-vos” (*Indignez-vous!*), um texto chave para o movimento. Ali ele convoca a juventude a indignar-se contra o sistema e as injustiças do mundo, através de:

Uma verdadeira insurreição pacífica contra os meios de comunicação de massa, que, como horizonte para nossos jovens, só sabem propor o consumo de massa, o desprezo aos mais fracos e à cultura, a amnésia generalizada e a competição desenfreada de todos contra todos. (HESSEL, 2010, p.36).

O movimento dos “Indignados”, e outros tantos pelo mundo, buscaram responder a esse chamado. Milhares de jovens conectaram-se ao redor do planeta e foram às ruas, pacificamente, em busca de emancipação política. Não reconheciam nos seus governos os representantes de suas demandas. Com gritos de guerra, cartazes e máscaras de Guido Fawkes⁵¹, eles acampavam em praças, ruas e parques. Era um sinal claro de desobediência civil, já que em todos os lugares as autoridades proibiram a tomada de espaços públicos.

E essa ocupação não era despropositada. De acordo com Castells (2012), essa ação tem algumas razões, entre elas: ao ocupar os espaços públicos criam-se laços comunitários e, com eles, o companheirismo, ingrediente fundamental em movimentos sociais; a ocupação tem um viés simbólico já que, os espaços tomados têm, geralmente, um caráter histórico e ao ocupá-los, os cidadãos retomam o seu passado. Por fim, “ao construir uma comunidade livre em um lugar simbólico, os movimentos sociais criam um espaço público para a deliberação que, então, se converte em espaço político” (CASTELLS, 2012, p. 28).

Até por isso mesmo, esses jovens tinham fé de que estavam fazendo a coisa a certa. Assim como Thoreau, eles acreditavam que:

Ações baseadas em princípios - a percepção e a execução do que é certo - modificam coisas e relações; a ação deste gênero é essencialmente revolucionária e não se reduz integralmente a qualquer coisa preexistente. Ela cinde não apenas Estados e Igrejas; divide famílias; e também divide o indivíduo, separando nele o diabólico do divino. (THOREAU, 1997, p.22).

⁵¹ Guido Fawkes (originalmente Guy) foi um soldado inglês que em 1605 participou de uma conspiração para assassinar o rei Jaime I. O plano era explodir o parlamento inglês durante uma sessão na qual o monarca estaria presente. O golpe foi descoberto e Guido foi torturado e executado. Mas ele passou para história como um homem que “enfrentou o sistema”. Até hoje, em todo o dia 05 de novembro, imagens de Guido são “malhadas” pelas ruas de Londres. Sua história foi adaptada no filme “V de Vingeta” e a máscara que o personagem usava ficou muito popular também nos movimentos dos “Indignados”, embora seja o “emblema oficial” do grupo de hackerativistas “Anonymus”.

Além disso, a participação efetiva e engajada de milhares de jovens estabelecia um interessante paradoxo: a mesma juventude que era tida como supérflua ou alienada, que só pensava em divertir-se – e divertir-se significa estar de acordo, no dizer de Adorno e Horkheimer (1985) –, essa mesma juventude surpreendeu o mundo com uma gigantesca onda contestatória. Conectados e atuantes, nas redes e nas ruas, os jovens estabeleceram novas formas de resistência. Aliás, à hibridização entre espaço real e virtual, Castells (2012) chama de espaço da autonomia.

O motivo é que a autonomia só pode ser garantida mediante a capacidade de organização no espaço de liberdade das redes de comunicação, mas, ao mesmo tempo, unicamente se pode exercer como força transformadora se desafia a ordem institucional disciplinadora recuperando o espaço da cidade para seus cidadãos. A autonomia sem desafio se converte em retirada. O desafio sem uma base permanente de autonomia no espaço dos fluxos equivale a um ativismo descontínuo. O espaço de autonomia é a nova forma espacial dos movimentos sociais em rede (CASTELLS, 2012, p. 213).

Em atos de resistência, Mandela, Luther King e Gandhi não puderam contar com as potencialidades das novas tecnologias e das redes sociais. Até porque, como nos lembra Milton Santos, “a cada evolução técnica, uma nova etapa histórica se torna possível” (Santos, 2005, p.24).

Ainda, o uso de modernas tecnologias pelos cidadãos comuns (não especialistas) foi possível através do que Walter Benjamin (1985) chamou de “apropriação da técnica”. Ou seja, a banalização da técnica permitiu que a “massa” tivesse acesso aos meios de comunicação e passasse, ela mesma, a comunicar. Dessa maneira é que ela possibilitaria um empoderamento da sociedade por meio dos atributos técnicos que estavam então disponibilizados. O que não significa dizer que essa apropriação seja sempre positiva, mas permite uma certa emancipação.

No entanto, a possibilidade de resistência e participação política através da tecnologia e dos meios de comunicação já havia sido proposta por Brecht, como nos fala Muniz Sodré:

Bem antes de McLuhan., já a partir da segunda década deste século, o dramaturgo e poeta alemão Bertold Brecht apresentava, com seu panfleto intitulado “teoria do rádio”, a utopia tecnológica de uma sociedade conversacional, dialógica, em que, por meio da radiodifusão, todos poderiam confluír para um consenso, e as massas poderiam exigir diretamente prestações de contas ao Estado. (SODRÉ, 2002, p. 72).

Aqui nos parece que há uma aproximação mais precisa do que esse capítulo propõe: as tecnologias, nomeadamente as relacionadas à comunicação, potencializam um ideal de emancipação cidadã e participação política da sociedade, surgido muito tempo atrás. Não se pretende supor que as redes sociais sejam o Santo Graal da sociedade contemporânea – longe disso. Parece-nos, porém, que elas tornam mais eficazes uma mobilizações geradas no âmbito da realidade social. Não são elas que criam a revolução, mas elas se constituem em mais uma ferramenta (ou arma, se preferirmos) de empoderamento da sociedade.

Sobre isso, Castells fala que “este é o novo contexto, no coração da sociedade em rede como uma nova estrutura social, na qual se estão formando os movimentos sociais no século XXI” (CASTELLS, 2012, p. 210).

Em *Comunicação nos movimentos populares*, Cicilia Peruzzo dizia (ainda nos primórdios da Internet) que, “na prática, os meios de comunicação popular, apesar de sua importância e de seu significado político, não chegam a colocar-se como forças superadoras dos meios massivos” (PERUZZO, 1998, p. 130). Podemos aqui antecipar que, enfim, os meios de comunicação popular (aqui entendidos como as redes sociais, sobretudo) superaram os demais meios massivos, possivelmente engendrando uma inversão da teoria do agendamento.

É possível reconhecer as redes sociais, portanto, como uma mídia alternativa, proporcionando um espaço de publicização à margem da imprensa alinhada ao *status quo*. Muniz Sodré alerta que “em certos espaços nacionais, a autocensura jornalística, imposta pelos proprietários em função de seus interesses empresariais, pode ser tão ou mais severa que o controle do Estado” (SODRÉ, 2002, p.74).

Pode-se, ainda, ir mais além, vendo nas redes sociais o que Downing chama de “mídias radicais”, que ele relaciona justamente aos movimentos sociais oriundos da sociedade. Aliás, nesse autor, encontramos ainda ecos das propostas de Thoreau e Kant:

Os movimentos sociais constituem uma das expressões mais dinâmicas de resistência, em comparação com instituições mais estáveis e duradouras, como sindicatos ou partidos. (...) A ascensão

desses movimentos parece ocasionar e, ao mesmo tempo, ser ocasionada pela mídia radical. (DOWNING, 2002, p. 55).

Ainda que vejamos com ceticismo o caráter revolucionário possibilitado pelas tecnologias da comunicação, essas revoluções, deflagradas através das novas mídias, têm um valor em si mesmas. Foucault, por exemplo, comentando Kant, nos fala da importância da revolução como acontecimento. Ou seja, “pouco importa que ela tenha êxito ou fracasse, isso não é o sinal do progresso que buscamos” (Foucault, 2010, p.18). Ela é também uma maneira de sair da “menoridade”, de governar-se por si. “É sinal, primeiro, de que todos os homens consideram que é do direito de todos se dotar da constituição política que lhes convém e que eles querem” (Foucault, 2010, p. 19).

Em Kant encontramos também uma característica tão comum a esses movimentos revolucionários: “O significativo é a maneira como a revolução faz espetáculo, é a maneira como é recebida em toda a sua volta por espectadores que não participam dela, mas a veem, que assistem a ela e que, bem ou mal, se deixam arrastar por ela” (KANT in FOUCAULT, 2010, p. 19). Ou seja, o caráter global das manifestações contemporâneas não deixa ninguém de fora. Todos, de uma forma ou de outra, são atingidos por ela.

Redes de emancipação

Há, claro, que se ter o cuidado de não estabelecer as novas tecnologias como o arauto absoluto da participação política na atualidade. Até porque nem toda a sociedade possui amplo acesso a essas ferramentas e não pode, por conta disso, ser alijada do processo democrático. Esse necessário cuidado fica claro no dizer de Milton Santos, nos alertando que “quando um determinado ator não tem as condições para mobilizar as técnicas consideradas mais avançadas, torna-se, por isso mesmo, um ator de menor importância no período atual” (Santos, 2005, p. 25).

Kant falava que permanecer na menoridade era culpa do próprio homem. Emancipar-se, ousar saber (*sapere aude*) dependia apenas dele. Mas era mais fácil para muitos homens permanecer na menoridade, ficando assim a mercê de tutores que os governassem. As redes sociais, é bom que se repita, não são

a saída para a maioria, que Kant propunha. Apenas o conhecimento pode levar ao esclarecimento. Mas elas podem ser um caminho de emancipação social, através do qual o cidadão vivencie mais diretamente a democracia, lembrando (talvez utopicamente) as origens desse conceito.

Relatando os primórdios dessa ideia em seu livro *Origens do discurso democrático*, Donald Schüller afirma que “não há democracia na vigência do discurso único. Porém, não se espere que a democracia resolva os conflitos, ela os cultiva. É no espaço público que os argumentos respiram, é lá que são eficazes” (Schüller, 2001, p. 27).

Os movimentos surgidos no âmbito das redes sociais procuram retomar o espaço público. Fez-se da ocupação das praças, ruas e avenidas – e da experiência de democracia direta que ali se desenhava – uma reivindicação em si mesma.

Buscam, através desses meios, executar o que Brecht havia proposto: “uma sociedade dialógica, conversacional”, onde a o cidadão enfrentaria o Estado de forma organizada e consensual. Essa “utopia tecnológica”, como diz Sodré, talvez esteja se desenhando, para além dos contornos pré-definidos pelo *establishment*.

Nas décadas anteriores o meio de comunicação dominante e hegemônico era a televisão. E essa mídia, por natureza, sempre privilegiou a passividade e a inércia. Por outro lado, a internet, sobretudo a partir das inovações do 2.0, estimula a interatividade, a ação e a reação. Ou seja, enquanto a televisão isola, a internet conecta.

Voltando a nossa hipótese, ainda que não sejam as redes sociais as principais responsáveis por essa onda revolucionária global, ela ofereceu ferramentas valiosas para a sua difusão, como reconhece Puddepaht (2011, p. 19) quando afirma que as mídias sociais sozinhas não foram responsáveis pela onda de mudanças no mundo, mas ajudaram a catalisar o descontentamento.

O fato é que o mundo não via mobilizações em escala global desde os anos 1960. Elas vieram para ficar e transformar o que se entendia por protestos, revoluções, contestações e movimentos do gênero. As características dos

manifestantes é que mudaram, embora a essência ainda seja a luta por uma sociedade mais justa. A revista *Courrier Internacional* relata que em um congresso na Alemanha para debater o tema foi identificado um perfil comum nesse novo manifestante:

Demarca-se totalmente das figuras do militante e do guerrilheiro dos séculos passados. Não tem a obsessão ideológica do séc. XX, nem se deixa seduzir pela luta armada. [...] Acima de tudo, tem a paciência – quase espiritualidade – que nos habituamos a associar à desobediência civil, longe da euforia e da catarse, tantas vezes fatais, da luta armada. (COURRIER INTERNACIONAL, 2011, p.39).

Há um consenso, entre os participantes desses eventos de que, ainda que as redes sociais não sejam imprescindíveis para as mobilizações, com elas as possibilidades de sucesso são muito maiores. Foi por meio delas, por exemplo, que os egípcios estipularam o dia 25 de janeiro (2011) como a data em que iriam às ruas para manifestar sua indignação contra o governo. Foi por meio das redes sociais que se organizaram os Indignados na Espanha. E foi usando a comunicação virtual que os jovens se reuniram em diversos outros países. Enfim, a internet e suas ferramentas tiveram um papel central para canalizar uma insatisfação latente e uma energia difusa que havia na população. Por meio delas esse desejo de emancipação política pode se organizar como desobediência civil e buscar novas formas de participação cidadã e democrática. A sociedade agora dispõe de outras maneiras para estreitar os laços que formam as suas redes. Com lembram Neuberger e Wandelin (2012, p. 8), sobretudo as mídias sociais como Facebook, Twitter, YouTube e os blogs, contribuíram para que os usuários deixassem de ser apenas receptores, e passassem a ser também emissores. “Na internet os cidadãos estão em melhores condições de desenvolver contrapoder através de crítica pública: eles podem descobrir seus interesses políticos comuns e coordenar suas ações públicas”.

Reconhecemos que existem, contemporaneamente, diversos autores que falam dessas novas formas de protesto de maneira mais atualizada. Manuel Castells, por exemplo, emprega o termo *wikirrevoluções* (CASTELLS, 2011). Outros preferem ativismo digital, ciberativismo, revoluções digitais, revoluções em rede, etc. – todos querendo dizer, basicamente, a mesma coisa, ou seja: uma cidadania potencializada por meio das novas tecnologias, uma

participação política construída nas redes sociais ou, ainda, numa visão funcionalista, um computador conectado estabelecendo o empoderamento da sociedade.

É forçoso admitir, também, que existem autores contemporâneos que veem de forma não tão positiva a organização e mobilização política da sociedade, bem como a democracia direta. Ortega y Gasset (1962), por exemplo, critica o que chamava de “ação direta das massas”. Ele via a presença das massas como um retrocesso cultural e civilizatório. Enquanto a sociedade se organizava em campos intermediários havia o equilíbrio e o bom senso. Porém, quando as massas começam a intervir diretamente inicia-se um processo de desgaste do tecido social. A massa, para Ortega y Gasset, abandona a civilização. Para ele, depois da humanidade haver atingido um grau satisfatório de civilização com a democracia representativa, a ação direta seria um retrocesso civilizatório.

Ainda que haja, felizmente, vozes dissonantes no debate sobre a participação direta e mobilização política da sociedade, parece-nos apropriado resgatar textos seminais como os de Kant e Thoreau, que estão na origem desses discursos democráticos e emancipatórios. Mesmo que reconheçamos que os conceitos já haviam sido propostos, por exemplo, em Hobbes com sua resistência anárquica, e Rousseau com sua motivação através da quebra de contrato.

Parece-nos, no entanto, que a ideia de uma cidadania plena, na acepção mais ampla do termo, apareceu de forma mais clara nestes textos ancestrais de Kant e Thoreau. Ali se encontram os fundamentos - tão perenes quanto atuais - da luta pela participação política, da vontade de ser ouvido, da democracia, e da liberdade, em última instância.

Assim era na visão dos gregos antigos: “A democracia não é outorgada. Direitos democráticos são duramente conquistados. Homens que não lutam pela liberdade não estão maduros para viver livremente” (SCHÜLLER, 2001, p. 16).

Assim é na visão de milhares de indignados mundo afora: “Acreditamos que podemos mudá-lo [o mundo]. Acreditamos que podemos ajudar. Sabemos que,

unidos, podemos. Venha conosco! É o teu direito". (Manifesto dos Indignados, 2011).

As articulações políticas sempre fizeram parte da história da humanidade. A luta pelos seus direitos é algo mais recente. Combinar esses conceitos com as novas tecnologias de comunicação, em especial as redes sociais, parece ser uma tendência irreversível. Seja através da desobediência civil – que nos leve a uma emancipação política – seja através das manifestações globais (com demandas locais) a democracia está definitivamente inserida nessa ambiência digital. Assim, torna-se importante não perder de vista os fundamentos teóricos e conceituais da vontade de tornar o mundo um lugar mais justo e o homem um ser mais autônomo e consciente. Porque, mesmo que antigos, eles ainda ressoam em nossas cabeças.

Capítulo 6

Novos fluxos – Análise do *Corpus*

No intento de testar nossos procedimentos metodológicos e nossas categorias de análise, investigamos um período específico e delimitado para compor nosso *corpus*, que abrange do dia 25 de janeiro a 11 de fevereiro de 2011. Nesse escopo, buscamos as notícias tratavam do tema objeto de nosso estudo, a Primavera Árabe, e que permitissem o nosso recorte mais específico, ou seja, os eventos que aconteceram no Egito. Esse recorte temporal coincide com o início dos protestos até a renúncia do então presidente egípcio, Hosni Mubarak.

Assim, das 366 matérias publicadas nesse período, relacionamos 30 que atendiam as nossas especificidades de pesquisa. Vale ressaltar que durante alguns dias desse período o Egito ficou sem internet, em uma tentativa do regime Mubarak de evitar a mobilização e a divulgação dos acontecimentos no país. De toda forma, o material coletado nos permite uma investigação abrangente de nosso *corpus*.

As primeiras matérias falam do início dos enfrentamentos entre a polícia e manifestantes, que escolheram esse dia (25/01) justamente por ser uma data em homenagem às forças policiais, que eram as principais bases de sustentação do regime do então presidente Hosni Mubarak.

Em contato com a repórter Rawya Rageh, correspondente da Al Jazeera no Cairo, ele confirma que muitas das matérias no início dos protestos foram pautadas pelas redes sociais, que permitiam saber quando e onde as manifestações aconteceriam, além de indicar potenciais fontes para entrevistas. Percebe-se, na primeira matéria analisada, por exemplo, a presença de todas as categorias de análise escolhidas para essa investigação: pautada pelas redes sociais, como afirma a própria jornalista; texto (há trechos retirados de redes sociais) e fonte (há relatos de fontes via redes sociais).

Em seguida, porém, temos um caso *sui generis*. A seguinte manchete apareceu nos mecanismos de busca do portal da Al Jazeera: *Egyptian uprising escalates* (Revolta egípcia se intensifica). Ao clicarmos na manchete fomos encaminhados para outro site. Trata-se do Storify.com, uma ferramenta que

permite a criação de histórias através de material publicado em redes sociais. A Al Jazeera, nesse caso, encaminhou o conteúdo que estava recebendo de seu público para esse site que, automaticamente, montou um mosaico de relatos sobre os eventos que estavam se desenrolando no Egito.

Isso nos levou a uma busca mais aprofundada sobre o uso dessa ferramenta no portal, nos desviando momentaneamente de nosso objeto. Nessa pesquisa sobre o Storify.com, encontramos uma entrevista de Ahmed Shibab Eldin, produtor e apresentador do programa *The Stream*, da Al Jazeera, concedida ao *The New York Times* (2011). Eldin diz que o Storify se tornou uma espécie de roteiro do programa (que trata basicamente de redes sociais): “Nós sabíamos que precisávamos nos beneficiar dessa realidade que a indústria (de conteúdo) está enfrentando, de que nós não temos mais exclusividade sobre o compartilhamento e a publicação de informações”.

Seja como for, nossa segunda matéria em análise foi completamente construída via redes sociais, com 24 relatos (em texto, vídeo, etc.) tendo quase 100 mil visualizações.

A terceira matéria analisada nos levou a uma adequação do filtro que utilizamos na pesquisa, pois, novamente o uso massivo de conteúdo originário de redes sociais foi constatado. Nesse caso, com o sugestivo título de *Egypt's protests on Twitter* (Protestos egípcios no Twitter), o subtítulo diz o seguinte, em tradução livre: *a equipe da Al Jazeera segue os desdobramentos dos protestos antigovernamentais no fatídico 25 de janeiro*. E abaixo simplesmente retransmite os *tweets* dos manifestantes. Dentro da lógica do Storify, é mais uma matéria totalmente construída com conteúdo gerado nas redes sociais.

Dessa forma, passamos a descartar as matérias que tivessem essa lógica de produção, pois fugiria da nossa hipótese de que as redes sociais influenciam a agenda da mídia. Nesse caso, era apenas a publicação dos conteúdos das redes sociais na plataforma midiática, e não a construção jornalística baseada nesses conteúdos. Se nos baseássemos nesse tipo de matéria, a comprovação de nossa hipótese seria facilitada, porém, de forma superficial. Por isso, além das duas mencionadas, nenhuma outra matéria com esse perfil entrou em nossa análise.

Parece-nos que o portal ainda buscava se adequar a nova realidade, que o produtor Ahmed referia. Com a intensificação da revolta no Egito, percebe-se a tentativa de produzir um jornalismo mais tradicional, ainda que recorrendo ao material das redes sociais.

Ainda que houvesse esse resgate de um jornalismo mais ortodoxo, a Al Jazeera utilizou-se fartamente do conteúdo gerado pelos manifestantes nas redes sociais para a produção de suas reportagens. Das 30 matérias analisadas, apenas em uma (*Spy chief made Mubarak deputy, 31/01*) não observamos a presença de nenhuma de nossas categorias de análise.

De resto, em 14 das matérias analisadas verificou-se a influência das redes sociais na construção da pauta. Ou seja, assuntos em destaque nas redes inspiraram a construção das matérias, como atesta a própria equipe da Al Jazeera. Além disso, 27 matérias utilizavam usuários de redes sociais como fontes das reportagens. E 29 se apropriaram, de alguma maneira, de conteúdo gerado nas redes sociais (textos, fotos, vídeos, etc.) na produção da notícia.

Na tabela abaixo, podemos visualizar como se deu o enquadramento de nossas categorias de análise no *corpus* estudado:

Matérias AJ	Sim	Não	%
Pautadas	14	16	46%
Fontes	27	3	90%
Conteúdo	29	1	96%

Tabela 2

Essa amostra nos permite sugerir que há uma tendência de confirmação de nossa hipótese. No entanto, a ideia de que há uma correlação positiva entre a saliência das redes sociais e a pauta midiática, não se observa de maneira decisiva, indicando a necessidade de uma análise mais aprofundada.

Ainda assim, as categorias de análise “uso de fontes” e “uso de recursos” teve uma correlação bem mais significativa, da ordem de 90% e 96%, respectivamente, no *corpus* pesquisado. O que permite supor que, ainda que não haja uma determinante transferência da saliência (46%), o fazer jornalístico

se modificou no caso concreto, com a utilização de novos elementos na produção da notícia.

Nas tabelas do “Apêndice” desse trabalho pode-se visualizar, matéria por matéria, os casos em que as redes sociais pautaram as notícias, os casos em que elas serviram como fonte e também aqueles em que se utilizou algum elemento (texto, foto, vídeo) por meio delas publicado na construção das matérias.

O que a análise também sugere é que não havia um padrão para a utilização desses recursos. Ou seja, a cobertura que a Al Jazeera fez da Primavera Árabe não se baseou apenas em relatos ou conteúdos publicados nas redes sociais. Embora quase todas (96%) tenham usado recursos provenientes do Twitter ou Facebook, não havia parâmetros claramente definidos para o uso dos mesmos. Essa apropriação do conteúdo produzido por manifestantes se dava, sobretudo, quando não havia a possibilidade de um jornalista ter acesso àquela determinada informação.

Ryad Mint, gerente de redes sociais da Al Jazeera, afirma que:

En el inicio de las revueltas no teníamos a nadie en Túnez, porque no estaba permitida nuestra presencia allí. Realmente sólo podíamos contar con los ciudadanos, que estaban subiendo vídeos y fotos en las redes. Nosotros amplificamos su voz. Fue crucial para nuestra cobertura. Y cara al futuro pretendemos reforzarlo. La gente tiene las herramientas para publicar y lo hace. (MINT, 2011, El País).

Esse uso que se observa de modernas tecnologias pelos cidadãos comuns (não especialistas) foi possível através do que Walter Benjamin (1985) chamou de “apropriação da técnica”. Ou seja, a banalização da técnica permitiu que a massa tivesse acesso aos meios de comunicação e passasse, ela mesma, a comunicar. Uma leitura possível é que ela possibilitaria um empoderamento da sociedade através desses atributos técnicos que estavam então disponibilizados. O que não significa dizer que essa apropriação fosse sempre positiva, mas permitia uma certa emancipação.

No entanto, essa possibilidade de resistência e participação política através da tecnologia e dos meios de comunicação já havia sido proposta por Brecht, como nos fala Muniz Sodré:

“Bem antes de McLuhan, já a partir da segunda década deste século, o dramaturgo e poeta alemão Bertold Brecht apresentava, com seu panfleto intitulado “teoria do rádio”, a utopia tecnológica de uma sociedade conversacional, dialógica, em que, por meio da radiodifusão, todos poderiam confluír para um consenso, e as massas poderiam exigir diretamente prestações de contas ao Estado” (Sodré, 2002, p. 72).

Aqui nos parece que há uma aproximação mais precisa do que este trabalho propõe: a tecnologia, nomeadamente as relacionadas à comunicação, potencializando um ideal de emancipação cidadã e participação política que possibilitaria, enfim, a democratização da informação, com a sociedade falando por si mesma. Não se pretende supor que as redes sociais sejam o Santo Graal da sociedade contemporânea – longe disso. Parece-nos, porém, que elas tornam mais eficazes uma mobilização que é gerada, essencialmente, no âmbito da realidade social. Não são elas que criam a revolução, mas elas se constituem em mais uma ferramenta (ou arma, se preferirmos) de empoderamento da sociedade.

Nesse sentido, tudo isso representa a democratização da liberdade de expressão na esfera pública. Antes, um grupo de elite, formado por jornalistas, editores, proprietários de meios de comunicação e até mesmo censores do governo, determinava quem poderia escrever para o público. O crescimento da internet e da web possibilita driblar esses obstáculos, permitindo que qualquer um se torne um emissor. A facilidade de fornecer e acessar conteúdos informativos é praticamente ilimitada para a produção, o compartilhamento e o intercâmbio de conteúdo de todos os tipos. (PUDDPHAT, 2011, p. 21).

Em *Comunicação nos movimentos populares*, Cicilia Peruzzo dizia, ainda nos primórdios da Internet, que “na prática, os meios de comunicação popular, apesar de sua importância e de seu significado político, não chegam a colocar-se como forças superadoras dos meios massivos” (Peruzzo, 1998, p. 130). Parece-nos que, enfim, os meios de comunicação popular (aqui entendidos como as redes sociais, sobretudo) superaram os meios massivos, possivelmente engendrando uma inversão da hipótese do agendamento.

É possível reconhecê-las, portanto, como uma mídia alternativa, proporcionando um espaço de publicização à margem da imprensa alinhada (muitas vezes) ao *status quo*. Muniz Sodré alerta que “em certos espaços nacionais, a autocensura jornalística, imposta pelos proprietários em função de seus interesses empresariais, pode ser tão ou mais severa que o controle do Estado” (Sodré, 2002, p. 74).

Como visto anteriormente, os meios de comunicação na região como um todo e no Egito em particular, estavam alinhados com os regimes ditatoriais. Essa superação dos meios tradicionais efetuada pelas redes sociais permitiu, ainda que pontualmente, uma emancipação política e cidadã e uma reconfiguração da práxis jornalística.

Como anteriormente referido, a hipótese de que as redes sociais transferem sua saliência para a mídia tradicional, impactando diretamente a construção de sua pauta e gerando novos fluxos de agendamento, não pode ser definitivamente confirmada. Ainda assim, pode-se dizer que há uma tendência para isso, sobretudo a partir das outras categorias de análise e, portanto, a hipótese não pode ser de todo descartada, merecendo um estudo de mais fôlego, em um contexto mais abrangente. A seguir, faremos nossas considerações finais, buscando apresentar um panorama objetivo dos resultados de nossa pesquisa.

Considerações finais

Esta pesquisa buscou contribuir para o entendimento e contextualização do impacto das redes sociais na comunicação e na construção da agenda midiática. Os resultados obtidos com a análise de nosso *corpus* sugerem que novos fluxos de agendamento se estabeleceram no contexto estudado.

A Teoria da Agenda, que serviu como base teórica para a experimentação de nossa hipótese, argumenta que a mídia tem o poder de pautar a sociedade. Dito de outra forma, o agendamento midiático elege os assuntos de interesse social. Ainda que nem sempre esses temas tenham relevância para a sociedade. O que propusemos, por meio de nossa hipótese, foi compreender se é possível que a própria sociedade estabeleça os assuntos que merecem destaque na agenda midiática.

No contexto analisado, percebem-se indícios que reforçam a ideia de que a sociedade pode estabelecer a agenda midiática com temas de seu interesse. No caso concreto, manifestantes que participaram das revoltas que ocorreram no Mundo Árabe conseguiram, por meio das redes sociais, pautar a mídia com o conteúdo por eles produzido. Essa percepção foi adquirida com a análise de nosso *corpus*, que buscou nas matérias publicadas pelo portal da rede Al Jazeera elementos que demonstrassem a atuação do público na construção da agenda midiática.

A Primavera Árabe - movimento que buscou maior autonomia política, democracia e melhores condições de vida para as sociedades dos países envolvidos – contudo, teve repercussões para além do campo social e político. A mobilização por meio das redes sociais se apresentou como uma alternativa à mídia tradicional, controlada pelo Estado. Nas redes sociais os protestos ganharam força e os manifestantes puderam publicar livremente informações acerca do que estava acontecendo nas ruas, convocar mais pessoas a participar e divulgar os acontecimentos para resto do mundo.

O uso massivo das redes sociais nos protestos árabes, notadamente Twitter e Facebook, tornou-se fonte para a mídia do mundo inteiro, que não tinha acesso ao que estava acontecendo. Em tempo real, textos, fotos e vídeos eram postados nos servidores do Twitter, Facebook e Youtube, possibilitando ao

mundo ter acesso aos acontecimentos e conhecer a real dimensão das manifestações. As redes sociais assumiram assim o papel de garantidores da liberdade de expressão, liberdade de informação e, até mesmo, da liberdade de imprensa.

Parece-nos que, embora ainda não haja um alinhamento automático entre a saliência das redes sociais e a agenda midiática, aquelas influenciam cada vez mais esta. E isso parece uma tendência irreversível. Em nossa pesquisa, vimos que a Al Jazeera se aproximou de seu público ao se utilizar do material por ele produzido, estabelecendo uma relação de cumplicidade e compartilhamento na elaboração da pauta jornalística.

A pesquisa sugere também que a combinação entre a participação do público - na construção da pauta midiática - e o uso feito pela Al Jazeera desse conteúdo, tiveram papel relevante nos desdobramentos das revoltas no mundo árabe. Ainda que essa combinação não tenha sido a responsável pelas revoltas, ela foi fundamental para a conquista de alguns êxitos revolucionários, sobretudo na Tunísia e no Egito.

Ao possibilitar aos manifestantes driblar a censura imposta pelas ditaduras da região – apoiados, em muitos casos, por uma imprensa aliada aos regimes autocráticos - as redes sociais contribuíram com os desejos democráticos da Primavera Árabe. No caso egípcio, para além da organização, mobilização e divulgação, as redes sociais foram essenciais na sincronização dos eventos, principalmente porque o início dos protestos tinha uma data marcada para acontecer (25 de janeiro).

O caso da Al Jazeera - e de sua cobertura compartilhada com o público - é apenas um exemplo de como as redes sociais têm conseguido pautar a mídia tradicional, estabelecendo uma inversão no fluxo das notícias. O público passava, dessa forma, a pautar a mídia, invertendo a fórmula clássica da Teoria do Agendamento e criando novos fluxos na construção da pauta midiática.

Ainda que não se possa afirmar que há uma correlação perfeita entre os temas de relevância nas redes sociais e a pauta da imprensa, é possível dizer que essa transferência ocorre em determinados contextos, caso da Primavera

Árabe. O que corrobora o que o professor Maxwell McCombs nos disse em entrevista para este trabalho, ainda na fase inicial de nossa pesquisa. Para ele, a influência das redes sociais se fortalece em cenários específicos, como quando o trabalho jornalístico é prejudicado pela falta de liberdade de imprensa, por exemplo. O caso da Primavera Árabe se configurou como o cenário ideal para a experimentação de nossa hipótese, parcialmente confirmada.

Como dissemos anteriormente, no Apêndice desse texto pode-se examinar individualmente os casos em que nossa hipótese se confirmou. Interessante notar que a apropriação dos recursos publicados nas redes sociais (o que aconteceu em 96% das matérias), sugere que muito dificilmente a cobertura teria a amplitude que teve sem esses recursos. Significa dizer, as redes sociais, de fato, são parte integrante do trabalho de construção do produto jornalístico.

Essa tendência se configura como uma mudança estrutural na práxis jornalística, ainda que sem contornos definidos. Cria-se, assim, um cenário que traz desafios ao trabalho do jornalista, que precisará apropriar-se desse novo contexto de produção de informação para manter-se relevante como mediador da sociedade. E parece também que torna mais democrático o processo comunicativo, com mais atores interferindo no conteúdo informativo e construindo o produto final do jornalismo, a notícia.

Para confirmar se essas mudanças nos processos de construção da notícia se estabeleceram de forma mais ampla e definitiva serão necessários mais estudos, que pretendemos realizar em um futuro doutorado.

Além disso, a criação de novos fluxos de agendamento representa um avanço social, pois tira da imprensa o monopólio da voz e quebra uma hegemonia que perdurou por décadas (ou séculos), quando ao leitor cabia apenas receber passivamente as notícias produzidas pelo jornalismo. Se ele mesmo se tornará um jornalista, como querem os defensores do jornalismo cidadão, ainda não está claro. Mas é certo que ele já não é mais um simples receptor.

A análise do uso que a mídia tradicional, aqui representada pela Al Jazeera, fez das redes sociais e de suas narrativas, e a maneira como as incorporou no seu

fazer jornalístico - criando, talvez, um novo modelo de jornalismo e novos fluxos de agendamento-, sugere mudanças não só no para o profissional do jornalismo. O próprio jornalismo, que agora sofre de maneira significativa a influência daqueles a quem a notícia, tradicionalmente, se dirigia, também precisará se adequar a este novo cenário (mais democrático) dos processos comunicacionais.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 254 p.

ALNASRAWI, Abbas. **Arab Nationalism, Oil and the Political Economy of Dependency**. Nova York: Greenwood, 1991.

ANDERSON, L. Desmistificando a Primavera Árabe – analisando as diferenças entre a Tunísia, o Egito e a Líbia. **Revista Política Exterior**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 39-44, jun/ago. 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BÉNILDE, Marie. Internet semeia a palavra democrática. **Revista Le Monde Diplomatique**. São Paulo, v.6, p. 37-39, jul./ago. 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política** Brasília: Brasiliense, 1985.

BOBBIO, Norberto. **Estado, governo e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BROWN, Heather. The Role of Social Media in the Arab Uprisings. **Pew Research Center**. Disponível em: <<http://www.journalism.org/2012/11/28/role-social-media-arab-uprisings/>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

CAMPBELL, Heide; HAWK, Diana. Al Jazeera's Framing of Social Media During the Arab Spring. **CyberOrient**, v. 6, n. 1. Disponível em: <<http://www.cyberorient.net/article.do?articleId=7758>>. Acesso em 26 mar. 2013.

CARNEGIE ENDOWMENT FOR INTERNATIONAL PEACE. **Guide to Egyt's Transitions**. Disponível em: <<http://egyptelections.carnegieendowment.org/>>. Acesso em 29 ago. 2013.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Intercomunicação**. Disponível em: <<http://diplo.org.br/2006-08,a1379#nb1>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

_____. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 243 p.

_____. **A Sociedade em Rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010. 698 p.

_____. La wikirrevolución del jazmín. **La Vanguardia**. Disponível em: <<http://www.lavanguardia.com/opinion/articulos/20110129/54107291983/la-wikirrevolucion-del-jazmin.html>>. Acesso em 12 mar. 2011.

_____. **Redes de indignación y esperanza**. Madrid: Alianza, 2012.

CLINTON, H. **Hillary Clinton Calls Al Jazeera 'Real News,'** Criticizes U.S. Media. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/2011/03/03/hillary-clinton-calls-al-_n_830890.html>. Acesso em: 14 nov. 2012.

COURRIER INTERNACIONAL (2011). Protesto Global. “Quem são os novos combatentes?” Lisboa: novembro, Nº189, p.39.

CRISPI, P. Futuro Mubark. **Campus Repórter**. Brasília, ano 6, n. 10, p. 2-13, 2012.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical:** rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo : Senac, 2002. 544 p.

FARAH, Paulo Daniel. A primavera árabe no Machreq, Maghreb e Khalíj : motivações e perspectivas. **Política externa**, v. 20, n. 1, p. 45-55, jun./ago. 2011.

FERABOLLI, Silvia. Relações internacionais do Mundo Árabe (1954-2004): os desafios para a realização da utopia pan-arabista. **Contexto int.**, Rio de Janeiro v. 29, n. 1, jun. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292007000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 out. 2013.

FERNADES, Florestan. **O que é revolução**. São Paulo: Brasiliense, 1984. 121 p.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 339 p.

GILLMOR, D. **Nós, os media**. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

HESSEL, Stephanie. **Indignai-vos!** São Paulo: Leya, 2011.

HOWARD, Philip N.; HUSSAIN, Muzammil M. The Role of Digital Media. **Project MUSE**. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/login?auth=0&type=summary&url=/journals/journal_of_democracy/v022/22.3.howard.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2013.

INDIGNADOS. **Manifesto dos Indignados**. Disponível em: <<http://www.democraciarealya.es/manifiesto-comun/>> Acesso em 30/07/2012.

KANDIL, Hazem. A revolta no Egito. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 91, Nov. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002011000300009&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 28/10/2013.

KANT, Immanuel. **Textos Seletos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

KASSIM, Saleem. Twitter revolution: how the Arab spring was helped by social media. **PolicyMic**. Disponível em:

<<http://www.policymic.com/articles/10642/twitter-revolution-how-the-arab-spring-was-helped-by-social-media>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

KIRKPATRICK, David. D. After Disclosures by WikiLeaks, Al Jazeera Replaces Its Top News Director. **The New York Times**. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/09/21/world/middleeast/after-disclosures-by-wikileaks-al-jazeera-replaces-its-top-news-director.html?_r=0>. Acesso em: 28 nov. 2013.

LAGE, Nilton. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciência humanas. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LINDSEY, Richard A. What the Arab Spring Tells Us About the Future of Social Media in Revolutionary Movements. **Small Wars Journal**. Disponível em: <<http://smallwarsjournal.com/jrnl/art/what-the-arab-spring-tells-us-about-the-future-of-social-media-in-revolutionary-movements>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em Comunicação**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LYNCH, Marc. Tunisia and the New Arab Media Space. **Foreign Policy**. Disponível em: <http://lynch.foreignpolicy.com/posts/2011/01/15/tunisia_and_the_new_arab_media_space> Acesso em: 25 fev. 2013.

MAZAID, Marwa. Opening Closed Regimes - What Was the Role of Social Media During the Arab Spring? **Project on Information Technology and Political Islam**. Disponível em: <http://pitpi.org/wp-content/uploads/2013/02/2011_Howard-Duffy-Freelon-Hussain-Mari-Mazaid_pITPI.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2013.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das Agriculturas no Mundo**. São Paulo: Unesp, 2009.

McCOMBS, M. e SHAW, D. The agenda-setting function of mass media. **Public Opinion Quarterly**, v. 36, n.2, p. 176-187, 1972.

McCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda**. Petrópolis: Vozes, 2009.

McCOMBS, Maxwell; SHAW, D. A Função do Agendamento dos Media. In:

MOROZOV, Evgeny. Facebook and Twitter are just places revolutionaries go. **The Guardian**. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/commentisfree/2011/mar/07/facebook-twitter-revolutionaries-cyber-utopians>>. Acesso em: 11 dez. 2013.

_____. **The net delusion**: the dark side of internet freedom. New York: Public Affairs, 2011. 448 p.

MOUSSA, Mohamed Ben. From Arab street to social movements: re-theorizing collective action and the role of social media in the Arab spring. **Westminster papers**, v. 9, n. 2, p.47-68, April 2013. Disponível em: <http://www.westminster.ac.uk/__data/assets/pdf_file/0004/220675/WPCC-vol9-issue2.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2013.

NASSER, Salem. Egito: crônica de uma revolução em curso. **Política Externa**, São Paulo, v. 22, n. 2, set. 2013.

NEUBERGER, Christoph; WENDELIN, Manuel. Mudança estrutural da esfera pública 2.0. **Humboldt**, Berlim, n.105, p. 8-11, 2012.

OFFE, George. A Primavera Árabe no Norte de África: origens e perspectivas de futuro. **Relações Internacionais**, Lisboa, n. 30, jun. 2011 . Disponível em http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992011000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 out. 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Cem mil podem morrer e mais de um milhão se tornarão refugiados se conflito na Síria continuar**, Brasília, jan. 2013. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/cem-mil-podem-morrer-e-mais-de-um-milhao-se-tornarao-refugiados-se-conflito-na-siria-continuar-afirma-onu/>>. Acesso em: 23 jan. 2013.

ORTEGA Y GASSET, José. **A Rebelião das Massas**. Rio de Janeiro: Livro lbero- americano, 1962. 345 p.

PARK, Robert. A história natural do jornal. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa (Org.). **A era glacial do jornalismo**: teorias sociais da imprensa. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008. 191 p.

PERUZZO, C. K. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 1998. 342 p.

PIZZOTTI, Ricardo. **Enciclopédia básica de mídia eletrônica**. São Paulo: Senac, 2003. 294 p.

PRINZ, Ulrike; RITH-MAGNI, Isabel. Protesto 2.0. **Humboldt**, Berlim, n.105, ano 53, 2012. Editorial.

PUDDEPHAT, Andrew. As revoluções árabes a e comunicação digital. **Política Externa**, São Paulo, v. 20, n.1, p. 19-26, jun./ago. 2011.

ROBERTSON, Alexa. Narratives of resistance: comparing global news Coverage of the Arab spring. **New Global Studies**, Estocolmo, v. 6, n. 2, 2012. p.1-20.

RODRIGUEZ, Olga. **Yo muero hoy**: las revueltas en el mundo árabe. Madrid: Debate, 2012. 384 p.

ROMANÍ, Cristobal; KUKLINSKY, Hugo. **Planeta Web 2.0**: inteligencia colectiva o medios fast food. México, Uvic y Flacso: 2007. E-book. Disponível em: <<http://www.planetaweb2.net/>>. Acesso em 11 maio 2013.

BAHGAT, Ahmed. A revolução pela rede. **Fórum**: outro mundo em debate, v. 9, n. 96, p. 14-16, mar. 2011. Entrevista por Renato Rovai.

ROVIRA, Javier. Castells sobre internet e rebelião: “É só o começo”. **Outras Palavras**. Disponível em: <<http://www.outraspalavras.net/2011/03/01/castells-sobre-internet-e-insurreicao-e-so-o-comeco>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia de bolso, 2003. 520 p.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, S. **Periodismo integrado**: convergencia de medios y reorganización de redacciones. Barcelona: Sol 90, 2008. 186 p.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 20. ed. Rio de Janeiro : Record, 2005. 174 p.

SAUERESSIG, J. **O Direito fundamental de resistência e a Constituição de 1988**. Dissertação (Mestrado em Direito). 2008. 121f. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI. Rio Grande do Sul, 2008.

SCHÜLER, D. **Origens do discurso democrático**. Porto Alegre: L&PM, 2002. 112 p.

SEIB, Philip. Why the Arab Spring was the best and worst thing to happen to Al Jazeera. **CNN**, U.S., Sept. 2011. Disponível em: <<http://globalpublicsquare.blogs.cnn.com/2011/09/27/why-the-arab-spring-was-the-best-and-worst-thing-to-happen-to-al-jazeera/>>. Acesso em: 25 set. 2013.

SERRA, Paulo. Os blogs e a questão do agendamento. **Biblioteca on-line de ciências da comunicação**, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-serra2-blogs.pdf> Acesso em: 12 nov. 2013.

SERRA, Paulo; CAMILO, Eduardo; GONÇALVES, Gisela (Org). **Participação Política e Web 2.0**. Covilhã: LabCom Books, 2013. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20130417-2013_novos_media_participacao_politica.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2013.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002. 268 p.

SOUAIAIA, Ahmed. Qatar, Al Jazeera, and the Arab Springs. **Monthly Review**, New York, Nov. 2011. Disponível em: <<http://mrzine.monthlyreview.org/2011/souaiaia171111.html>>. Acesso em 10 nov. 2013.

TARDE, Gabriel. **A Opinião e as massas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 209 p.

THOBIE, Jacques. Cicatrizes profundas da partilha colonial. **Revista Le Monde Diplomatique**. São Paulo, v.6, p. 28-31, jul./ago. 2011.

THOREAU, Henry David. A desobediência civil. Porto Alegre: L&PM, 1997. 133 p.

TOURAINÉ, Alain. Na fronteira dos movimentos sociais. **Sociedade e estado**, v. 21, n. 1, p. 17-28, jan./abr. 2006.

TRAQUINA, Nelson. **O Poder do Jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000.

TRIVINHO, Eugênio. O jornalismo está defasado. **Brasilianas.org**. Disponível em: <<http://www.advivo.com.br/materia-artigo/o-jornalismo-esta-defasado-integra-entrevista-com-eugenio-trivinho>>. Acesso em: 25 jan. 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WHITEHEAD, Andrew. Hobsbawm: revolução egípcia não morreu. **Outras palavras**, São Paulo, jan. 2012. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/outrasmidias/uncategorized/hobsbawn-revolucao-egipcia-nao-morreu/>>. Acesso em: 03 fev. 2013.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

ANEXO I – Reprodução das matérias analisadas nesta pesquisa:

Egypt protesters clash with police

Police fire tear gas at anti-government demonstrators in Cairo as thousands call for ouster of president Hosni Mubarak.

Last Modified: 25 Jan 2011 15:28 GMT



Protests in Egypt are often quashed swiftly by the police, who prevent marching [EPA]

Inspired by Tunisian demonstrators, thousands of Egyptian protesters on Tuesday gathered in Cairo and other major cities, calling for reforms and demanding the ouster of President Hosni Mubarak, Al Jazeera's correspondents have reported.

The anti-government protesters, some hurling rocks and climbing atop an armoured police truck, were chanting slogans against Mubarak, who has ruled the country for three decades.

Downtown Cairo came to a standstill with protesters chanting slogans against the police, the interior minister and the government, in scenes that the capital has not seen since the 1970s.

Demonstrators marched toward what Al Jazeera's Rawya Ragh called the "symbols of their complaints and their agony," the headquarters of the ruling National Democratic Party, the foreign ministry and the state television.

But police responded with blasts from a water cannon and set upon crowds with batons and acrid clouds of tear gas to clear demonstrators crying out "Down with Mubarak" and demanding an end to the country's grinding poverty.

At least 30 people have reportedly been arrested in Cairo, according to official sources.

Protests also broke out in the Mediterranean city of Alexandria, the Nile Delta cities of Mansura and Tanta and in the southern cities of Aswan and Assiut, witnesses said.

Earlier on Tuesday, Ragh reported from the protests, calling them "unprecedented" in the leniency showed by

security forces who allowed demonstrators to march through the capital.

The Egyptian government had earlier warned activists hoping to emulate Tunisian pro-democracy protesters that they faced arrest if they went ahead with Tuesday's mass demonstrations, which some labelled the "Day of wrath".

Promoted Online

The rallies have been promoted online by groups saying they speak for young Egyptians frustrated by the kind of poverty and oppression which triggered the overthrow of Tunisia's president.

Mamdouh Khayrat, 23, travelled from the governorate of Qalubiya to attend protests in Cairo. He spoke to Al Jazeera's Adam Makary. "We want a functioning government, we want Mubarak to step down, we don't want emergency law, we don't want to live under this kind of oppression anymore," he said.

"Enough is enough, things have to change, and if Tunisia can do it, why can't we?" Khayrat added.

Mohamed Ahmed, 36, a demonstrator from Boulaq told Al Jazeera's Makary: "We might be trying to copy what happened in Tunisia, if Egyptians manage to even come close to what they did then I can proudly say today was successful but we still have a long way to do."

"The reaction [to join the protest] has been overwhelming," Rageh said. "The people we have seen taken to the streets today are not the 50 or 60 activists that we have been seeing protesting in Egypt for the past five or six years. These were normal Egyptians, older women, younger men, even children."

A day of revolution

Black-clad riot police, backed by armoured vehicles and fire engines, have been deployed in a massive security operation in Cairo, with the biggest concentrations and likely flashpoints, including: the Cairo University campus, the central Tahrir Square and the courthouse where protesters are said to be gathering.

Coinciding with a national holiday in honour of the police, a key force in keeping president Mubarak in power for 30 years, the outcome in Egypt on Tuesday is seen as a test on whether vibrant Web activism can translate into street action.

Organisers have called for a "day of revolution against torture, poverty, corruption and unemployment".

"Activists said they wanted to use this particular day to highlight the irony of celebrating Egypt's police at a time when police brutality is making headlines," reported Rawya Rageh, Al Jazeera's correspondent in Cairo.

"In fact, the call originated from a Facebook page initially set up to honour a 28-year-old man from Alexandria who activists say was tortured to death by police.

"Witnesses are telling us that there are hundreds on the streets. This is an indication that the protests seem so far to be larger than the usual protests that have taken place here in Egypt over the past few years."

Banned demonstrations

"The security apparatus will deal firmly and decisively with any attempt to break the law," the government's director for security in the capital Cairo said in a statement released ahead of the protests.

Since Egypt bans demonstrations without prior permission, opposition groups say they have been denied such permits, any protesters may be detained.

Habib el-Adli, the interior minister, has issued orders to "arrest any persons expressing their views illegally".

"I tell the public that this Facebook call comes from the youth," Adli said in an interview published by the state-owned newspaper *al-Ahram*.

"Youth street action has no impact and security is capable of deterring any acts outside the law," he said, adding that he welcomed "stationary protests held for limited periods of time" and that police would protect the protesters.

"Beginning of the end"

"Our protest on the 25th is the beginning of the end," wrote organisers of a Facebook group with 87,000 followers.

"It is the end of silence, acquiescence and submission to what is happening in our country. It will be the start of a new page in Egypt's history, one of activism and demanding our rights."

Rights watchdog Amnesty International has urged Egypt's authorities "to allow peaceful protests".

Protests in Egypt, the biggest Arab state and a keystone Western ally in the Middle East, tend to be poorly attended and are often quashed swiftly by the police, who prevent marching.

The banned Muslim Brotherhood, seen as having Egypt's biggest grassroots opposition network, has not called on members to take part but said some would join in a personal capacity.

Organisers have called for protesters to not display political or religious affiliations at demonstrations. The Facebook page says: "Today is for all Egyptians."

Commenting on the wave of public unrest in Tunisia, Adli, the interior minister, said talk that the "Tunisian model" could work in other Arab countries was "propaganda" and had been dismissed by politicians as "intellectual immaturity".

"Young people are very excited, and this time there will be much more than any other time," Ahmed Maher, one of the founders of the opposition youth movement said.

"This is going to be a real test of whether online activism in Egypt can translate into real action," Al Jazeera's Rageh reported.

"Anger has been on the rise in Egypt for the past couple of years, but we have seen similar calls fizzle out. The main difference now is that these calls are coming after what happened in Tunisia, which seems to have not only inspired activists, but actually ordinary Egyptians, a dozen of whom we have seen set themselves on fire in copycat self-immolations similar to the one that had sparked the uprising in Tunisia."

Sympathisers across the world have said they plan to protest in solidarity. In Kuwait, security forces detained three Egyptians on Monday for distributing flyers for the protests, while large demonstrations have also been planned outside the Egyptian embassies in Washington, DC, and London.

Source: Al Jazeera and Agencies

Create Story Login

by AJELIVE · 8y · 3 tweets

Egyptian Protests Escalate

Al Jazeera English is curating social media related to the large-scale protests that began in Egypt on January 25 and have left two civilians and a police officer dead. Thousands of citizens across the country have called for Tunisia-style ouster of president Hosni Mubarak, Egypt's president for the past three decades.

RBC journalists prepare for coverage: A helmet, goggles and a video camera mounted to the top.



Yfrog - photo - Uploaded by Coquard86
Yfrog - Share your images and videos on Twitter!



مظاهرات داخل محطة مترو جيزا عند انقراض علي للقذافي
YOUTUBE.COM

Protesters climbing on a water cannon truck are thrown to the ground as it speeds by.

مظاهرات ما بين الشعب المصري والتدخل في ميدان التحرير
YOUTUBE.COM

Protesters in the industrial Nile Delta city of Mehalla tear down a poster of president Hosni Mubarak on Tuesday.

مبارك يستقذ علي يد المتظاهرين امام مقر الحزب الوطني
YOUTUBE.COM

Stunning images of lone Egyptians taking on ranks of riot police.

Yfrog - photo - Uploaded by abanidrees
Yfrog - Share your images and videos on Twitter!



صورة للشرطة المصرية وهي تعاقب مظاهرات الحركة المدنية وفتحوا سجون
#Jan25
مبارك القذافي المستوردة وهي تعاقب مظاهرات الحركة المدنية وفتحوا سجون
#Jan25



Rough translation of the below photo: "Oh the so-mighty army is afraid of the one Gaienne."

OH THE SO-MIGHTY ARMY IS AFRAID OF THE ONE GAIENNE
BY A S MHEEE

Egypt Jan 25 Protests curated by gamedan

Click to view the original in French: <http://twitter.com/Jan25>

Currt 66 ret Follow @storify 128K followers Report Abuse VP Guided tour About Help Blog Jobs Tools API Terms Privacy © 2014 Storify



Coverage of live breaking news events

Doha, Qatar
<http://ajelive.com>

+ Follow

25 STORIES 600 FOLLOWERS 5 FOLLOWING

Total views	100,108
blog.ajazeera.net	75,643
storify.com	51,725
mondoweb.net	8,297
translate.googleusercontent.com	552
lamadafwilca.tumblr.com	530
gromgrom.com	266
blog.ajazeera.com	185
tubamejorproject.org	872
nutanet.com	117
quantamamamathics.tumblr.com	110
sefc.tumblr.com	92
twitternewemergingtext.wikispaces.com	77
localhost	70
feeds.ajazeera.net	56
antimio.com	54
abudul.tumblr.com	54
20746192.252	48
dominickbrady.tumblr.com	36
us1.campaign-archive2.com	26
walacche.googleusercontent.com	24
bitly	22
other	136

More from ajelive

Baile speech lines
BY AJELIVE · 1Y 47 WKS
335 views

Canada closes its embassy in Iran
BY AJELIVE · 1Y 4 WKS
888 views

Online reaction Julian Castro's DNC keynote
BY AJELIVE · 1Y 4 WKS
2,135 views

Sun shines attacked in Libya
BY AJELIVE · 1Y 4 WKS
725 views

Don't miss

After Previous Success, Josep Maria
Bages is Looking for His Next Big Star
ON READERREPORT.COM

Chopped Salad - Great for Parties
ON HEALTHYNOTHEALTHY.COM

The Egyptian Revolution Story from
Archive-It: Heterogeneous
ON STORIFY.COM

Create Story Login

All Egyptian protests in Cairo and other cities were disrupted as the military supported Morsi's return to power. #Egypt today #Jan25
#Jan25 #Egypt
#president
...
@CNNARABIC



Central Security takes a look at today's headlines in #Haw #Cairo. #Jan25 #Egypt

Central Security takes a look at today's headlines in dten #Cairo #Jan25 #Egypt

TWITTER.COM



Checking the Egyptian riot police
@HEDVOOR · LYA SANNETS

An anti-government protest in Damietta
@NEWSREEL.COM

Jan. 25 protests in Cairo
@WBEDCOM

Create Story Login



Steven A. Cook
@stevenscook

Follow

Sorry. CSF soldiers on the plaza in front of the Mogammah. Another group on the raised brick area in the square. Police on the grass. Tense

8:05 AM - 25 Jan 2011

16 retweets



Al-Ahram includes frontpage story about "chocolate and flowers" for Police on Police Day. Odd, those stones didn't look like flowers. #Jan24

Jan 24 via web

benwedeman
benenn

benwedeman's Twitter
TWITTER.COM

Cairo: Reports of a few very small gatherings in various parts of city. I havent seen them myself. No focus yet. Its early.

Jan 25 via web

Tim Marshall
ITwitius

Tim Marshall's Twitter
TWITTER.COM

Twitter [confirmed on Tuesday evening](#) that it's services had been blocked in Egypt as of 6 pm, Cairo time. The block was affecting [Twitter.com](#) and applications.

We can confirm that Twitter was blocked in Egypt around 8am PT today. It is impacting both [Twitter.com](#) & applications. (1/2)

Jan 25 via web

Twitter Comms
twitterglobalpr

Twitter Comms's Twitter
TWITTER.COM



Steven A. Cook
@stevenscook

Follow

Just hit the streets. All is quiet so far. #jan25

8:10 AM - 25 Jan 2011

Create Story Login

2011 Egyptian protests - Wikipedia, the free encyclopedia

From Wikipedia, the free encyclopedia
Mohamed Saeed holding up a flag during a 2011 Egyptian protest.
The 2011 Egyptian protests, also known as the 25 January Revolution, were a series of demonstrations and protests that took place in Egypt from January 2011 onwards, with the protests starting in the city of Cairo. The protests were inspired by the Tunisian Revolution and the Arab Spring. The protests were a response to the Egyptian government's policies, including the lack of political freedoms, corruption, and economic hardship. The protests led to the resignation of President Hosni Mubarak and the election of Mohamed Morsi as the first president of the new Egyptian Republic.

Read more

Read next page

Did you find this story interesting? Be the first to like or comment



Egypt's protests on Twitter

Al Jazeera staff follow the latest developments in the deadly January 25 anti-government protests.

Last Modified: 27 Jan 2011 11:23 GMT

Source: Al Jazeera

Hide Comments

"You must all resign"

Syrian Mujahideen on Jordan's long-awaited spring



- News
- Shows
- In Depth
- Opinion
- Human Rights
- Videos
- Blogs
- Sport
- Investigations
- Weather
- Watch Live

LATEST **EU-Swiss ties threatened by immigration vote**

SYRIA: 1 2 3 4 5

Fresh anti-govt protests in Egypt

More than 500 demonstrators arrested as thousands return to streets in protest over poverty and political repression.

Last Modified: 20 Jan 2011 17:29 GMT



RELATED



Three dead in Egypt protests

Tear gas used to disperse thousands of demonstrators in central Cairo after a day of protests against the government. (20-Jan-2011)

[Egypt's protests on Twitter](#)

[Egypt's protests in social media](#)

[Timeline: Egypt's revolution](#)

TOP NEWS

[Syria talks resume as Hama mission continues](#)

[Yemen to become six-region federation](#)

[EU-Swiss ties threatened by immigration vote](#)

[Pakistan anti-drone campaigner missing](#)

[Report: Women claim Mandela is their father](#)

MIDDLE EAST

[Syria talks resume as Hama mission continues](#)

[Yemen to become six-region federation](#)

[Iraq speaker escapes assassination attempt](#)

[Syrian rebel allies strike blow against ISIL](#)

[Iranian poet executed for 'waging war on God'](#)

Fresh protests over living conditions and an autocratic government have broken out in Cairo a day after

<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112663460547321.html>

large and deadly demonstrations, calling for the ouster of president Hosni Mubarak, swept across the country.

More than 500 protesters were arrested by security forces as the government vowed to crack down on them.

On Wednesday evening, thousands of demonstrators were spread throughout downtown Cairo after being dispersed by security forces. Many had gathered on Gelaa Street, near central Tahrir Square - the site of a violent early morning confrontation between security forces and protesters who had been planning to sleep the night in defiance of the government.

Police fired tear gas and broke up concrete to use as rocks to throw at protesters and "egg them on," Al Jazeera's Adam Makary reported.

Protesters lit a fire - possibly on a tyre - in the middle of a nearby street and were pelting police officers with stones, said Al Jazeera correspondent Rawya Rageh.

Possible concession

Meanwhile, prime minister Ahmed Nazif made what may have been the government's first concession to protesters. In a statement to a state news agency, he pledged that the country's leadership was committed to allowing freedom of expression "by legitimate means."

But his statement came as the interior ministry said that 500 protesters had been arrested on Tuesday and Wednesday in an effort to clamp down on the public unrest. The ministry had said earlier on Wednesday that new demonstrations would not be allowed.

Thousands of armoured police had been deployed at key locations around the capital in anticipation of renewed demonstrations on Wednesday, which some have called the most significant in Egypt since massive riots over the price of bread in the 1970s.

Three protesters died in the port city of Suez, east of Cairo, during Tuesday's unrest, and a policeman was also killed when he was hit in the head with a rock in Cairo, an interior ministry official said.

Rageh, reporting from the Egyptian capital on Wednesday, said that the interior ministry had issued a statement banning further protests and threatening anyone encouraging them with investigation.

Dozens of protesters who took part in Tuesday's demonstrations were rounded up and taken in for questioning, Rageh reported, with some potentially facing prosecution.

Safe haven

Al Jazeera's Makary said that over 200 people had gathered to protest before the Lawyers Syndicate, generally perceived as a "safe haven" for demonstrations, since the security forces do not usually interrupt gatherings there.

"The numbers are swelling," Makary said, adding that there were rumours of demonstrators possibly breaking away from the cordon and protesting on the streets. "We don't know what the response to this will be," Makary said.

The interior ministry said that police were forced to respond on Tuesday to protesters who threw rocks and vandalised property, including setting a police car on fire.

The ministry claimed that 18 officers and 85 other members of the force had been injured during the clashes. Security officials also said that 250 protesters had been wounded and another 200 arrested.

Though activists said the number of protesters across the country may have reached into the hundreds of thousands, the ministry said the largest gathering in central Cairo consisted of around 10,000 people and shrunk to around 5,000 by night.

Brotherhood blamed

The government officially blamed the Muslim Brotherhood, Egypt's technically banned but largest opposition movement, for fomenting the protests.

But the group said that it would not officially participate in the January 25 protests and denied the accusation.

With just eight months to go before a presidential election that could see the ailing Mubarak run for re-election or attempt to hand power to a successor, protesters in Egypt demanded a solution to the country's grinding poverty and called for "the tyrant" to leave.

"Down with Hosni Mubarak, down with the tyrant," chanted the crowds. "We don't want you!"

The Tunisia link

Protesters explicitly linked their demonstrations to Tunisia's popular uprising, which brought down the 23-

<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112063450547321.html>

WHAT'S HOT

VIEWED DISCUSSED

- [Iranian poet executed for 'waging war on God'](#)
- [Turkey: The life of a battered woman](#)
- [Canada surge up Olympic medal table](#)
- [Syrian rebel allies strike blow against ISIL](#)
- [Yemen to become state-region federation](#)
- [It's spring at last in Bosnia and Herzegovina](#)
- [EU-Swaps ties threatened by immigration vote](#)
- [15 in Gaza](#)
- [Report: Women claim Mandela is their father](#)
- [Iran says worship to approach US borders](#)

FEATURED



Afghan casualties

New UN report found a 14 percent increase in civilian casualties in 2013.



Domestic violence

Domestic violence has soared in the past decade, but shelters for abused women remain scarce.



Nepal women

In parts of rural Nepal, women are forced to isolate themselves in huts or caves during their menstruation period.



Zambia emeralds

Small-scale miners see potential in emeralds, but complain that government policies are far from cutting-edge.



Maternal mortality

About 3,000 mothers die every year while giving birth, due largely to lack of access to quality healthcare.



year government of Zine El Abidine Ben Ali.

Al Jazeera's Rageh said state-run newspapers downplayed the events in their Wednesday editions, but that opposition and independent papers ran comparatively unbiased headlines.

The independent *Al-Masry Al-Youm* (Egypt Today) newspaper ran a blunt headline: "A Warning."

The interior ministry, which controls the security forces, said authorities wanted to let the protesters express their opinions and accused the crowds of "insisting on provocation."

"Some threw rocks at police ... and others carried out acts of rioting and damage to state institutions," the ministry said in a statement.

"Egyptians have the right to express themselves," Hosam Zaid, a spokesman for the foreign ministry, said.

The US, a close ally of Egypt that has for years given the country the second-largest amount of foreign aid, called for calm.

"The United States supports the fundamental right of expression and assembly for all people," PJ Crowley, the state department spokesman, said in a statement.

"All parties should exercise restraint, and we call on the Egyptian authorities to handle these protests peacefully."

In Washington DC, Hillary Clinton, the secretary of state, said Egypt's government was "stable" and that Egyptians have the right to protest, though she urged all parties to avoid violence.

Simmering discontent

Discontent with life in Egypt's authoritarian police state has simmered under the surface for years.

"This is the first time I am protesting, but we have been a cowardly nation. We have to finally say no," Ismail Syed, a hotel worker who struggles to live on a salary of \$50 a month, told the Associated Press news agency.

Lamia Rayan, 24, said: "We want to see change, just like in Tunisia."

Nearly half of Egypt's 80 million people live under or just above the poverty line, set by the UN at \$2 a day.

Also like the Tunisian protests, the calls to rally in Egypt went out on social network sites Facebook and Twitter.

Throughout Tuesday, organisers used Twitter to give minute-by-minute instructions about where to gather in an attempt to outmanoeuvre the police, until the government blocked it in the late afternoon.

Twitter announced that its service had been blocked in Egypt at about 6pm local time on Tuesday (1800 GMT), and said that Tether and its applications had been affected.

In a message, the company wrote: "We believe that the open exchange of info & views benefits societies & helps governments better connect with their people."

'Barrier broken'

Among the protesters in Cairo was Nissa al-Awamy, author of the best-selling *Yacoubian Building*, which portrays corrupt politicians, police brutality and terrorism in Egypt.


A keen observer of Egyptian society, al-Awamy said the demonstrations were an important opening for the government's opponents.


"They broke the barrier of fear," he said. "The writers of the regime were saying Egypt is not Tunisia and Egyptians are less educated than Tunisians. But here is the thing: these young people proved they can take their rights forcefully."

Mubarak, 82, has not appointed a deputy since he became president in 1981 and is widely thought to be grooming his son Gamal to succeed him.


Source: Al Jazeera and agencies


OPINION


 Here is how Jordan escaped the Arab Spring
Ibrahim Alwan

 It's spring at last in Bosnia and Herzegovina
Jasmin Alwanovic


 Sochi 2014: Celebrating authoritarianism
Clea Kizil


 The internet bill: Is freedom of expression under threat in Turkey?
Farukh Tayeb


 The quest for democracy in the Arab world is an Islamic cause
Quaid Latif

 Living la vida low-cost in Portugal
Ruyao Shen

 Thailand election distracts from disastrous south
Pritish Ghosh

 Yemen in transition - and in turmoil
Dariusz Michalczewski

 More Guantanamo and global warming, less Amanda Knox and Justin Bieber
Kunal Arora

 The Gulf and Iran: New realities, new strategies
Robert Wade

TODAY'S SCHEDULE

NDW | **POWERLIST**
NEXT | News
(In 37 mins)

 Al Jazeera English
LIVE 2.581.783

Recent Activity

[Sign Up](#) Create an account or Log in to see what your friends are doing.

-  Scientific racism, militarism, and the new atheists
233 people recommend this.
-  Why war with Iran would spell disaster
2,677 people recommend this.
-  So Close So Far Away
708 people recommend this.
-  Inequality: The city takes economists like to eat
30 people recommend this.

[Refresh your page](#)



TOPICS IN THIS ARTICLE

People	Country	City	Organisation
Hosni Mubarak	Egypt	Cairo	Egyption police
Dariusz Michalczewski	Tunisia	Alexandria	Egypt's government
Nissa al-Awamy	United States	Washington	al-Awamy

<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112663450547321.html>

10/2/2014



Is Mubarak's rule threatened?

After the Egyptian government banned further protests, they continue to rage on.

Inside Story Last Modified: 27 Jan 2011 13:47 GMT

After a day of mass protests in Egypt, the government has banned any further demonstrations. It is also warning protesters they will be prosecuted if rallies continue.

The clamp-down comes after a wave of protests swept through Egypt leaving at least four people dead. Protesters are demanding an end to president Hosni Mubarak's 30-year rule.

But how different are these demonstrations from previous ones? How worried should Mubarak be? And is it that easy to unsettle him?

Inside Story, with presenter Ghida Fakhri, discusses. Joining us from Cairo is Rabab el-Mahdi, an assistant professor at the American University in Cairo, who is also a socialist activist for the Kefaya party. Also joining us from Cairo is Mohamed Abdelfattah, a freelance journalist for *Ahram online*. And in London, Afshin Rattansi, an author and award-winning journalist joins the discussion.

This episode of *Inside Story* aired from Wednesday, January 26, 2011.

Source: Al Jazeera

Hide Comments

1/1

10/2/2014



Protesters torch Egypt police post

Police post in city of Suez burnt down as angry protests continue to erupt despite security crackdown.

Last Modified: 27 Jan 2011 14:41 GMT



Riot police and tear gas have failed to keep Egyptian protesters off the streets of Cairo and Suez [Reuters]

Angry demonstrators in Egypt have torched a police post in the eastern city of Suez, where violence between police and protesters has ratcheted up amid a security crackdown.

Police fled the post before protesters used petrol bombs to set it on fire Thursday morning, witnesses told the Reuters news agency. Police in Suez responded to other demonstrators by firing rubber-coated bullets, water cannons and teargas.

Dozens of protesters gathered in front of a second police post later in the morning, demanding the release of relatives who were detained during a wave of unprecedented protests that authorities have failed to quell since they began on Tuesday.

Meanwhile, activists calling for the ouster of Hosni Mubarak, who has served as Egypt's president for 30 years, clashed with police in the capital, Cairo, in the early hours of Thursday.

While the situation had calmed later in the morning, the protests are likely to gather momentum with the arrival of Mohamed ElBaradei, the Nobel Peace Prize-winning former head of the United Nations' nuclear watchdog, and a potential presidential rival to Mubarak.

Responding to a reporter's question as he departed Vienna for Cairo, ElBaradei said on Thursday that he was ready to "lead the transition" in Egypt if asked.

"If people, in particularly young people, if they want me to lead the transition I will not let them down," ElBaradei told journalists at Vienna airport.

1/3

But ElBaradei added: "My priority right now is to see a new Egypt and to see a new Egypt through peaceful transition."

Demonstrators were planning another major protest for Friday, a day often used for protest in Egypt, and the Muslim Brotherhood – the country's technically banned but largest opposition movement – said on Thursday for the first time that it would participate.

Mubarak's whereabouts questioned

Rumours that Mubarak's son, Gamal, had fled the country have swirled in Egypt since Tuesday, the "day of anger" that ignited the protests. But Al Jazeera's Dan Nolan, reporting from Cairo, said that Gamal remained in Cairo and was attending a meeting of the ruling National Democratic Party. Footage from that meeting were to be broadcast on television later on Thursday.

But little was known about President Mubarak's whereabouts, and a senior government official was unable to confirm whether he was in Cairo or the resort town of Sharm el-Sheikh on the Sinai Peninsula.

"You would imagine, with what we've been seeing here – these are unprecedented protests, certainly unprecedented under President Mubarak's rule – that perhaps it might be a good time to address the nation in a televised broadcast or something like that," our correspondent said.

"There's been no indication that he's going to do that. Not even a televised address by the prime minister, only a brief prime ministerial press statement."

In the statement, Ahmed Nazif, the Egyptian prime minister, said that while people were free to express themselves in a peaceful manner, "there will be swift and strong intervention by police to protect national security".

In protests that some activists have explicitly connected with the uprising in Tunisia, Egyptians have defied a government ban on political rallies and taken to the streets in the thousands across several cities to vent their anger against Mubarak's 30-year rule and the emergency national-security laws that have been in place during his entire tenure.

Since the street protests erupted on Tuesday, police have confronted protesters with rubber-coated bullets, tear gas, water cannons and batons, and arrested more than 860 people.

An independent coalition of lawyers said that at least 1,200 people had been detained. At least six people have also been killed.

The turmoil on the streets affected even the country's stock exchange, where trading had to be temporarily suspended on Thursday after stocks dropped more than six per cent.

Defiant protesters

Our correspondent said the protesters seemed determined and continued to gather at various locations, despite the crackdown.

Protesters have constantly regrouped, using Facebook and Twitter to galvanise and co-ordinate their demonstrations.

Calls for another big protest on Friday gathered 24,000 Facebook supporters within hours of being posted. The Muslim Brotherhood's promise to join the protest means that police are likely to crack down harder.

Web activists seem to have acted largely independently of more organised opposition movements, including the Brotherhood, which boasts the biggest grassroots network in the country through its social and charity projects.

There have been reports of blocked Internet access and mobile service interruptions in an apparent government move to thwart protesters from communicating among themselves.

Twitter on Wednesday said its service had been blocked in Egypt. But Al Jazeera's Nolan reported that the site was up **Anonymous activists threaten to attack official Egyptian websites unless unfettered internet access is restored.**

10/22/2014

and running on Thursday.

Jill an York, who oversees the Herdlet web monitoring service at Harvard University, said that Egyptian Facebook users confirmed to her that the website was blocked. Facebook, however, said it had not recorded "major changes" in traffic from Egypt.

US response

Washington, which views Mubarak as a vital ally and bulwark of Middle Eastern peace, has called for calm and urged Egypt to make reforms to meet the protesters' demands.

"We believe strongly that the Egyptian government has an important opportunity at this moment in time to implement political, economic and social reforms to respond to the legitimate needs and interests of the Egyptian people," Hillary Clinton, US secretary of state, said.

Al Jazeera's Patty Culhane said that the US must strike a delicate balance.

"Egypt is by far one of the biggest beneficiaries of US foreign aid when it comes to military financing," our Washington DC correspondent said, adding that Egypt received \$1.3bn a year from the US, second only to Israel in that respect.

"It would seem then, that the US has some leverage to push the Egyptian government to not crackdown on the protesters," Culhane said. Whether the US chooses to exercise that leverage remains to be seen.

Like Tunisians, Egyptians complain about surging prices, lack of jobs, and authoritarian rulers who have relied on heavy-handed security to keep dissenting voices quiet.

Egypt's population of about 80 million is growing by 2 per cent a year. Two thirds of the population is under 30, and that age group accounts for 90 per cent of the jobless. About 40 per cent live on less than \$2 a day, and a third are illiterate.

A presidential election is due in September. Egyptians assume that the 82-year-old Mubarak plans either to remain in control or hand power to his son. Father and son both deny that Gamal, 47, is being groomed for the job.

Al Jazeera is not responsible for the content of external websites.

Source: Al Jazeera and agencies

Hide Comments

Online activism fuels Egypt protest

Online social networks being used by activists to communicate and organise anti-government protests.

Fatma Nalb Last Modified: 28 Jan 2011 11:50 GMT



Protesters have been calling for Egypt's president Hosni Mubarak to step down [EPA]

Egyptian authorities have blocked internet and mobile services in a bid to quell anti-government protests, but the measures may have come a bit too late.

Activists spread the word online about Friday's protests, detailing the list of public squares where people should gather.

Calls for action circulated on Twitter and Facebook since early on Friday morning.

Twitter user *nassthdwa* wrote: "#Egypt protests begin from mosques & churches, #Muslims #Christians 2gether#Jan25".

Another user named *eaucsa* tweeted: "#Jan25 #Egypt Good news, morale in Cairo still high, veteran activists from 60s & 70s r spreading knowledge of predigital ways 2 coordinate."

In the hours before the internet was unplugged, activists used social media inside the country and relayed their messages using contacts in other countries.

Online activists from Tunisia shared information about how protesters could pour Coca-Cola on their faces as a method of protecting themselves if police use tear gas. Others offered help by submitting emergency numbers for use in case protesters are arrested.

A youth group that calls itself the April 6th Movement distributed 20,000 leaflets late on Thursday outlining a basic

10/2/2014

blueprint of where to go and what supplies to take. They urged people to distribute the information through emails and in person rather than Facebook and Twitter to avoid government interference.

No revolution, no democracy

Other Twitter users sent messages to boost protesters' morale, offering tweets of support and solidarity from countries such as Japan and the United States .

Takamit7 wrote: "Without revolution, there is no democracy. Without internet, there is no freedom. We Japanese support you!!?#Egyptian"

Some users offered ideas about how to bypass the government's technological crackdown by logging on to the internet with proxy servers.

Users outside Egypt urged fellow citizens to write to their politicians to put pressure on the Egyptian government.

Alhabibi1 wrote: "If you are in the #USA, call your congress representatives to unlock internet and phone networks in #Egypt!"

Others living abroad offered to dedicate their account all day to sending messages on behalf of people via the phone like journalist Mona Eltahawy who wrote: "#Egyptians: Friday I'll b on #Twitter ALL DAY: if social media blocked write to me eltahawy67@gmail.com and I'll spread word. #Jan25".

Eerie Cairo

The very few Egyptians that had some online connection offered an insight into how the streets looked in Cairo. A user named anonymous wrote: "Just had a peek outside the window this Friday morning. Everything looks quiet so far in Tahrir square, I don't see any police #jan25".

Others tweeted of an eerie Cairo, though the mood was likely to change after midday prayers. The mood was echoed online: After 12:30 am on Friday morning, when the government shutdown began, Twitter and Facebook became online ghost towns, with the vast majority of users inside Egypt disappearing.

Even Al Jazeera correspondent Ayman Mohyeldin wrote minutes before the total blockade: "Internet service down across #egypt #jan25. Will be tweeting on Friday by alternative means."

Others expressed their disappointment. Mona Eltahawy wrote: "Friday Jan 26 historical day in #Egypt: #Mubarak dictator of 3 decades shuts down internet bec scared of youth-organized protests #Jan25."

Source: Al Jazeera

Hide Comments

10/2/2014

Egypt supporters rally worldwide

Protests held across globe in a show of solidarity with Egyptian demonstrators attempting to oust president.

Last Modified: 28 Jan 2011 15:36 GMT



Several hundred people held a rally outside a mosque in Istanbul reiterating calls for Mubarak to step down [Reuters]

Demonstrations are taking place around the world in a show of unity with protesters fighting for political change in Egypt.

In Turkey between 200 and 400 protesters held a demonstration outside the Fatih Mosque in central Istanbul after Friday prayers to lend their voices to the Egyptian cause.

Anita McNaught, Al Jazeera's correspondent in Turkey, said the mosque had become a focal point for activism since Israeli commandos raided a Turkish ship headed to Gaza last year.

"It is very much the organisations that we saw rise to prominence following the Israeli attack on the *Mavi Marmara* that have taken on the streets today to lend their voices in solidarity with the Egyptians," she said.

A simultaneous rally of about 50 people was also held in Ankara, the Turkish capital, where up to 50 people gathered outside the Egyptian embassy.

Tunisian solidarity

In London, Britain's capital, around 50 protesters are gathering outside the Egyptian embassy to add their voices to those calling for Hosni Mubarak, the president, and his government, to step down.

Abdullah Ali, a 26-year-old demonstrator at the rally in London, told Al Jazeera they were asking for "free democratic elections".

"I think the Egyptian population have had enough. They've seen what happened in Tunisia and how you can bring

1/2

10/2/2014

about a change. What we are asking for is Mubarak, father and son, to leave."

Many Tunisians, who saw major and violent protests topple the leadership of its president earlier this month, have also expressed solidarity with Egypt, saying that they hoped their revolution would spark events around the Arab world.

Around 50 people are holding a demonstration outside the Egyptian embassy in Tunis, the capital, brandishing placards with slogans reading "Mubarak Out!" and "Freedom".

"We are here to say that the Tunisian people are behind the Egyptian people. They have suffered in the way that we suffered. It's time for change," Monia Mechri, one of the protesters, was quoted by the AFP news agency.

The Progressive Democratic Party, a former opposition group that has now joined Tunisia's interim government, said Egypt had "called in the hour of change for an end to injustice and dictatorship".

"The Egyptian people supported the Tunisian people's revolution. Our heart is with you and our voices never cease to pray for victory," it added in a statement.

Ahmed, a blogger and activist at the rally told Al Jazeera that what has happened in Egypt is "very great".

"Now democracy will be ... one effect in the Arabic world," he said.

He said activists in Tunisia had used Facebook to message people in Egypt with advice on how to tackle police tactics during their protests.

Demonstrations have also been held outside the Egyptian embassy in Doha, the Qatari capital, where political demonstrations are a rare event.

Source: Al Jazeera and agencies

Egypt: Arab world reacts via SMS

A selection of mobile phone messages on protests in Egypt sent to Al Jazeera Mubasher from throughout the Arab world.

Last Modified: 28 Jan 2011 14:27 GMT



Egyptian demonstrators run from tear gas as they confront riot police during demonstration in Cairo January 28 [AFP]

Authorities have blocked internet and mobile phone services in much of Egypt. And the Al Jazeera Mubasher signal on Nilesat was jammed, so transmission had to be switched to another frequency.

The following were translated from the original Arabic SMS that appeared on Al Jazeera Mubasher:

SMS from Egypt

Sabr Kandil: 30 years [of Mubarak Rule] are enough.

Abu Yahya: To all the Egyptians, hold steadfast, victory is looming.

Maryam: Women of Egypt are supporting all men out fighting for freedom.

Kamal: We pray to God grant us victory over corruption.

Ajman: Egypt is the graveyard of invaders, so will be of tyrants.

Fawzi Abu Sahlul: Those who do wrong will come to know by what a [great] reverse they will be overturned!

Egypt United Group: This is a call to bring down the idols of Arab Leaders.

SMS from Arab world

10/2/2014

Abu Fadel, Iraq: No retreat, march forward, fellow Egyptians.

Ali, Yemen: May God grant victory to the oppressed Arab peoples.

No name, Yemen: Hold steadfast, we are praying for you.

Abu Ramzi, Saudi Arabia: Hearts and minds of all Egyptians in Saudi Arabia are with their fellow citizens in Egypt.

Jamal Mansour, Saudi Arabia: Salute to the free Egyptians.

No name, Bahrain: This is reminiscent of Jamal Abdul Naser's revolutionary days.

No name, Jordan: Oh, fellow Egyptians, take to streets and have your voice heard.

No name, Sudan: From southern Sudan, we are backing you.

No name, no location: May God be with the people of Egypt, to victory we are heading.

Source: *Al Jazeera*

Hide Comments

10/2/2014



Egypt braces for protest showdown

Government blocks internet and mobile services ahead of planned protests against President Mubarak's 30-year rule.

Last Modified: 28 Jan 2011 10:45 GMT



Despite the security crackdown, protesters continue to vent their anger on the streets [AFP]

Egypt is on edge as activists pressing for a change in government prepare to stage the biggest day of protests in the Middle East's most populous nation amid a security clampdown.

Security forces are on high alert and internet, mobile phone and SMS services have been blocked ahead of the planned demonstrations following Friday prayers.

Al Jazeera's Adam Makary, reporting from the port city of Alexandria, said communications had been badly hit in the wake of the shutdowns. "Internet is down and mobile phones are working only intermittently," he said.

Dan Nolan, Al Jazeera's correspondent in the capital, Cairo, said the government had effectively wiped the country off the global digital map in a bid to prevent protesters from organising themselves.

But he said people already know where to be on Friday if they want to have their voice heard "because an email was spread throughout Egyptian networks last night ... that listed the places where people should gather".

For the past three days, cities across Egypt have witnessed unprecedented protests against the 30-year rule of Hosni Mubarak, the president.

Apparently inspired by the recent turmoil in Tunisia, the determined protesters have stood their ground against heavily-armed police and are refusing to relent until there is a change in government.

The violence has so far left seven people dead.

1/3

Friday protests

A page on Facebook social networking site listed more than 30 mosques and churches where protesters were expected to gather on Friday.

"Egypt's Muslims and Christians will go out to fight against corruption, unemployment and oppression and absence of freedom," the page with more than 70,000 signatories said.

Basem Fathy Mohamed, a freelance journalist in Egypt, told Al Jazeera he expected one million people to participate in the protests.

The Associated Press news agency reported that an elite special counterterrorism force had been deployed at strategic points around Cairo as Egypt's interior ministry warned of "decisive measures".

Salwat Sherif, the secretary-general of the ruling National Democratic Party, told reporters on Thursday: "We hope that tomorrow's Friday prayers and its rituals happen in a quiet way that upholds the value of such rituals ...and that no one jeopardises the safety of citizens or subjects them to something they do not want."

Meanwhile, a lawyer for the opposition Muslim Brotherhood said that 20 members of the officially banned group had been detained overnight.

Abdel-Moniem Abdel-Maksoud said two of the most senior members detained were Essam El-Erian, Brotherhood's main spokesman, and Mohammed Moursi, a prominent Brotherhood leader.

'Popular calls'

El-Erian had earlier warned the Mubarak government of the consequences of a breakdown of the situation "if the government continued to turn a deaf ear to popular calls".

"The protest rallies will not stop while Friday will be another 'day of wrath'," he said.

The Muslim Brotherhood had avoided the protests in previous days, but late on Thursday it announced that its members would take part after Friday prayers.

Mohamed ElBaradei, the former head of the UN nuclear watchdog turned democracy advocate, also announced that he would join the demonstrators after returning from the Austrian city of Vienna, where he lives.

"It is a critical time in the life of Egypt. I have come to participate with the Egyptian people," ElBaradei said as he left Cairo airport, where he was greeted by a small group of supporters.

"The desire for change must be respected. The regime must not use violence in the demonstrations."

Earlier, ElBaradei, a Nobel peace laureate, said he was ready to "lead the transition" in Egypt if asked.

Before internet services were disrupted, social networking sites were abuzz with talk that Friday's planned anti-government rallies could be some of the biggest so far calling for the overthrow of the 82-year-old president.

Millions of people gather at mosques across Cairo for Friday prayers, providing organisers with a huge number of people already out on the streets to tap into.

But on Friday, the Italy-based Seabone internet provider said there was no internet traffic going into or out of the country after 12:30 am local time on Friday.

Fierce clashes

Despite the security crackdown, protesters continue to vent their anger on the streets.

Protesters hurled Molotov cocktails at a fire station in the city of Suez, setting it ablaze on Thursday. At another rally near Giza on the outskirts of Cairo, police used tear gas to break up hundreds of protesters late at night.

Cairo, normally vibrant on a Thursday night ahead of the weekend, was largely deserted, with shops and restaurants shut. In Ismailia, hundreds of protesters

Deleted

10/2/2014

clashed with police who used tear gas and batons to disperse them.

"This is a revolution," one 16-year-old protester said in Suez. "Every day we're coming back here."

"The intensity continues to increase," Al Jazeera's Jamal Elshayyal reported from Suez.

"There have been fierce clashes with rubber-coated steel bullets being fired by the riot police as well as tear gas."

Human Rights Watch said Egyptian police had escalated the use of force against largely peaceful demonstrations, calling it "wholly unacceptable and disproportionate".

Barack Obama, the US president, urged both the government and protesters to show restraint as they expressed their "pent-up frustrations".

"It is very important that people have mechanisms in order to express legitimate grievances," he said as he answered questions from an online audience on the YouTube website.

Obama also urged Mubarak to make changes to the political system to appease the angry protesters.

"I've always said to him that making sure that they are moving forward on reform - political reform, economic reform - is absolutely critical for the long-term well-being of Egypt."

Source: Al Jazeera and agencies

Hide Comments

NEWS

Timeline: Egypt Unrest

A chronicle of the demonstrations against the country's leadership.

Profile: Hosni Mubarak

Mubarak, Egypt's third and longest-serving president, has ruled the country since 1981.

When Egypt turned off the internet

Egypt goes off the digital map as authorities unplug the country entirely from the internet ahead of protests.



Protesters across Egypt defy curfew

Buildings and vehicles set alight across the country as anti-government protests continue.

Last Modified: 28 Jan 2011 19:21 GMT



Anti-government protesters continue to demand for an end to Mubarak's 30-year rule (Reuters)

A nighttime curfew has begun in the Egyptian cities of Cairo, Alexandria and Suez, after a day where thousands of protesters took the streets, demanding an end to Hosni Mubarak's 30-year presidency.

The curfew was implemented on Friday on the orders of the president, along with an order that the military take charge of security, amid violent clashes occurred between police and protesters.

Mubarak, "as commander in chief, has declared a curfew in the governorates of Greater Cairo, Alexandria and Suez from 6pm to 7am starting on Friday until further notice," state television announced.

The president "has asked the armed forces, in cooperation with the police, to implement the decision, and maintain security and secure public establishments and private property," it said.

Al Jazeera's Ayman Mohyeldin, reporting from Cairo said that a building belonging to the ruling National Democratic Party was set ablaze along with several police vehicles. Firefighters did not appear to be on the streets, and the buildings continue to remain torched.

Rawya Ragah, reporting from the port city of Alexandria, said that protesters were defying the curfew.

"The situation remains very tense, and many are still out here, openly defying this curfew."

According to the Associated Press, thousands of protesters have stormed the foreign ministry, and state television building in Cairo.

At least 870 people were wounded during Friday's protests some in a serious condition with bullet wounds, medical

sources said.

Police officers were also wounded, but numbers were not immediately clear, the sources told Reuters news agency. There was no official confirmation of the figures.

In the city of Suez, at least two people killed during ongoing demonstrations, and armoured vehicles were reportedly set alight. Correspondent Jamal Elshayyal also said that police stations were also set alight during protests.

Dozens of people were also wounded as security forces fired rubber bullets, tear gas and water cannon at the crowds and baton charged them.

During the clashes, plain clothes security forces also dragged off protesters. At the Fatah mosque in central Ramses Square, several thousand people were penned in and teargassed.

Egyptian military vehicles meanwhile, were sighted on the streets of the capital, and protesters had previously chanted slogans calling for the army to support them, complaining of police violence during clashes in which security forces fired teargas and rubber bullets.

Unconfirmed reports however, have emerged that the army and police were involved in clashes in the capital.

Ayman Mohyeldin said that if confirmed, it points to the chaos that has filled the streets of Cairo.

"The army is a respected establishment in Egypt, and many feel they need their support against what they see as excessive force by the police and security forces," our correspondent in Cairo said.

However, Hosni Mubarak ordered troops to back up police as they struggled to control crowds who continue to flood the streets of Cairo and other Egyptian cities.

But in a sign of escalating tensions, fires and thick black smoke have been seen across parts of Cairo.

Friday's demonstrations were by far the biggest of four consecutive days of protests by people fed up with unemployment, poverty, corruption and the lack of freedom under Mubarak.

"This protest is not going to stop. They won't and can't trick the people again and give us some lame concessions. Hosni has to go," protester Mohamed Taha said after fleeing a police attack.

"I am 70 years old, I am going to die, but these people have to fight to live," he said.

Protesters often quickly dispersed and regrouped.

Some held banners saying: "Everyone against one" and chanted "Peaceful peaceful peaceful, no violence." Others threw shoes at and stamped on posters of Mubarak.

As clashes intensified, police waded into the crowds with batons and fired volleys of tear gas.

"Leave, leave, Mubarak, Mubarak, the plane awaits you," people chanted.

Mohamed ElBaradei, the former head of the United Nations' nuclear watchdog and an opposition leader in Egypt, was briefly detained by police after he prayed at a mosque in the Giza area but he later took part in a march with supporters.

The countrywide violence has so far left seven people dead.

Government crackdown

In response, the government had vowed to crack down on demonstrations and arrest those participating in them. It has blocked internet, mobile phone and SMS services in order to disrupt the planned demonstrations.

Before Egypt shut down internet access on Thursday night, activists were posting and exchanging messages using social networking services such as Facebook and Twitter, listing more than 30 mosques and churches where protesters were to organise on Friday.

Meanwhile, the United States says the situation in Egypt is of "deep concern" and is calling on Egyptian authorities to

enact reforms and allow peaceful protests and open communications.

PJ Crowley, a state department spokesman said on Friday that Egypt must respect the "fundamental rights" of its people and avoid violence.)

He also said reform is vital to the country's long-term stability and security, and urged the government to view its people as a partner and not a threat.

It is far from a foregone conclusion that the protesters will force Mubarak out. They face two key challenges, Amon Aran, a Middle East expert at London's City University, told Reuters news agency.

"One is the Egyptian security apparatus, which over the years has developed a vested interest in the survival of President Mubarak's regime. This elaborate apparatus has demonstrated over the past few days that it is determined to crush political dissent," he said.

"Another obstacle derives from the fact that, so far, the protesters do not seem to form a coherent political opposition.

The popular outcry is loud and clear, but whether it can translate into a political force is questionable."

Source: Al Jazeera and agencies

Hide Comments

10/2/2014



Egypt tense ahead of protests

Internet and SMS services reportedly disrupted and Muslim Brotherhood members arrested ahead of planned demonstrations.

Last Modified: 28 Jan 2011 07:28 GMT



Protesters in Cairo demand the ouster of Hosni Mubarak, the Egyptian president [AFP]

Internet and mobile phone text message users in Egypt have reported a major disruption to services as the country prepares for a new wave of protests against the 30-year rule of Hosni Mubarak, the president.

Anti-government protesters have called for mass protests after noon prayers on Friday as they increase the pressure on the fourth day of the most serious unrest in decades.

However, the government denied disrupting communications networks.

A page on the Facebook social networking site listed more than 30 mosques and churches where protesters were expected to gather.

"Egypt's Muslims and Christians will go out to fight against corruption, unemployment and oppression and absence of freedom," the page with more than 70,000 signatories said.

The Associated Press news agency reported that an elite special counterterrorism force had been deployed at strategic points around Cairo in the hours before the planned protests as Egypt's interior ministry warned of "decisive measures".

Safwat Sherif, the secretary-general of the ruling National Democratic Party, told reporters on Thursday: "We hope that tomorrow's Friday prayers and its rituals happen in a quiet way that upholds the value of such rituals ...and that no one jeopardises the safety of citizens or subjects them to something they do not want."

1/3

Unprecedented protests

Egypt has witnessed unprecedented protests against Mubarak's rule since Tuesday. At least seven people have been killed in clashes between security forces and protesters, who seem to have been inspired by the recent turmoil in Tunisia.

Meanwhile, a lawyer for the opposition Muslim Brotherhood said that 20 members of the officially banned group had been detained overnight.

Abdel-Moniem Abdel-Maksoud two of the most senior members detained were Essam El-Erian, Brotherhood's main spokesman, and Mohammed Moursi, a prominent Brotherhood leader.

"The reason is of course known: it's what is expected to happen tomorrow," Abdel-Maksoud said.

El-Erian had earlier warned the Mubarak government of the consequences of a breakdown of the situation "if the government continued to turn a deaf ear to popular calls".

"The protest rallies will not stop, while Friday will be another 'day of wrath'," he said.

The Muslim Brotherhood had avoided the protests in previous days, but late on Thursday it announced that its members would take part after Friday prayers.

Mohamed ElBaradei, the former head of the UN nuclear watchdog turned democracy advocate, also announced that he would join the demonstrators after returning from the Austrian city of Vienna, where he lives.

"It is a critical time in the life of Egypt. I have come to participate with the Egyptian people," ElBaradei said as he left Cairo airport, where he was greeted by a small group of supporters.

"The desire for change must be respected. The regime must not use violence in the demonstrations."

Earlier, ElBaradei, a Nobel peace laureate, said he was ready to "lead the transition" in Egypt if asked.

Biggest rallies yet

Before internet services were disrupted, social networking sites were abuzz with talk that Friday's planned anti-government rallies could be some of the biggest so far calling for the overthrow of the 82-year-old president.

Millions of people gather at mosques across Cairo for Friday prayers, providing organisers with a huge number of people already out on the streets to tap into.

But on Friday, the Italy-based Seabone internet provider said there was no internet traffic going into or out of the country after 12:30 am local time on Friday.

Despite the security crackdown, protesters continue to vent their anger on the streets.

Protesters hurled Molotov cocktails at a fire station in the city of Suez, setting it ablaze on Thursday. At another rally near Giza on the outskirts of Cairo, police used tear gas to break up hundreds of protesters late at night.

Intensity increasing

Cairo, normally vibrant on a Thursday night ahead of the weekend, was largely deserted, with shops and restaurants shut. In Ismailia, hundreds of protesters clashed with police who used tear gas and batons to disperse them.

"This is a revolution," one 16-year-old protester said in Suez. "Every day we're coming back here."

Al Jazeera's Jamal Elshayyal, reporting from Suez, said "the intensity continues to increase".

"There have been fierce clashes with rubber-coated steel bullets being fired by the riot police as well as tear gas."

Related

[Timeline: Egypt Unrest](#)

10/2/2014

Human Rights Watch said Egyptian police had escalated the use of force against largely peaceful demonstrations, calling it "wholly unacceptable and disproportionate".

Barack Obama, the US president, urged both the government and protesters to *show restraint as they expressed their "pent-up frustrations"*.

"It is very important that people have mechanisms in order to express legitimate grievances," he said as he answered questions from an online audience on the YouTube website.

Obama also urged Mubarak to make changes to the political system to appease the angry protesters.

"He always said to him that making sure that they are moving forward on reform - political reform, economic reform - is absolutely critical for the long-term well-being of Egypt."

Source: Al Jazeera and agencies

A chronicle of the demonstrations against the country's leadership.

Profile: Hosni Mubarak

Mubarak, Egypt's third and longest-serving president, has ruled the country since 1981.

Hide Comments

10/2/2014



When Egypt turned off the internet

Egypt goes off the digital map as authorities unplug the country entirely from the internet ahead of protests.

Last Modified: 28 Jan 2011 09:12 GMT



Twitter confirmed on Tuesday that its service was being blocked in Egypt, and Facebook reported problems [EPA]

About a half-hour past midnight on Friday in Egypt, the internet went dead.

Almost simultaneously, the handful of companies that pipe the internet into and out of Egypt went dark as protesters were gearing up for a fresh round of demonstrations calling for the end of president Hosni Mubarak's nearly 30-year rule, experts said.

Egypt has apparently done what many technologists thought was unthinkable for any country with a major internet economy: It unplugged itself entirely from the internet to try and silence dissent.

Experts say it is unlikely that what has happened in Egypt could happen in the United States because the US has numerous internet providers and ways of connecting to the internet. Co-ordinating a simultaneous shutdown would be a massive undertaking.

"It can't happen here"

"It can't happen here," said Jim Cowie, the chief technology officer and a co-founder of Renesys, a network security firm in Manchester, New Hampshire, that studies internet disruptions.

"How many people would you have to call to shut down the US internet? Hundreds, thousands maybe? We have enough internet here that we can have our own internet. If you cut it off, that leads to a philosophical question: Who got cut off from the internet, us or the rest of the world?"

In fact, there are few countries anywhere with all their central internet connections in one place or so few places that

1/3

10/2/2014

they can be severed at the same time. But the idea of a single "kill switch" to turn the internet on and off has seduced some American lawmakers, who have pushed for the power to shutter the internet in a national emergency.

The internet blackout in Egypt shows that a country with strong control over its internet providers apparently can force all of them to pull their plugs at once, something that Cowie called "almost entirely unprecedented in internet history."

The outage sets the stage for blowback from the international community and investors. It also sets a precedent for other countries grappling with paralysing political protests, though censoring the Internet and tampering with traffic to quash protests is nothing new.

Disrupted services

China has long restricted what its people can see online and received renewed scrutiny for the practice when internet search leader Google Inc. proclaimed a year ago that it would stop censoring its search results in China.

In 2009, Iran disrupted Internet service to try to curb protests over disputed elections. And two years before that, Burma's internet was crippled when military leaders apparently took the drastic step of physically disconnecting primary communications links in major cities, a tactic that was foiled by activists armed with cell phones and satellite links.

Computer experts say what sets Egypt's action apart is that the entire country was disconnected in an apparently co-ordinated effort, and that all manner of devices are affected, from mobile phones to laptops. It seems, though, that satellite phones would not be affected.

"Iran never look down any significant portion of their Internet connection, they knew their economy and the markets are dependent on Internet activity," Cowie said.

When countries are merely blocking certain sites, like Twitter or Facebook, where protesters are co-ordinating demonstrations, as apparently happened at first in Egypt, protesters can use "proxy" computers to circumvent the government censors. The proxies "anonymise" traffic and bounce it to computers in other countries that send it along to the restricted sites.

But when there is no internet at all, proxies can't work and online communication grinds to a halt.

Renesys' network sensors showed that Egypt's four primary internet providers, Link Egypt, Vodafone/Raya, Telecom Egypt, Etsalat/Misr, and all went dark at 12:34am. Those companies shuttle all internet traffic into and out of Egypt, though many people get their service through additional local providers with different names.

Italy-based Seabone said no internet traffic was going into or out of Egypt after 12:30am local time.

Country disappeared

"There's no way around this with a proxy," Cowie said. "There is literally no route. It's as if the entire country disappeared. You can tell I'm still kind of stunned."

The technical act of turning off the internet can be fairly straightforward. It likely requires only a simple change to the instructions for the companies' networking equipment.

Craig Labovitz, chief scientist for Arbor Networks, a Chelmsford, Massachusetts, security company, said that in countries such as Egypt, with a centralised government and a relatively small number of fibre-optic cables and other ways for the internet to get piped in the companies that own the technologies are typically under strict licenses from the government.

"It's probably a phone call that goes out to half a dozen folks who enter a line on a router configuration file and hit return," Labovitz said. "It's like programming your TiVo, you have things that are set up and you delete one. It's not high-level programming."

Twitter confirmed on Tuesday that its service was being blocked in Egypt, and Facebook reported problems.

"Iran went through the same pattern," Labovitz said. "Initially there was some level of filtering, and as things deteriorated, the plug was pulled. It looks like Egypt might be following a similar pattern."

The ease with which Egypt cut itself also means the country can control where the outages are targeted, experts said. So its military facilities, for example, can stay online while the internet vanishes for everybody else.

Experts said it was too early to tell which, if any, facilities still have connections in Egypt.

2/3

10/2/2014

Lapses don't make it any easier to see what, if any, services still have connections in Egypt.

Cowie said his firm is investigating clues that a small number of small networks might still be available.

Meanwhile, a programme Renesys uses that displays the percentage of each country that is connected to the internet was showing a figure that he was still struggling to believe. Zero.

Source: Associated Press

Hide Comments

Egypt not trending in China

Beijing blocks searches for "Egypt" from microblogging site following protests there.

Last Modified: 29 Jan 2011 09:48 GMT



There is limited information on the Egypt protests available in China. [EPA]

China has blocked the word "Egypt" from the country's wildly popular Twitter-like service, while coverage of the political turmoil has been tightly restricted in state media.

China's ruling Communist Party is sensitive to any potential source of social unrest.

A search for "Egypt" on the Sina microblogging service brings up a message saying, "According to relevant laws, regulations and policies, the search results are not shown".

The service has more than 50 million users.

News on the Egypt protests has been limited to a few paragraphs and photos buried inside major news websites, but China Central Television had a report on its midday broadcast.

China's foreign ministry did not respond to a request for comment Saturday on the events in Egypt.

Source: Associated Press

Hide Comments

Egyptian youth and new dawn hopes

For young Egyptians, long-dormant patriotism and pride have been finally awakened.

Firas Al-Atrazchi Last Modified: 29 Jan 2011 00:30 GMT



For the first time in their lives, young men and women feel that they may actually be able to determine their own destinies [REUTERS]

As police stations and ministry of interior installations continue to burn through the night in many of Egypt's cities, the Arab World is waking up to a new dawn.

In more than 18 years of living in Cairo, I have never felt the sense of cautious hope that exists in Egypt now, particularly among young men and women who feel that for the first time in their lives they may actually be able to determine their own destinies.

Young Egyptians that say that despite the number of teargas canisters fired at protesters and the number of those who have been beaten and detained, long-dormant patriotism and pride have been finally awakened.

They feel emboldened by the positive changes in Tunisia and believe they share common cause and aspiration.

Many of the students I teach at the American University in Cairo have taken part in the protests, avoiding tear gas, seeking refuge in shops and alleyways. They have been reporting and participating in the protests. Some have been beaten only to return the next day and face off with riot police.

To them, they have known no other president, no other ruling party and no other political system. They have for years been grounded on the government's realpolitik on the one hand, and the empty rhetoric of opposition groups on the other.

They have made it clear to me that these opposition parties, long defunct and impotent, have been replaced by grassroots social action. Their fears of detention and torture have been supplanted by the need for better living

10/2/2014

conditions and better wages.

The protests have drawn Egyptians from all walks of life, many of whom have never participated in demonstrations and feel that the time has come for them to voice their resentment.

What started with a few dozen protesters on January 25 quickly mushroomed as passers-by and ordinary citizens joined in.

This was the Arab Street – the silent majority which has finally found a voice to express palpable anger.

Listening to the protesters, one gets the feeling that they have not been deterred by the severity of the beatings; rather, their resolve has been hardened.

In an unprecedented show of civil disobedience and open revolt, young Egyptians have clearly and forcibly delivered a message that is still resonating in the Middle East and North Africa: Authoritarian rule in the region is over.

The common yet indigenous, denominators – political and economic disenfranchisement and disdain at rampant corruption – between the two countries were conveyed through social media networks, helping to create a momentum that seized popular anger and provided it with a dynamic that produced mass mobilisation on the streets of Tunis and Cairo.

By calling for the ouster of Hosni Mubarak, the Egyptian president, and persevering in the face of tear gas, water cannons and baton beatings, young Egyptian men and women have beat back decades of one-party rule, brutal repression against civil liberties, iron-clad control of the media, and corrupt economic policies.

The protesters have been dismantling archaic forms of governance in which the ruler is considered to be beyond reproach and economic policies are determined by his self-preserving business elite allies.

They are demanding equity in the distribution of wealth, an end to state corruption, greater employment opportunities and a curb to rampant inflation.

They want to be able to express themselves freely – both in mainstream media and online – without the specter of arrest, torture and imprisonment looming overhead.

Just three months ago, Egyptian authorities released Kareem Amer, a blogger jailed in 2007 for defaming Islam and the presidency. His release came just a few weeks after several stations were taken off the air by the national satellite carrier NileSat for allegedly failing to abide by their contracts and/or failure to pay licensing fees.

They are not interested in a change of government – as Mubarak promised on January 28 - and they will not be dissuaded by repeated promises of economic reform and prosperity. They believe that Egypt's current socio-economic malaise is rooted in the political system itself, a system which has not evolved since the first revolution overthrew the King of Egypt in 1952.

When the ruling National Democratic Party swept Parliamentary elections amid allegations of widespread fraud last November, Egyptian youth said that they felt their votes had been stolen and the entire process of political reform hijacked.

Some observers at the time warned that the government would likely suffer a backlash. The young protesters that we now see on the streets of Cairo, Ismailiya, Suez, Alexandria and Mahala want a political process that safeguards their democratic participation.

Few in Egypt have a desire – or expectation – to see Gamal Mubarak, the president's son, inherit the presidency in a contrived political gimmick to convince the public that there was a democratic transfer of power.

Among my students, Copts and Muslims alike, there is a call for social cohesion. In the aftermath of the bombing at the Two Saints Church in Alexandria, many Egyptians blamed the government for failing to adequately protect minorities and allowing sectarian strife to fester.

Now, the momentum – and history - is on the protesters' side.

Firas Al-Atraqchi is an associate professor of practice at department of journalism and mass communication at the American University in Cairo.

Source: Al Jazeera

10/2/2014



Live messages from Egypt

Audio and text messages coming in to Al Jazeera English from our correspondents and producers in Egypt.

Last Modified: 30 Jan 2011 15:51 GMT

Browse this page for all of the latest live audio messages coming in from our correspondents and producers on the ground in Egypt.



1/2

10/2/2014

Is Egypt ready for real change?

Will a new vice president and cabinet bring about true change in Egypt? Post your comments and questions here.

Last Modified: 30 Jan 2011 15:14 GMT



Egyptian protesters gather for a demonstration at Tahrir Square in Cairo on the sixth day of angry revolt [AFP]

An embattled Hosni Mubarak has just appointed a new right-hand man and a new prime minister. But many of his fiercest critics say that the country needs real reforms and not just cosmetic changes to the ruling elite.

Western powers have been urging the government to respect the human rights of peaceful demonstrators and re-establish civilian communications networks.

With the Egyptian military ambivalent about its next move, there is anxiety all around.

Will a new vice president and cabinet bring about true change in Egypt?

Source: Al Jazeera

Hide Comments

10/2/2014



Spy chief made Mubarak deputy

Omar Suleiman is made vice-president of Egypt, but his appointment fails to quell public anger in the country.

Last Modified: 31 Jan 2011 08:10 GMT

Omar Suleiman, Egypt's intelligence chief, has been appointed as president Hosni Mubarak's first-ever vice-president.

The move came after days of violent protests in which tens of thousands had called for the president's resignation.

But the appointment did little to quell the unrest. The man now second-in-command has been working closely with Mubarak during most of the president's three decades in power.

As the director of the Egyptian General Intelligence Services (EGIS) since 1993, Suleiman has been in charge of some of Egypt's most sensitive foreign policy issues, including the Palestinian-Israeli peace process.

The 75-year-old has orchestrated a series of albeit short-lived truces between Israel and the Palestinians over the past 10 years and has won the trust of both the US and Israel.

But while he may be liked and trusted abroad, many in Egypt consider Suleiman part of Mubarak's inner circle, and as such a pillar of a corrupt regime.

Military training

Born to a well-off family in 1936 in the southern Egyptian town of Qena, Suleiman enrolled in Egypt's premier Military Academy at the age of 18. He later received additional military training in the then Soviet Union.

He also studied political science at two leading Egyptian universities.

He took part in the 1967 and 1973 wars against Israel. He also participated in the North Yemen Civil War in 1962, in

1/2

10/2/2014

which the republicans were supported by Egypt and the Soviet Union in their fight against royalists.

In 1995, Suleiman's advice to Mubarak to ride in an armoured car during a visit to the Ethiopian capital, Addis Ababa, is believed to have saved the president's life. The two men survived a failed ambush but the car's driver was killed.

During the 1990s, Suleiman began to crack down on the Muslim Brotherhood, the officially banned but tolerated opposition party in Egypt.

He also co-operated with foreign intelligence agencies on cracking down on violent groups, at home and abroad. Among his main targets were homegrown groups such as the Gamaa Islamiya and Jihad after they carried out a string of attacks on foreigners that hit Egypt's vital tourism industry hard.

Source: Al Jazeera

Hide Comments

10/2/2014



A multi-media uprising?

Samah El-Shahat and guests discuss the role that social media has played in the Egyptian protests.

Witness Last Modified: 01 Feb 2011 13:40 GMT

From Tahrir Square in Cairo to the comiche in Alexandria, all over Egypt thousands of people have taken to the streets to protest against Hosni Mubarak's government.

Blogs, twitter, Facebook and mobile phone footage have all played some part in mobilising the crowds and getting messages to the wider world. And this despite a draconian crackdown on media and an unprecedented internet blackout.

Witness presenter Samah El-Shahat is joined by two guests who have been following [JOIN THE DEBATE](#) media developments in Egypt. Sharif Nashashibi is the chairman and co-founder of Arab Media Watch, an independent, non-profit watchdog, set up in 2000 to strive for objective coverage of Arab issues in the British media. And Ramy Aly is a researcher who has written about social networking in Egypt.

Watch Blogging on the Nile, a *Witness* film about the Egyptian bloggers who sowed the seeds of today's multi-media uprising.

Source: Al Jazeera

Hide Comments

1/1

10/2/2014



Blogging on the Nile

We look at the role of social media in Egypt and at the bloggers who sowed the seeds of a multi-media uprising.

Witness Last Modified: 01 Feb 2011 12:08 GMT

From Tahrir Square in Cairo to the corniche in Alexandria, all over Egypt thousands of people have taken to the streets to protest against Hosni Mubarak's government.

Blogs, twitter, Facebook and mobile phone footage have all played some part in mobilising the crowds and getting messages to the wider world. And this despite a draconian crackdown on media and an unprecedented blackout of the internet by the authorities.

In today's *Witness* we look back at a film made four years ago, when bloggers were [JOIN THE DEBATE](#) relatively few and new in Egypt. They claimed the Egyptian government was nothing better than a dictatorship, using torture, intimidation and corruption to maintain its hold on power, and they were attracting a growing audience.

Back then they were already making waves - and paying a high price. But they were sewing the seeds of today's multi-media uprising.

We are joined in the studio by two guests who have been following the development of media in Egypt. Sharif Nashashibi is the chairman and co-founder of *Arab Media Watch*, an independent, non-profit watchdog, set up in 2000, to strive for objective coverage of Arab issues in the British media. And Ramy Aly is a PhD student at Sussex University, researching Arabs in London, and has also written about social networking in Egypt. He also had experience of blogging in Egypt back in 2006 and 2007.

***Blogging on the Nile* aired from Tuesday, February 1, 2011.**

Source: Al Jazeera

1/2



Marking the 10 years on Mubarak ouster

Has America laid any flowers from the Arab Spring?

- News
- Show
- Al Jazeera
- Opinion**
- Human Rights
- Video
- Blogs
- Sport
- Investigations
- Weather
- Watch Live



LATEST Home mission continues as Syria talks resume

The future of Egypt's internet

The use of social media to facilitate and organise protests could lead to an uncertain future for the web in Egypt.

Last Modified on February 10, 2014



The protests in Egypt kicked off through networking on social media sites, even after the internet was taken down by the government, protesters have proved that the protests can continue regardless [DPA - Reuters.com production]

Amidst the latest headlines of the "Twitter / Facebook" revolutions, there is no doubt that technology - from social media to basic landlines - played an important role in facilitating Egypt's popular uprising.

As the protests began to make headlines on January 25, it immediately became clear to most observers that social media had played a significant role in organising the vast protests.

A Facebook event, set up days in advance, received tens of thousands of attendance confirmations, while a Google Doc posted to a Facebook group collected email addresses of the group's members in case of a Facebook block. Even the uprising's ubiquitous "#Jan25" hashtag was selected days in advance, with Egyptian Twitter users debating a few options.

But with most of the internet shut down for nearly three days now, it's become clear that without the assistance of social media, the protests go on.

Though the Egyptian government forced ISPs to shut down early Friday morning, one has remained available.

Noor, which has about 6% of the market share, remains online, and a number of its customers have continued to post updates to Facebook and Twitter, reporting on incidents on the ground, seeking information about friends, and connecting with loved ones.

A second option - perhaps one that many young Egyptians haven't had much contact with - remains available to enterprising users as well by connecting to international dial-up connections, often using mobile phones.

<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2011/02/20112174317974677.html>

TOP NEWS

- Home mission continues as Syria talks resume
- Yemen to become six-region federation
- Squeezing out Switzerland's immigrants
- Pakistan anti-drone campaigner missing
- Report: Women claim Mandela is their father

OPINION

- The US and the Arab Awakening: Deja vu?
- Who is behind Bosnia's riots?
- Sochi Olympics: One man show?
- Simbikangwa trait: The moment of reckoning
- It's spring at last in Bosnia and Herzegovina

WHAT'S HOT

- VIEWED
- DISCUSSED
- Iranian poet executed for 'waging war on God'
- Canada surge to Olympic medal lists
- It's spring at last in Bosnia and Herzegovina
- Yemen to become six-region federation
- Squeezing out Switzerland's immigrants
- Turkey: The life of a battered woman
- 15 in Gaza
- Pakistan anti-drone campaigner missing
- Nepal's menstrual politics
- Turkey and Israel 'close to resolving ties'

Several projects aim to bring Egyptian voices heard over phone lines onto the world wide web: [iEgyptia.org](#), an Egyptian-Lebanese collective, offers a self-described "live audio news bulletin from activists inside Egypt", while the Twitter account [@GlobalVoices](#) provides brief sound bites and text updates from phone calls back to the country. Global Voices is aggregating tweets and blog posts from still-connected Egyptians.

With the social media landscape sparser than before, the information coming across the wires is often pointed, critical. Tweets about a missing Egyptian Google employee, Wael Ghonim, have been circulating since Friday, with a link to his photo so Catholics can look for him.

Twitter user [@HosniMorsi](#) posts photos every time he makes it online, while journalists like Lara Setrakian of ABC News ([@LaraSetrakian](#)) utilize the tool for straight reporting.

Yesterday, Al Jazeera's own team in Cairo - including [@AymanM](#) and [@aljazeera](#) - used Twitter to notify followers of their arrest; they were later released, though their equipment was seized.

Those without mobile connections to Twitter often note their destination before getting offline, presumably in case of incident.

The Egyptian internet blackout, though widely reported as unprecedented, follows a few similar incidents, albeit on a much smaller scale.

In February 2005, Nepal severed international internet connections following a declaration of martial law, and in September 2007, Burma shut down the internet entirely following widespread documentation of demonstrations rocking the country. In 2008, residents of China's Xinjiang province were without internet for several months, with little explanation from Chinese officials.

While all these incidents resulted in severely impacted citizens, the number of internet users in Egypt is more than twenty times the number of users in Nepal, Burma and Xinjiang combined.

Furthermore, the degree to which online communications were used in Egypt prior to the blackout is simply unprecedented, though electronic communication may not have catalysed the popular uprising, they certainly helped it along, perhaps even accelerated it.

Because of that, by the time the internet was shut down, the population didn't need Facebook to tell them to take to the streets. They could see from their windows what was happening.

Though it seems the internet is unlikely to come back in the near term - what with massive protests planned for the week and depending on the outcome of the standoff with Mubarak's regime - Egypt's internet could face *filtering* in the future.

During the first two days of the demonstrations, Egypt blocked Twitter and then Facebook before forcing ISPs to shut down. Prior to January 25, the government blocked few, if any, websites, all local and related to political opposition.

Though it's unclear what the future holds, Egyptians could face a long-term block on certain social media sites, such as that in place by neighbouring Syria, which blocks YouTube and Facebook.

Update: Shortly after submitting this article, Noor - the last remaining ISP functioning in Egypt - shutdown the majority of its operations.

Allison York is a writer, blogger, and activist based in Boston. She works at Harvard Law School's Berkman Centre for Internet & Society and is involved with Global Voices Online.

The views expressed in this article are the author's own and do not necessarily reflect Al Jazeera's editorial policy.

Source: Al Jazeera



Recommended Sign Up to see what your friends recommend.

TOPICS IN THIS ARTICLE

People	Country	City	Organisation
Wael Ghonim	Egypt	Cairo	Egyptian government
Mubarak	Burma		
Lara Setrakian	Nepal		
	China		
	Syria		

FEATURED



Afghan casualties
New UN report found a 14 percent increase in civilian casualties in 2013.



Domestic violence
Domestic violence has soared in the past decade, but shelters for abused women remain scarce.



Nepal women
In parts of rural Nepal, women are forced to isolate themselves in huts or caves during their menstruation period.



Zambia emeralds
Small-scale miners are potential emeralds, but complain that government policies are far from cutting-edge.



Maternal mortality
About 3,000 mothers die every year while giving birth due largely to lack of access to quality health care.



Mubarak concessions 'insufficient'

Egypt protesters continue to demand president's immediate ouster, as US calls for urgent transition and reforms plan.

Last Modified: 02 Feb 2011 15:31 GMT



Many Egyptians feel that president Hosni Mubarak's concessions are 'too little too late' [AFP]

Unimpressed by a pledge from president Hosni Mubarak's that he would not renew his rule, thousands of Egyptian protesters are continuing to protest across the country, adamant that the president must step down.

Mubarak, in a defiant speech, announced he would not seek re-election in September, when his presidential term comes to an end.

But protesters reacted angrily, jeering him and once again calling for an immediate end to his 30-year reign.

"The speech is useless and only inflames our anger," said Shadi Morkos in Tahrir square. "We will continue to protest."

"We will not leave! He will leave!" others chanted at the time.

Clashes break out

Protests escalated on Wednesday as anti-government activists clashed with pro-Mubarak supporters who descended upon Tahrir square in central Cairo, where demonstrators have been camped out for days.

Our correspondent at the scene said people were "frenzied" with pro-government supporters chanting "With our blood and our souls, we will sacrifice for Mubarak".

She said the atmosphere was tense, with potential battle lines being drawn between the two sides of the Egyptian

10/22/2014

divide.

Demonstrators have also clashed in Alexandria, the country's second city, while smaller protests are continuing around the country.

Jane Dutton, an Al Jazeera reporter in Cairo, said there is now a "real standoff" between anti-government Egyptians and Mubarak, with neither side seeming to budge in the others' direction.

"[Mubarak] has said he will step down, just not yet. He has offered them all these concessions, demands that they have made over many years, for other parties to run in the elections, for there to be a fixed term under the president."

"But it's too little too late," she said.

"People are angry that these sort of changes are being imposed or suggested under a dictatorship, under this regime. They want him to go and they want him to go now."

'Opportunity for real change'

Speaking to Al Jazeera after Mubarak's speech, protesters in Cairo echoed the same sentiments.

"I want to say that this man is provoking us. This man wants to have a massacre in this country that has been good to him and his children," one male demonstrator said.

"Chants of 'Down with the regime! Down with the president!' started up again about 30 seconds after he was done with the speech," Ashraf Khalil, a journalist based in Cairo, told Al Jazeera.

"Talking to the protesters in Tahrir Square, those who are remaining have made it clear that his latest concessions are unacceptable.

"They have no intention of giving him some sort of eight month farewell tour. They want him gone immediately and they plan to keep the pressure up," Khalil said.

But to those demanding he leave Egypt, Mubarak said on Tuesday: "This is my country ... and I will die on its soil".

Barack Obama, the US president, reacted to his speech saying "orderly transition must be meaningful, it must be peaceful, and it must begin now".

Floods of reaction to Mubarak's speech has been posted on social networking sites, which have been seen as a vehicle for some of the protests.

"Mubarak said he wants to die in Egypt - careful what you wish for!" Guapo Plethora, a user on micro-blogging site Twitter, wrote.

Another, Iyad El-Baghdadi, tweeted "Live from Tahrir Square: Everyone considers Mubarak an ex-President and think his days are numbered."

Mona Eltahawy, a columnist and public speaker on Muslim and Arab issues, also tweeted saying, "It's Mubarak vs Egypt and Egypt must win. Armed forces [have] to understand. There is no way Mubarak can stay til September. OUT."

Al Jazeera's correspondents on the ground in Egypt reported the feeling on the streets.

"I was in Tahrir Square for Mubarak speech and once they heard offer to not run again, chanting started 'get out get out'," one of our correspondents tweeted.

Later he added: "Nobody there believes any of his promises any more. They know this is their opportunity for real change and won't stop 'til it happens."

Another tweeted that: "History may be repeating itself. Former Tunisian president Ben Ali gave three speeches and [vowed not to run again for elections].

Source: Al Jazeera and agencies

Hide Comments

2/3

Media in the line of fire in Egypt

Domestic and foreign journalists have come under siege amid the turmoil in Egypt.

Al Jazeera's online producer Last Modified: 03 Feb 2011 19:35 GMT



As the situation intensifies in Egypt, journalists are increasingly targeted [AFP]

Journalists in Egypt – domestic and foreign – are increasingly under siege, with Egyptian authorities detaining reporters and gangs of young men roaming the streets looking for anyone with camera equipment.

Some of the pressure has come from the government: Six Al Jazeera journalists were detained for several hours earlier this week, and while they were eventually released, their equipment remains with the police.

Earlier on Thursday concerns were raised as another three reporters went missing. They have now returned, safe and well, to their hotel.

Two *New York Times* reporters were reportedly arrested – or “taken into protective custody”, as the government termed it.

Israeli spy' rumours

Spotters stand outside many hotels, watching balconies with high-powered binoculars. When they see balconies with camera equipment or photographers, they use radios to call in the details.

Egyptian police sources say that information from those spotters has been used to conduct several raids on journalists' hotel rooms in recent days.

And the government has reportedly pressured several hotels not to extend the reservations of foreign journalists.

10/2/2014

But most of the intimidation and violence has come from unofficial sources: Young men loiter outside the hotels where many reporters are staying, shouting at (and sometimes attacking) anyone with equipment.

Hotel lobbies are filled with journalists and camera crews wearing bandages, and many have been restricted to watching the events in Tahrir Square from their hotel balconies.

Egyptian state television has actively tried to foment the unrest by reporting that "Israeli spies" have infiltrated the city – which explains why many of the gangs who attack reporters shout "yehudi!" ("Jew!").

The area around Tahrir Square has become a virtual no-go zone for camera crews, which were assaulted on Wednesday almost as soon as they entered the area controlled by supporters of Egyptian president Hosni Mubarak.

Several of them were mistaken for Al Jazeera crews, and were chased off by young men wielding sticks and chanting, "Jazeera! Jazeera!".



[Click here for more on Al Jazeera's special coverage](#)

CNN anchor Anderson Cooper said his crew was also assaulted on Tuesday night after being mistaken for an Al Jazeera crew.

A reporter for the Al Arabiya network was kidnapped for several hours during Wednesday's protest. The violence has come exclusively from the Mubarak supporters: There have been no reports of pro-democracy demonstrators attacking or intimidating the media.

Egyptian journalists, too, have been the victims of angry mobs, all of them affiliated with the pro-Mubarak crowd. Sarah El Sirgany, an editor with the *Daily News Egypt*, tweeted that her brother was assaulted while trying to protect a group of reporters attacked by an angry mob.

An Al Jazeera reporter was held at knife-point by a group of young men on Thursday morning. One man's face was still bloodied from the previous night's fighting.

Bloggers, too, have become targets: The popular Egyptian blogger Sandmonkey has reportedly been arrested (it's unclear by who).

International condemnation

The United States and Britain have condemned what they call the intimidation of foreign journalists reporting on events in Egypt.

Robert Gibbs, White House spokesman, called for the release of any journalist who had been detained in the country and said acts to intimidate the media were "completely and totally unacceptable".

PJ Crowley, state department spokesman, added: "There is a concerted campaign to intimidate international journalists in Cairo and interfere with their reporting. We condemn such actions."

Britain's foreign minister also said the intimidation and harassment of journalists was "unacceptable and disturbing".

The New York-based Committee to Protect Journalists called the attacks on journalists an attempt at "blanket censorship" by the government, and listed a number of reported assaults against Egyptian, Arabic and international media.

Source: Al Jazeera

Hide Comments

10/2/2014



The media battle for Egypt

We follow the coverage of one of the biggest political protests in Arab history.

Listening Post Last Modified: 05 Feb 2011 11:08 GMT

The battle for Egypt: The coverage, the censorship and the government that refuses to step down. Then, 'Breaking the Silence': Israeli soldiers shatter the media narrative.

Despite the best efforts of Hosni Mubarak's government, images of millions of Egyptians protesting on the streets of Cairo, Alexandria and Suez have been beamed around the world. But while the clashes between anti- and pro-Mubarak protestors dominated the airwaves, the journalists covering the fighting became targets themselves. Many were harassed, arrested and beaten, while others had their equipment confiscated. But they continued to cover the story.

The government pulled the plug on the country's internet connection, cut the phone lines for a time, poured propaganda out on state-controlled media but the momentum of the demonstrators was unstoppable.

Our *News Divide* this week trails the coverage of one of the biggest political protests in Arab history, one that came together online, dominated the headlines and sent tremors all the way from Sana'a in Yemen to Washington, DC in the US.

Quick hits from the world of *newsbytes*: A leaked letter reveals the European Union's views on Hungary's new media law; the relationship between Wikileaks and two newspapers takes a blow; and China's state TV channel recycles footage from a 1980s Hollywood action film.

Israel's media is one of the most vibrant in the region but when it comes to issues of national security and its army they tread carefully. However one organisation is working hard to lay bare some of the military's secrets.

The team behind 'Breaking the Silence' gathers testimonials from former Israeli soldiers, some of which contain allegations of abuse. The initiative is attracting international media attention but it is the Israeli public that have been most shocked by the revelations. Rarely do such damning allegations emerge from among the country's own soldiers.

1/2

10/2/2014

In this week's feature we travel to Israel to see how - by revealing some of the military's dirty secrets - the group is deconstructing a well-crafted media image.

When President Mubarak spoke to the Egyptian public last week, his words failed to placate the nation. In case you have not seen it yet, a group of Jordanian animators have produced their own version of the speech, one which demonstrated what audiences were hearing while Mubarak was talking. It is our *Internet video of the week*.

This episode of *Listening Post* aired from Saturday, February 5, 2011.

Source: Al Jazeera

Hide Comments

10/2/2014



Shocking 'Egypt images' emerge

New video footage shows violent confrontations between protesters and government supporters.

Last Modified: 07 Feb 2011 19:32 GMT

Al Jazeera has obtained footage showing violent clashes between pro-democracy protesters and supporters of Hosni Mubarak, Egypt's president.

In one clip, showing events on the night between February 2 and 3, Mubarak loyalists are seen driving into a crowd of protesters, who then set upon them.

In another, shots are fired on protesters on a bridge.

Al Jazeera's Andrew Simmons in Cairo has more.

This report contains images which some viewers may find distressing

Source: Al Jazeera

Hide Comments

Freed cyber activist lauds protests

Google executive Wael Ghonim speaks after release from Egyptian custody, sparking outpouring of support from protesters.

Last Modified: 08 Feb 2011 04:43 GMT

Egypt's demonstrations have been ongoing since January 25 as protesters call for Mubarak to resign

Egyptian anti-government protesters have welcomed the release of a Google executive who disappeared in Cairo last month after playing a key role in helping demonstrators organise.

Wael Ghonim was released on Monday by Egyptian authorities, sparking a fast and explosive response from supporters, bloggers and pro-democracy activists on the internet.

Ghonim's release came nearly two weeks after he was reported missing on January 28 during protests against Egyptian president Hosni Mubarak.

"Freedom is a bless[ing] that deserves fighting for it," Ghonim, Google's head of marketing for the Middle East and North Africa, wrote in a message posted on his Twitter account shortly after his release.

He said he was seized in the Egyptian capital, Cairo, late last month as he joined tens of thousands of protesters in the city's Tahrir Square, the focal point of protests aimed at calling on Mubarak to step down from his 30-year-rule in Egypt.

Ghonim said he was picked up by three plainclothes men on the street, pushed into a car and taken off for interrogation by state security members.

'Not a hero'

The prominent blogger spoke to Egypt's On TV after his release on Monday, pleading with reporters not to call him a hero.

"Please don't make me a hero. I'm not a hero. I have been asleep for 12 days," he said.

10/2/2014

"I hope that we would be able to put an end to all the rubbish in this country. The rubbish really needs to be cleaned up."

Ghonim gave a subsequent, emotional interview to the privately owned Egyptian channel Dream TV later on Monday.

"I am not a symbol or a hero or anything like that, but what happened to me is a crime," he told Dream TV.

"If you want to arrest me, that's your right. But there are laws and I am not a terrorist or a drug-dealer. We have to tear down this system based on not being able to speak out."

Ghonim said he was blindfolded during his 12 days in the custody of state security so that he could not identify his interrogators, but he said that he was not physically tortured.

Part one of Ghonim's interview with Dream TV. For part two and a translation of both, [click here](#) for our live blog. All rights to video belong to Dream TV.

He described his abduction as a "crime which we are fighting", adding that the law that allows such actions such be changed - a reference to the country's emergency laws.

Al Jazeera's correspondent in the northern Egyptian city of Alexandria said the interview will "no doubt have a massive impact on the number of pro-democracy protesters" in the country.

"I expect their numbers to increase dramatically tomorrow and Friday because of this show," our correspondent said.

"The show also included an interview with a former state TV presenter who dismissed her previous employers as liars and propaganda artists for Mubarak.

"The show ended with a plea from her: 'To all the children watching this show, go to your parents, tell them: mum, dad, if you want me to have a brighter future, a good education, then take me to Tahrir square tomorrow.'"

Sparking the uprising

Activists said Ghonim was the person behind a page on the social networking site Facebook that is credited for helping spark the uprising in Egypt.

The "We are all Khaled Said" page and Facebook group was named after an Egyptian activist who rights groups said was beaten to death by police in the northern port city of Alexandria. Two officers are now facing trial in the case.

Pro-democracy protesters have continued their sit-in in Cairo's Tahrir Square since mass protests began on January 25. The demonstrations showed no signs of being appeased on Tuesday by talks between the government and opposition groups on Sunday.

But the number of protesters in the streets has decreased since the height of the protests on January 28, a day demonstrators billed the Day of Wrath.

However, immediately after Ghonim's interview on Dream TV on Monday, activists asserted that the blogger had breathed new life into the protests.

"Left breathless by Wael Ghonim. InshaAllah his sincerity & patriotism, beamed into Egypt's living rooms, will ignite this revolution #Jan25," Twitter user Desert_Dals wrote.

"My aunt called me crying after Ghonim's interview saying 'I'm going to Tahrir tomorrow! God Bless him! He made us proud!' Twitter user MennaGamal wrote on her account.

"Ghonim just became the mayor of Tahrir Square!" Twitter user AngelSavant wrote.

DFMorrison, another Twitter user wrote, "If you feel recharged by #Ghonim for the Egyptian Revolution to reach its goals, Retweet! #Tahrir #Egypt #25Jan."

23

10/2/2014

The UN says at least 300 people have been killed in the violence since the demonstrations began, with Human Rights Watch, the international rights group, putting the number killed in the cities of Cairo, Alexandria and Suez at 297 on Monday.

Ghoniim, in his interview on Monday, paid tribute to those killed.

"I want to say to every mother and every father that lost his child, I am sorry, but this is not our fault.

"I swear to God, this is not our fault. It is the fault of everyone who was holding on to power greedily and would not let it go."

Source: Al Jazeera and agencies

15 in Gaza

The story of a teenage girl in Gaza struggling to strike a balance between her dreams and her harsher reality



News | Opinion | In Depth | **Opinion** | Human Rights | Video | Blogs | Sport | Knowledgebase | Weather | World LIVE



LARGE | Pakistan anti-drone campaigner missing

The Independence of Cyberspace

15 years ago, John Perry Barlow published this declaration, a prophetic message that resonates just as strong today.

Last Modified: 03 Feb 2011 13:45

Like Tweet +1 0



The attempt by authorities to stifle dissent by disconnecting internet services in Egypt wasn't enough to prevent Egyptian online activists from spreading the message [Al Jazeera]

The declaration of Independence of Cyberspace

Governments of the Industrial World, you weary giants of flesh and steel, I come from Cyberspace, the new home of Mind. On behalf of the future, I ask you of the past to leave us alone. You are not welcome among us. You have no sovereignty where we gather.

We have no elected government, nor are we likely to have one, so I address you with no greater authority than that with which liberty itself always speaks. I declare the global social space we are building to be naturally independent of the tyrannies you seek to impose on us. You have no moral right to rule us nor do you possess any methods of enforcement we have true reason to fear.

Governments derive their just powers from the consent of the governed. You have neither solicited nor received ours. We did not invite you. You do not know us, nor do you know our world. Cyberspace does not lie within your borders. Do not think that you can build it, as though it were a public construction project. You cannot. It is an act of nature and it grows itself through our collective actions.

You have not engaged in our great and gathering conversation, nor did you create the wealth of our marketplaces. You do not know our culture, our ethics, or the unwritten codes that already provide our society more order than could be obtained by any of your impositions.

You claim there are problems among us that you need to solve. You use this claim as an excuse to invade our precincts. Many of these problems don't exist. Where there are real conflicts, where there are wrongs, we will identify them and address them by our means. We are forming our own Social

<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2011/02/20112971628223660.html>

1/4

TOP NEWS

- Homs mission continues as Syria talks resume
- Yemen to become six-region federation
- Squeezing out Switzerland's immigrants
- Pakistan anti-drone campaigner missing
- Report: Women claim Mandela is their father

OPINION

- The US and the Arab Awakening: Degrade?
- Who is behind Bosnia's riots?
- Saudi Olympics: One man show?
- Simbikangwa trial: The moment of reckoning
- Is spring at last in Bosnia and Herzegovina?

WHAT'S HOT

- VIEWED
- DISCUSSED
- Iranian poet executed for leading war on God
- Canada surge up Olympic medal table
- It's spring at last in Bosnia and Herzegovina
- Yemen to become six-region federation
- Squeezing out Switzerland's immigrants
- Nepal's municipal elections
- 15 in Gaza
- Turkey: The life of a battered woman
- Pakistan anti-drone campaigner missing
- Turkey and Israel 'close to reaching deal'

10/2/2014

Contract. This governance will arise according to the conditions of our world, not yours. Our world is different.

Cyberspace consists of transactions, relationships, and thought itself, arrayed like a standing wave in the web of our communications. Ours is a world that is both everywhere and nowhere, but it is not where bodies live.

We are creating a world that all may enter without privilege or prejudice accorded by race, economic power, military force, or political authority.

We are creating a world where anyone, anywhere may express his or her beliefs, no matter how singular, without fear of being consented into silence or conformity.

Your legal concepts of property, expression, identity, movement, and context do not apply to us. They are based on matter. There is no matter here.

Our identities have no bodies, so, unlike you, we cannot obtain order by physical coercion. We believe that from ethics, enlightened self-interest, and the commonweal, our governance will emerge. Our identities may be distributed across many of your jurisdictions. The only law that all our constituent cultures would generally recognise is the Golden Rule. We hope we will be able to build our particular solutions on that basis. But we cannot accept the solutions you are attempting to impose.

In the United States, you have today created a law, the Telecommunications Reform Act, which repudiates your own Constitution and insults the dreams of Jefferson, Washington, Mill, Madison, DeToqueville, and Brandeis. These dreams must now be born anew in us.

You are terrified of your own children, since they are natives in a world where you will always be immigrants. Because you fear them, you entrust your bureaucracies with the parental responsibilities you are too cowardly to confront yourselves. In our world, all the sentiments and expressions of humanity, from the debasing to the angelic, are parts of a seamless whole, the global conversation of bits. We cannot separate the air that strokes from the air upon which wings beat.

In China, Germany, France, Russia, Singapore, Italy and the United States, you are trying to ward off the virus of liberty by erecting guard posts at the frontiers of Cyberspace. These may keep out the contagion for a small time, but they will not work in a world that will soon be blanketed in bit-bearing media.

Your increasingly obsolete information industries would perpetuate themselves by proposing laws, in America and elsewhere, that claim to own speech itself throughout the world. These laws would declare ideas to be another industrial product, no more noble than pig iron. In our world, whatever the human mind may create can be reproduced and distributed infinitely at no cost. The global convergence of thought no longer requires your factories to accomplish.

These increasingly hostile and censorial measures place us in the same position as those previous lovers of freedom and self-determination who had to reject the authorities of distant, uninformed powers. We must declare our virtual selves immune to your sovereignty, even as we continue to consent to your rule over our bodies. We will spread ourselves across the Planet so that no one can arrest our thoughts.

We will create a civilisation of the Mind in Cyberspace. May it be more humane and fair than the world your governments have made before.

Davos, Switzerland
February 8, 1996

John Perry Barlow is a Fellow at Harvard University's Berkman Center for Internet and Society, he was also a founding member of the Electronic Frontier Foundation.

You can follow John Perry Barlow on twitter @JPBarlow

This article is published under a Creative Commons license.

The views expressed in this article are the author's own and do not necessarily reflect Al Jazeera's editorial policy.

Source: Electronic Frontier Foundation

FEATURED



Afghan casualties
New UN report found a 14 percent increase in civilian casualties in 2013.



Domestic violence
Domestic violence has soared in the past decade but shelters for abused women remain scarce.



Nepal women
In parts of rural Nepal, women are forced to isolate themselves in huts or caves during their menstruation period.



Zambia emeralds
Sm all-scale miners see potential in emeralds, but complain that government policies are far from cutting-edge.



Maternal mortality
About 3,000 mothers die every year while giving birth, due largely in lack of access to quality healthcare.



Recommended One person recommends this. Sign up to see what your friends recommend.

Tweet: 362

TOPICS IN THIS ARTICLE

People	Country	City	Organisation
John Perry Barlow	United States	Davos	Electronic Frontier

http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2011/10/2/201112071628223660.html

Egypt protesters gain ground

Labour unions stage country-wide strikes and pro-democracy supporters extend demonstrations to the parliament buildings.

Last Modified: 09 Feb 2011 11:49 GMT

Jacky Rowland reports from Tahrir Square on the newcomers swelling the ranks of Egypt's pro-democracy movement

The Egyptian cabinet building in Cairo has been evacuated and officials relocated after pro-democracy protesters gathered outside, sources tell Al Jazeera.

Pro-democracy demonstrations are gaining momentum in the Egyptian capital, with some protesters moving from Tahrir [Liberation] Square to camp out in the area outside the parliament buildings.

Protestors are demanding the assembly's immediate dissolution. Wednesday's developments came as public rallies calling for Hosni Mubarak to hand over power immediately entered their sixteenth day.

The president's message has thus far been that he will not leave until his term expires in September.

As a gesture of goodwill, 34 political prisoners, including members of the banned opposition group, Muslim Brotherhood, were reportedly released over the last two days.

The government seems to be scrambling under pressure from major powers and pro-democracy supporters, Al Jazeera's Stefanie Dekker reported from Cairo.

She said, however, that there are still an unknown number of people missing, including activists thought to be detained during the recent unrest.

Human Rights Watch reported that the death toll during the uprising has amounted to 302 since January 28, the bulk of fatalities coming from Cairo.

Egypt's health ministry denied the figures, however, saying that official statistics would be released shortly.

Union support

10/2/2014

Outside parliament, protesters gathered on Wednesday with blankets and had no plan to move, our correspondent reported. The demonstrators have a sign put up that says: "Closed until the fall of the regime".

Meanwhile, labour unions across Egypt, mobilised by the pro-democracy momentum, were staging strikes demanding higher wages and better treatment from their employers.

Strikes were taking place nationwide, including in Mahalla and Suez. Numbers are said to have reached around 10,000 workers at various factories in different cities over the past 24 hours, Al Jazeera correspondents reported.

"It is a significant gain for the pro-democracy supporters" if the unions get involved in demonstrations, Al Jazeera's Hoda Abdel-Hamid reported from Cairo.

Tahrir Square resembled a tented city on Wednesday, as protests - attended by many first-timers - reached some of their highest numbers on Tuesday.

Many feel this showed that the movement, now in its third week, still has momentum.

Protesters are "more emboldened by the day and more determined by the day", Ahmad Salah, an Egyptian activist, told Al Jazeera from Cairo on Wednesday. "This is a growing movement, it's not shrinking."

"People feel very strongly here," Al Jazeera's Dekker said.

She said people in Tahrir Square were angered by a visit from Tamer Hosni, a famous Arab pop star, on Wednesday morning.

Hosni previously made statements telling the demonstrators to leave the square, saying that Mubarak had offered them concessions. "His comments really did not go down very well," our correspondent said. The crowd reacted angrily and the military had to intervene to keep them away from him.

Another Al Jazeera correspondent, reporting from Cairo, said there was also renewed international element to the demonstrations, with Egyptians from abroad returning to join the pro-democracy camp.

There is even an internet campaign aimed at mobilising thousands of expatriates to return and support the uprising, our correspondent said.

Newcomers joining

Many newcomers who joined Cairo's protesters said they had been inspired in part by the release of Wael Ghonim, the Google executive, previously held by state security authorities.

Ghonim was the person behind a page called "We are all Khaled Said" on the social networking site Facebook, which is being credited for helping spark the uprising in Egypt.

Amr Fatouh, a surgeon, said he had joined the protests for the first time.

"I hope people will continue and more people will come. At first, people did not believe the regime would fall but that is changing," he said.

Ban Ki-moon, the UN chief, said on Tuesday that genuine dialogue was needed to end the current crisis, and that a peaceful transition was crucial.

"The Egyptian people are clearly frustrated, and are calling for bold reforms. It is incumbent on the Egyptian leadership - and that of any other country in the world - to listen attentively to the legitimate concerns and aspirations of their people," he said.

US vice president Joe Biden, in a telephone conversation with his Egyptian counterpart Omar Sulciman, on Tuesday called for increased dialogue between opposing sides.

Biden suggested several steps, including an immediate abolition of the country's emergency laws, that give sweeping powers to the security forces. He also suggested halting the arrest of journalists and activists, and involving more



[Click here for more on Al Jazeera's special coverage](#)

2/3

10/2/2014

opposition members in negotiations.

Suleiman warned on Tuesday that his government "can't put up with continued protests" for a long time, saying the crisis must be ended as soon as possible.

Suleiman said there will be "no ending of the regime" and no immediate departure for Mubarak, the state news agency MENA reported from a meeting between the vice-president and independent newspapers.

Suleiman reportedly told the editors of the newspapers that the regime wants dialogue and doesn't "want to deal with Egyptian society with police tools."

At one point in the roundtable meeting, Suleiman warned that the alternative to dialogue "is that a coup happens, which would mean uncalculated and hasty steps, including lots of irrationalities. We don't want to reach that point, to protect Egypt."

'Very dangerous'

Pressed by the editors to explain the comment, he said he did not mean a military coup but that "a force that is unprepared for rule" could overturn state institutions, Amr Khafagi, editor-in-chief of the privately owned *Shorouk* daily, who attended the briefing, said.

Suleiman warned that calls by some protesters for a campaign of civil disobedience are "very dangerous for society and we can't put up with this at all."

This comes after he announced a slew of constitutional and legislative reforms, to be undertaken by yet to be formed committees.

Earlier on Tuesday, Suleiman said a plan was in place for the peaceful transfer of power.

He said demonstrators will not be prosecuted and an independent fact-finding committee would be established to probe the violence on February 2.

Source: Al Jazeera and agencies

Hide Comments

10/2/2014



The tool for revolution?

We discuss if social media can really be credited with sparking the recent uprisings across the Middle East.

Inside Story Last Modified: 10 Feb 2011 12:23 GMT

While the Egyptian government's alleged response to the unrest appears to be shutting down or limiting access to social networking sites, mobile phones and the Internet across the country, users are reportedly finding other alternatives to stay connected.

Social media has been dubbed the new tool for revolutionaries.

The seeds were sown in 2009 when Twitter was credited with the protests following the Iranian elections.

Debate followed the Tunisian uprising that saw the ousting of Zine el-Abidin Ben Ali earlier this year as to whether it was the first Twitter revolution.

And now in Egypt, the role of social media in mobilising the people has once again come into focus.

But with many of the protesters on the ground having little or no access to the internet in Egypt, can social media really be credited with what is happening across the Middle East?

Joining us to discuss these issues are: Courtney Radsch, a senior programme officer managing the Global Freedom of Expression campaign for Freedom House; Mohammad al-Abdallah, the programme officer at the International Center for Journalists (ICFJ); Jillian York, the project coordinator at the Berkman Center for Internet and Society at Harvard University; and Omar Offendum, an Arab-American hip-hop artist.

This episode of *Inside Story* aired from Wednesday, February 9, 2011.

Source: Al Jazeera

Hide Comments

1/2

10/2/2014



Hosni Mubarak resigns as president

Egyptian president stands down and hands over power to the Supreme Council for the Armed Forces.

Last Modified: 11 Feb 2011 10:39 GMT



Pro-democracy protesters in Tahrir Square have vowed to take the protests to a 'last and final stage' [AFP]

Hosni Mubarak, the Egyptian president, has resigned from his post, handing over power to the armed forces.

Omar Suleiman, the vice-president, announced in a televised address that the president was "waiving" his office, and had handed over authority to the Supreme Council of the armed forces.

Suleiman's short statement was received with a roar of approval and by celebratory chanting and flag-waving from a crowd of hundreds of thousands in Cairo's Tahrir Square, as well by pro-democracy campaigners who attended protests across the country on Friday.

The crowd in Tahrir chanted "We have brought down the regime", while many were seen crying, cheering and embracing one another.

Mohamed ElBaradei, an opposition leader, hailed the moment as being the "greatest day of my life", in comments to the Associated Press news agency.

"The country has been liberated after decades of repression," he said.

"Tonight, after all of these weeks of frustration, of violence, of intimidation ... today the people of Egypt undoubtedly [feel they] have been heard, not only by the president, but by people all around the world," our correspondent at Tahrir Square reported, following the announcement.

"The sense of euphoria is simply indescribable," our correspondent at Mubarak's Heliopolis presidential palace, where at least ten thousand pro-democracy activists had gathered, said.

1/4

10/2/2014

"I have waited, I have worked all my adult life to see the power of the people come to the fore and show itself. I am speechless." Dina Magdi, a pro-democracy campaigner in Tahrir Square told Al Jazeera.

"The moment is not only about Mubarak stepping down, it is also about people's power to bring about the change that no-one ... thought possible."

In Alexandria, Egypt's second city, our correspondent described an "explosion of emotion". He said that hundreds of thousands were celebrating in the streets.

Pro-democracy activists in the Egyptian capital and elsewhere had earlier marched on presidential palaces, state television buildings and other government installations on Friday, the 18th consecutive day of protests.

Anger at state television

At the state television building earlier in the day, thousands had blocked people from entering or leaving, accusing the broadcaster of supporting the current government and of not truthfully reporting on the protests.

"The military has stood aside and people are flooding through [a gap where barbed wire has been moved aside]," Al Jazeera's correspondent at the state television building reported.

He said that "a lot of anger [was] generated" after Mubarak's speech last night, where he repeated his vow to complete his term as president.

'Gaining momentum'

Outside the palace in Heliopolis, where at least ten thousand protesters had gathered in Cairo, another Al Jazeera correspondent reported that there was a strong military presence, but that there was "no indication that the military want[ed] to crack down on protesters".

She said that army officers had engaged in dialogue with protesters, and that remarks had been largely "friendly".

Tanks and military personnel had been deployed to bolster barricades around the palace.

Our correspondent said the crowd in Heliopolis was "gaining momentum by the moment", and that the crowd had gone into a frenzy when two helicopters were seen in the air around the palace grounds.

"By all accounts this is a highly civilised gathering, people are separated from the palace by merely a barbed wire ... but nobody has even attempted to cross that wire," she said.



As crowds grew outside the palace, Mubarak left Cairo on Friday for the Red Sea resort of Sharm al-Shaikh, according to sources who spoke to Al Jazeera.

In Tahrir Square, hundreds of thousands of protesters gathered, chanting slogans against Mubarak and calling for the military to join them in their demands.

Our correspondent at the square said the "masses" of pro-democracy campaigners there appeared to have "clear resolution" and "bigger resolve" to achieve their goals than ever before.

However, he also said that protesters were "confused by mixed messages" coming from the army, which has at times told them that their demands will be met, yet in communiqués and other statements supported Mubarak's staying in power until at least September.

Army statement

In a statement read out on state television at midday on Friday, the military announced that it would lift a 30-year-old emergency law but only "as soon as the current circumstances end".

The military said it would also guarantee changes to the constitution as well as a free and fair election, and it called for normal business activity to resume.

IN VIDEO

2/4

10/2/2014

Al Jazeera's correspondent in Tahrir Square said people there were hugely disappointed with that army statement, and had vowed to take the protests to "a last and final stage".

"They're frustrated, they're angry, and they say protests need to go beyond Liberation [Tahrir] Square, to the doorstep of political institutions," she said.

Protest organisers have called for 20 million people to come out on "Farewell Friday" in a final attempt to force Mubarak to step down.

Alexandria protests

Hossam El Hamalawy, a pro-democracy organiser and member of the Socialist Studies Centre, said protesters were heading towards the presidential palace from multiple directions, calling on the army to side with them and remove Mubarak.

"People are extremely angry after yesterday's speech," he told Al Jazeera. "Anything can happen at the moment. There is self-restraint all over but at the same time I honestly can't tell you what the next step will be ... At this time, we don't trust them [the army commanders] at all."

An Al Jazeera reporter overlooking Tahrir said the side streets leading into the square were filling up with crowds.

"It's an incredible scene. From what I can judge, there are more people here today than yesterday night," she said.

"The military has not gone into the square except some top commanders, one asking people to go home ... I don't see any kind of tensions between the people and the army but all of this might change very soon if the army is seen as not being on the side of the people."

Hundreds of thousands were participating in Friday prayers outside a mosque in downtown Alexandria, Egypt's second biggest city.

Thousands of pro-democracy campaigners also gathered outside a presidential palace in Alexandria.

Egyptian television reported that large angry crowds were heading from Giza, adjacent to Cairo, towards Tahrir Square and some would march on the presidential palace.



Hundreds of thousands of protesters havehered in the port city of Alexandria [AFP]

Protests are also being held in the cities of Mansoura, Mahala, Tanta, Ismailia, and Suez, with thousands in attendance.

Violence was reported in the north Sinai town of el-Arish, where protesters attempted to storm a police station. At least one person was killed, and 20 wounded in that attack, our correspondent said.

Dismay at earlier statement

In a televised address to the nation on Thursday, Mubarak said he was handing "the functions of the president" to Vice-President Omar Suleiman. But the move means he retains his title of president.

Halfway through his much-awaited speech late at night, anticipation turned into anger among protesters camped in Tahrir Square who began taking off their shoes and waving them in the air.

Immediately after Mubarak's speech, Suleiman called on the protesters to "go home" and asked Egyptians to "unite and look to the future."

Union workers have joined the protests over the past few days, effectively crippling transportation and several industries, and dealing a sharper blow to Mubarak's embattled regime.

Source: Al Jazeera and agencies

ANEXO II: Lista e endereço eletrônico das matérias analisadas:

1. AL JAZEERA. *Egypt protesters clash with police*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112511362207742.html> Acesso em: 12/06/2013.
2. AL JAZEERA. *Egypt protesters escalate*. Disponível em: <http://storify.com/ajelive/egyptian-uprising-escalates>. Acesso em: 12/06/2013.
3. AL JAZEERA. *Egypt protesters on twitter*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112523026521335.html>. Acesso em: 12/06/2013.
4. AL JAZEERA. *Fresh anti-govt protest in Egypt*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112663450547321.html> Acesso em: 12/06/2013.
5. AL JAZEERA. *Is Mubarak's rule threatened?* Disponível em: <http://www.aljazeera.com/programmes/insidestory/2011/01/20111277354610493.html> Acesso em: 12/06/2013.
6. AL JAZEERA. *Protesters torch Egypt police post*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112734210243448.html> Acesso em: 12/06/2013.
7. AL JAZEERA. *Online activism fuels Egypt protest*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/2011128102253848730.html> Acesso em: 13/06/2013.
8. AL JAZEERA. *Egypt supporters rally worldwide*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/europe/2011/01/201112815843772129.html> Acesso em: 13/06/2013.
9. AL JAZEERA. *Egypt: Arab world reacts via SMS*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/spotlight/anger-in-egypt/2011/01/20111281451788299.html> Acesso em: 13/06/2013.
10. AL JAZEERA. *Egypt braces for protest showdown*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112872822412808.html> Acesso em: 13/06/2013.
11. AL JAZEERA. *Protesters across Egypt defy curfew*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112816845606511.html> Acesso em: 13/06/2013.

12. AL JAZEERA. *Egypt tense ahead of protests*. Disponível em:
<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112804035404906.html>.
Acesso em 13/06/2013.
13. AL JAZEERA. *When Egypt turned off the internet*. Disponível em:
<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/2011128796164380.html> Acesso em: 13/06/2013.
14. AL JAZEERA. *Egypt not trending in China*. Disponível em:
<http://www.aljazeera.com/news/asia-pacific/2011/01/201112991712140318.html>
Acesso em: 17/06/2013.
15. AL JAZEERA. *Egyptian youth and new dawn hopes*. Disponível em:
<http://www.aljazeera.com/indepth/features/2011/01/2011129081571546.html> Acesso em: 17/06/2013.
16. AL JAZEERA. *Live messages from Egypt*. Disponível em:
<http://www.aljazeera.com/indepth/2011/01/2011130154410297213.html> Acesso em: 17/06/2013.
17. AL JAZEERA. *Is Egypt ready for real change*. Disponível em:
<http://www.aljazeera.com/indepth/spotlight/anger-in-egypt/2011/01/2011130145537563983.html> Acesso em: 17/06/2013.
18. AL JAZEERA. *Spy chief made Mubarak deputy*. Disponível em:
<http://www.aljazeera.com/video/middleeast/2011/01/201113041519540360.html>
Acesso em: 17/06/2013.
19. AL JAZEERA. *A multi-media uprising?* Disponível em:
<http://www.aljazeera.com/indepth/features/2011/02/201121124120857925.html>
Acesso em: 17/06/2013.
20. AL JAZEERA. *Blogging on the Nile*. Disponível em:
<http://www.aljazeera.com/programmes/witness/2011/02/20112181938841767.html>
Acesso em: 17/06/2013.
21. AL JAZEERA. *The future of Egypt's internet*. Disponível em:
<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2011/02/20112174317974677.html> Acesso em: 17/06/2013.
22. AL JAZEERA. *Mubarak concessions 'insufficient'*. Disponível em:
<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/20112272918301323.html> Acesso em: 17/06/2013.

23. AL JAZEERA. *Media in the line of fire in Egypt* Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/201123131258705359.html>
Acesso em: 17/06/2013.
24. AL JAZEERA. *The Media Battle for Egypt*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/programmes/listeningpost/2011/02/201125105032750179.html>
ml Acesso em: 17/06/2013.
25. AL JAZEERA. *Shocking 'Egypt images' emerge*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/video/middleeast/2011/02/201127184024139962.html>
Acesso em: 18/06/2013.
26. AL JAZEERA. *Freed cyber activist lauds protests*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/20112722535988460.html> Acesso em: 18/06/2013.
27. AL JAZEERA. *Independence of Cyberspace*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2011/02/20112971628223660.html> Acesso em: 18/06/2013.
28. AL JAZEERA. *Egypt protesters gain ground*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/201129103224329921.html>
Acesso em: 18/06/2013.
29. AL JAZEERA. *The tool for revolution?* Disponível em: <http://www.aljazeera.com/programmes/insidestory/2011/02/201121010514154634.html>
Acesso em: 19/06/2013.
30. AL JAZEERA. *Hosni Mubarak resigns as presidente!* Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/201121125158705862.html>
Acesso em: 19/06/2013.
31. AL JAZEERA. *Hosni Mubarak resigns as presidente!* Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/201121125158705862.html>
Acesso em: 19/06/2013.

APÊNDICE – Tabelas de análise: critérios de presença/ausência das categorias de análise

<i>Egypt protesters clash with police</i>	<i>25 de janeiro</i>
Pautada por redes sociais	X
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112511362207742.html>

<i>Egypt protesters escalate</i>	<i>25 de janeiro</i>
Pautada por redes sociais	X
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	X
Utilizou vídeo de redes sociais	X
Utilizou áudio de redes sociais	X

<http://storify.com/ajelive/egyptian-uprising-escalates>

<i>Egypt protesters on twitter</i>	<i>25 de janeiro</i>
Pautada por redes sociais	X
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	X
Utilizou vídeo de redes sociais	X
Utilizou áudio de redes sociais	X

<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112523026521335.html>

<i>Fresh anti-govt protest in Egypt</i>	<i>26 de janeiro</i>
Pautada por redes sociais	
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	X
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112663450547321.html>

<i>Is Mubarak's rule threatened?</i>	<i>27 de janeiro</i>
Pautada por redes sociais	
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	X
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/programmes/insidestory/2011/01/20111277354610493.html>

<i>Protesters torch Egypt police post</i>	<i>27 de janeiro</i>
Pautada por redes sociais	
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	X
Utilizou áudio de redes sociais	X

<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112734210243448.html>

Online activism fuels Egypt protest	<i>28 de janeiro</i>
Pautada por redes sociais	X
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	X
Utilizou vídeo de redes sociais	X
Utilizou áudio de redes sociais	X

<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/2011128102253848730.html>

Egypt supporters rally worldwide	<i>28 de janeiro</i>
Pautada por redes sociais	
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/news/europe/2011/01/201112815843772129.html>

Egypt: Arab world reacts via SMS	<i>28 de janeiro*</i>
Pautada por redes sociais	
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/indepth/spotlight/anger-in-egypt/2011/01/20111281451788299.html>

<i>Egypt braces for protest showdown</i>	<i>28 de janeiro*</i>
Pautada por redes sociais	
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112872822412808.html>

<i>Protesters across Egypt defy curfew</i>	<i>28 de janeiro</i>
Pautada por redes sociais	
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112816845606511.html>

<i>Egypt tense ahead of protests</i>	<i>28 de janeiro</i>
Pautada por redes sociais	
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/201112804035404906.html>

<i>When Egypt turned off the internet</i>	<i>28 fevereiro</i>
Pautada por redes sociais	X
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/01/2011128796164380.html>

Egypt not trending in China	<i>29 de janeiro</i>
Pautada por redes sociais	X
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/news/asia-pacific/2011/01/201112991712140318.html>

Egyptian youth and new dawn hopes	<i>29 de janeiro</i>
Pautada por redes sociais	
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/indepth/features/2011/01/2011129081571546.html>

Live messages from Egypt	<i>30 de janeiro**</i>
Pautada por redes sociais	
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/indepth/2011/01/2011130154410297213.html>

Is Egypt ready for real change?	<i>30 de janeiro**</i>
Pautada por redes sociais	
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/indepth/spotlight/anger-in-egypt/2011/01/2011130145537563983.html>

<i>Spy chief made Mubarak deputy</i>	<i>31 de janeiro</i>
Pautada por redes sociais	
Utilizou fonte de redes sociais	
Utilizou texto de redes sociais	
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/video/middleeast/2011/01/201113041519540360.html>

<i>A multi-media uprising?</i>	<i>01 fevereiro</i>
Pautada por redes sociais	X
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	X
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/indepth/features/2011/02/201121124120857925.html>

<i>Blogging on the Nile</i>	<i>01 fevereiro</i>
Pautada por redes sociais	X
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	X
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/programmes/witness/2011/02/20112181938841767.html>

<i>The future of Egypt's internet</i>	<i>01 fevereiro</i>
Pautada por redes sociais	X
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	X
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2011/02/20112174317974677.html>

<i>Mubarak concessions 'insufficient'</i>	<i>02 fevereiro</i>
Pautada por redes sociais	
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/20112272918301323.html>

<i>Media in the line of fire in Egypt</i>	<i>03 fevereiro</i>
Pautada por redes sociais	
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/201123131258705359.html>

<i>The Media Battle for Egypt</i>	<i>03 fevereiro</i>
Pautada por redes sociais	
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	X
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/programmes/listeningpost/2011/02/201125105032750179.html>

<i>Shocking 'Egypt images' emerge</i>	<i>07 fevereiro</i>
Pautada por redes sociais	X
Utilizou fonte de redes sociais	
Utilizou texto de redes sociais	
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	X
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/video/middleeast/2011/02/201127184024139962.html>

<i>Freed cyber activist lauds protests</i>	<i>07 fevereiro</i>
Pautada por redes sociais	X
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	X
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	X
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/20112722535988460.html>

<i>Independence of Cyberspace</i>	<i>09 fevereiro</i>
Pautada por redes sociais	X
Utilizou fonte de redes sociais	
Utilizou texto de redes sociais	x
Utilizou foto de redes sociais	x
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2011/02/20112971628223660.html>

<i>Egypt protesters gain ground</i>	<i>09 fevereiro</i>
Pautada por redes sociais	
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	x
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/201129103224329921.html>

<i>The tool for revolution?</i>	<i>09 fevereiro</i>
Pautada por redes sociais	X
Utilizou fonte de redes sociais	X
Utilizou texto de redes sociais	x
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/programmes/insidestory/2011/02/201121010514154634.html>

<i>Hosni Mubarak resigns as president</i>	<i>11 fevereiro</i>
Pautada por redes sociais	
Utilizou fonte de redes sociais	x
Utilizou texto de redes sociais	
Utilizou foto de redes sociais	
Utilizou vídeo de redes sociais	
Utilizou áudio de redes sociais	

<http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2011/02/201121125158705862.html>

APÊNDICE II: entrevistas

Aqui estão relacionadas as entrevistas, feita via e-mail ou Twitter, com algumas fontes da pesquisa.

E-mail nº 1 – Contato com o professor McCombs

Hello, dear professor McCombs

I know that you are a very busy person, so I would be very happy if you could read this email. And even more happy if you could answer it.

My name is Gustavo C. Lopes. I'm a brazilian journalist and researcher. I am doing MA in Communication at the University of Brasilia (UNB).

In my dissertation I intend to make it one of the hundreds of researchers who have benefited from the exploratory possibilities of Agenda-Setting. My approach is a little different from the classic configuration of the theory.

I intend to research the role of social networks in building media agenda. That is, a reversal in the flow of agenda-setting. My empirical object is the Arab Spring. I want to see how social mobilization through social networks on the Internet has influenced the media agenda.

I'm preparing for qualifying this time and it would be amazing to hear what the "father of the theory" think about it.

Do you think that there may be, in this case a reverse flow of agenda-setting?

Do you consider this inversion as a variation of the theory? Or just an isolated case?

It is possible that the public (or public opinion) sets the agenda for the media?

Do you think social networks have this power?

How it affects journalism, in your opinion?

I would have more questions for you, but do not want to take (even more) your time.

Thank you very, very much.

And a great new year!

A hug,

--

Gustavo Chaves Lopes

Jornalista - MTB 8492

(61) 9153-3123

@gustavochlopes

slideshare

portfolio

E-mail nº 2: resposta do professor McCombs

MAXWELL MCCOMBS maxwell.mccombs@sbcglobal.net

20/01/13

Dear Gustavo,

You have selected an interesting research topic. Although we know much about how organized public relations and organized political and interest groups influence the media agenda, we know much less about the influence of the social media. From what we do know, there appear to be two very different settings. One that has attracted considerable attention are situations like the Arab Spring where the traditional media are under the control of the government and widely distrusted. The ongoing conflict in Syria is another. In these circumstances, the social media are very important and at times have considerable impact on the local public and on the agenda of the news media outside the country. The situation under more stable conditions, such as the U.S., is that the social media have some influence from time to time, but that for the most part the social media are amplifying and distributing the agenda of the mainstream media. I have attached a massive study of Twitter by the Hewlett-Packard Labs that reports this finding.

I will be interested in your results from Brazil. Best wishes,

Max McCombs

From: Gustavo Chaves Lopes <jornal.gustavo@gmail.com>

Date: Sat, Jan 12, 2013 at 4:55 PM

Subject: Questions of a researcher from Brazil

To: maxmccombs@mail.utexas.edu, laura.byerley@austin.utexas.edu

E-mail 3: resposta ao professor McCombs

Dear Professor McCombs

First of all, thank you for your attention. And thanks for your comments and the article. Will be very useful in my research.

In fact, I also see the influence of social networks in this way. It is a seasonal impact on the media agenda. Much depends on the social and political context, or some major event.

I'll qualify (qualification here is like a "pre dissertation") next week and hear from you about was very important.

Once the material is ready I'll try to translate and send to you.

One more time Thank you so much.

Gustavo Chaves Lopes jornal.gustavo@gmail.com

E-mail nº 4: entrevista com Tine Ustad Figenschou, autora do livro *Al Jazeera and the Global Media Landscape: The South is Talking Back*

Hi ,Tine! How are you?

My name is Gustavo Lopes , I'm a Brazilian journalist and researcher . I am finishing up my masters in communication and my object of study is the coverage of Al Jazeera about the Arab Spring .

My hypothesis is that social networks have reversed Agenda Setting Theory. That is, the public has influenced the media agenda .

I learned just now from your book . Have I made the order at a bookstore here . But I fear that will not arrive in time . My defense is in December.

So , would you mind answering a few questions ?

First of all , congratulations on the book.

Do you think it possible that the protesters (through social networks) have influenced the media agenda ?

In your research you found new flows of agenda coming of social networks ?

If yes , do you believe that this may be a trend for journalism ?

Well , would have much more to ask, but do not want to take your time .

Thank you very much .

Sincerely .

--

E-mail nº 5: resposta de Tine Ustad Figenschou

Dear Gustavo, thank you for showing interest in my work!

You ask important and interesting questions, that are complicated to answer in a few sentences, and I am not even sure I can answer them properly.

I have attached a draft section from the book where I discuss Al Jazeera English's comparative advantages in

the Arab Spring uprisings. This is a draft version that cannot be circulated or quoted without contacting me again.

As I said, above, I am not sure if i answer your questions fully, but hope it is somewhat helpful...

And, good luck with your research, if it is in English it would be interesting to read it.

Kindly,

Tine

Tine Ustad Figenschou, PhD

Postdoctoral Fellow

Department of Media and Communication, University of Oslo

<http://www.hf.uio.no/imk/english/people/aca/tineuf/index.html>

Mobile phone: +47 92436104

tineuf@media.uio.no

E-mail nº 6: resposta à Tine

Tine ..

Your draft will help me a lot. Thank you!

I can quote you in my work?

I had promised to Professor McCombs to send a copy to him in English. He helped me in the beginning of the research. So, I will send one to you, who helped me in the end.

Thank you, again!

E-mail nº 7: resposta de Tine

Hi gain, you can quote me, but have to let me know what quotes you are using so that I can forward you the correct reference details.

Best,

Tine

Tine Ustad Figenschou, PhD

Department of Media and Communication, University of Oslo

<http://www.hf.uio.no/imk/english/people/aca/tineuf/index.html>

Mobile phone: +47 92436104

tineuf@media.uio.no

Tweet nº 1: conversa com a jornalista Rawya Rageh, da Al Jazeera



Gustavo Chaves Lopes @gustavochlopes · 14 de fev

Hi @RawyaRageh 1st, thanks for the tips were very useful. I wonder if you used social networks to produce this news: aljazeera.com/news/middleeas...

Expandir

Responder Excluir Curtir Mais



Rawya Rageh @RawyaRageh · 15 de fev

@gustavochlopes yes, social media was widely used that day

Ocultar conversa

Responder Retweetar Curtir Mais

06:46 - 15 de fev de 2013 · Detalhes

Responder a @RawyaRageh